

III Encontro de Tradução: discussões sobre língua e cultura

CADERNO DE ARTIGOS

Artigos referentes aos trabalhos apresentados no
**III ENCONTRO DE TRADUÇÃO: DISCUSSÕES SOBRE LÍNGUA E
CULTURA**

COMISSÃO ORGANIZADORA DO EVENTO

CAMILA TEIXEIRA SALDANHA (UFSC)

MARIA JOSÉ LAIÑO (UFFS)

NOEMI TELES DE MELO (UFJF)

TrACEF
Tradução, Cognição, Ensino e Funcionalismo

TRACEF
TRADUÇÃO, CULTURA, ENSINO E FUNCIONALISMO
2023





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Encontro de Tradução (3. : 2023 : Juiz de Fora, MG)
III Encontro de tradução [livro eletrônico] :
discussões sobre língua e cultura : caderno de
artigos / organização Camila Teixeira Saldanha,
Maria José Laiño, Noemi Teles de Melo. -- 1. ed. --
Juiz de Fora, MG : Ed. dos Autores, 2023.

PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-00-68412-4

1. Cultura 2. Fraseologia 3. Tradução
4. Tradução e interpretação - Técnica I. Saldanha,
Camila Teixeira. II. Laiño, Maria José. III. Melo,
Noemi Teles de. IV. Título.

23-153892

CDD-418.02

**CAMILA TEIXEIRA SALDANHA
MARIA JOSÉ LAIÑO
NOEMI TELES DE MELO
[ORGANIZADORAS]**



CADERNO DE RESUMOS

**III Encontro de Tradução: discussões sobre língua e
cultura**

Tradução, Cognição, Ensino e Funcionalismo

2023



Coordenação Geral

Prof. Camila Teixeira Saldanha

Prof. Maria José Laiño

Prof. Noemi Teles de Melo

Apoio

Universidade Federal de Santa Catarina

Universidade Federal da Fronteira Sul

Universidade Federal de Juiz de Fora

Comissão Científica

Prof. Camila Teixeira Saldanha

Prof. Maria José Laiño

Prof. Noemi Teles de Melo

Comissão Organizadora

Prof. Camila Teixeira Saldanha

Prof. Maria José Laiño

Prof. Noemi Teles de Melo

Revisão Final

Cleusa I. P. Raimundo

Suporte Técnico

Wharley dos Santos


TracCEF

Tradução, Cognição, Ensino e Funcionalismo

O conteúdo dos resumos reunidos neste Caderno de Resumos é de responsabilidade de seus autores.

Apresentação

O “III Encontro de Tradução: discussões sobre língua e cultura” é uma iniciativa do TraCEF (Grupo de Pesquisa Tradução, Cognição, Ensino e Funcionalismo – CNPq/UFSC/UFS/UFJF) e coordenado pelas professoras Camila Teixeira Saldanha (UFSC), Maria José Laiño (UFS) e Noemi Teles de Melo (UFJF). O evento tem como objetivo promover um espaço de debate voltado à área dos Estudos da Tradução, abarcando diversos temas e perspectivas no âmbito desta disciplina.



Camila Teixeira Saldanha
Maria José Laiño
Noemi Teles de Melo
Coordenadoras

TraCEF

Tradução, Cognição, Ensino e Funcionalismo

Sumário

Sobre a Floresta e as Árvores: Refletindo sobre a Tradução a partir dos Sistemas Sociais que a Influenciam.....	7
A Tradução de Expressões Idiomáticas em Legendas da Série <i>Brooklyn Nine-Nine</i> pelo <i>Fansub Legendas em Série</i>	14
O Fazer Tradutório no Contexto da Pós-edição: uma Proposta de Análise a partir das Estratégias de Tradução	20
Análise e Reflexões sobre a Pesquisa em Tradução Sonora e o Caso <i>Humpty Dumpty. É de Pequenininho que se Torce o Pepino</i> : Fraseologia no Ensino de Língua Espanhola..	26
Aprender Alemão é Delicioso! Culturemas Presentes em Gastronômicos no Ensino de Alemão por Meio de Aplicativo	39
<i>Tip You the Wink</i> : Elaboração de Uma Unidade Didática para o Ensino de Inglês no Nível B2 à Luz de Fraseologismos.....	46
<i>The Recognitions</i> , de William Gaddis: Originalidade, Autenticidade e Tradução.....	53
Time Constraints in Translation: Questions of Quality and Efficiency.....	60
Who Lives, Who Dies, Who Tells Your Story: a Tradução de Canção no Musical ‘Hamilton’	66
Tradução Funcionalista em Sala de Aula de LE.....	72
A Tradução do Guia Turístico de Porto Velho: a (In)Traduzibilidade dos Culturemas Presentes no Material	78
A Estética da Recepção em “Carta de um Louco”: uma Análise a partir do Efeito Estético da <i>Katharsis</i>	85
A aplicação de atividades de tradução em sala de aula na Licenciatura em Letras-Inglês da UAL-UFCG	91
Tradução e Reescrita na Localização de Jogos Digitais no Brasil: um Estudo da Transcrição em <i>Cyberpunk 2077</i>	98
A Escrita Antropofágica de Carolina Maria de Jesus e Sua Tradução para o Inglês em <i>The Unedited Diaries</i>	104
La Batalla del Traductor: una Voz Desde el Sur	109

SOBRE A FLORESTA E AS ÁRVORES: REFLETINDO SOBRE A TRADUÇÃO A PARTIR DOS SISTEMAS SOCIAIS QUE A INFLUENCIAM

Daniel Alves (Universidade Federal da Paraíba; daniel@cchla.ufpb.br)

A partir de um arcabouço teórico que promove uma visão relativista — admitindo de antemão que um único objeto pode ser observado a partir de visões concorrentes — e que compreende a tradução como um processo historicizado, nuançado e condicionado por múltiplas forças, esta comunicação busca compreender as decisões e comportamentos do indivíduo em relação ao seu contexto de atuação e às expectativas sociais em torno de sua atuação. Nesse contexto, tomando Johnson (2008) como base e trazendo-o para o debate dos Estudos da Tradução, são reenquadradas discussões promovidas por autores/as como Lawrence Venuti, Luise von Flotow e Sherry Simon, com vistas a refletir sobre os sistemas sociais e os espaços de escolha e ação individual que envolvem a tradução, levantando questionamentos sobre invisibilidade e sobre a tomada de decisões tradutórias condicionadas por valores subjacentes aos textos.

Johnson (2008, p. 13) define sistemas sociais como sendo as “estruturas maiores das quais participamos” em uma sociedade, ou, ainda nas palavras do autor, “as coleções de partes ou de elementos que estão conectados de formas coerentes, formando algum tipo de todo”. O autor defende a importância de se observarem as regras próprias de cada sistema, estejam elas codificadas na forma de normas/leis, estejam elas construídas na forma de expectativas sociais (que podem ser reforçadas como caminhos de menor resistência), e, a partir daí, tentar compreender os comportamentos que os diferentes indivíduos podem ter em relação aos sistemas nos quais estão envolvidos/as. Outro ponto destacado por Johnson é o reconhecimento de que as regras — mesmo quando codificadas na forma de leis — não determinam completamente os comportamentos individuais e sempre existem espaços para tomadas de decisões: seja aderindo às normas, seja contestando-as, seja obedecendo-as de forma crítica.

Sob esse prisma dos sistemas sociais, busca-se nesta comunicação promover uma reflexão acerca dos sistemas sociais envolvidos na tradução e dos caminhos de menor resistência que se abrem para nós, enquanto tradutores/as — incluindo as consequências (positivas e/ou negativas) que as nossas participações nesses sistemas têm para nós enquanto indivíduos. No contexto dos Estudos da Tradução, duas discussões foram escolhidas para serem reenquadradas sob essa perspectiva, a saber: as noções de

invisibilidade, proposta por Lawrence Venuti, e de tradução feminista, promovida por autoras como von Flotow (1991), Simon (1996), Spivak (2000) e Bertacco (2003).

No livro *The Translator's Invisibility*, de 1995, Venuti aborda a situação de invisibilidade do tradutor nas culturas britânica e norte-americana, abrangendo dois fenômenos: (a) o efeito ilusionista do discurso, da própria manipulação da linguagem pelo tradutor, que, como o autor destaca, esconde uma série de condições sob as quais as traduções são produzidas; e (b) a prática predominante de ler e avaliar traduções a partir de um critério de fluência na língua-alvo: isso significa dizer que traduções tendem a ser consideradas boas quando são transparentes, quando não parecem ser traduções, quando parecem ser textos originalmente escritos na língua-alvo. Essa expectativa de fluência pode ser vista no trabalho de diferentes tradutoras e tradutores — que constroem textos-alvos transparentes e o fazem ao trabalhar na tradução dos mais diferentes gêneros: literários, textos técnico-científicos, romances, cardápios. Ao reenquadrar a invisibilidade sob a visão dos sistemas sociais, é possível dizer que a busca pela fluência não é fruto de decisões de vários indivíduos isolados, mas, sim, uma forma como diferentes indivíduos respondem a um mesmo sistema social.

Assim como se discutem sistemas sociais, a forma como nós, tradutores, interagimos com essa expectativa de fluência/transparência tem consequências positivas e/ou negativas para nós enquanto indivíduos. A concepção de autoria construída é uma dessas implicações: traduções transparentes tendem a ser vistas como se o autor não fosse mediado e contribuem para a visão da tradução como uma representação de segunda ordem, como algo derivativo, como uma cópia faltosa, bem como a estigmatização do trabalho de tradutoras/es, que têm seus trabalhos invisibilizados. É possível, no entanto, construir outras formas de interação com esse sistema — considerando, como anteriormente dito, que sempre há espaços de escolhas nas nossas interações com os sistemas sociais.

Venuti (1995) apresenta um capítulo de chamada à ação, em que ele discute possibilidades para interagir com o sistema social de formas diferentes, com vistas a construir uma maior valorização do trabalho de tradutores e tradutoras. A estrangeirização é uma delas, mas tem seus riscos, como reconhece o próprio autor, pois, além do risco de baixa aceitação do texto, costuma haver, até mesmo nos contratos, mecanismos que limitam as possibilidades de escolhas tradutórias estrangeirizantes, que limitam a possibilidade de omitir trechos do texto fonte, a de acrescentar passagens desnecessárias

etc. Além da estrangeirização, no entanto, há outras formas de interação com o sistema social que são apontadas pelo autor, incluindo:

- a) a inclusão de experimentações e variações linguísticas, o uso de alusões e convenções literárias que chamem atenção para o *status* secundário da tradução (sinalizando as diferenças linguísticas e culturais do texto estrangeiro);
- b) a busca pela revisão de códigos culturais, econômicos e legais que levam à marginalização e exploração do trabalho de tradutores e tradutoras;
- c) o desenvolvimento de práticas inovadoras de tradução que aumentem a visibilidade dos seus trabalhos para leitores;
- d) a apresentação de arazoamentos das suas práticas em prefácios, textos dissertativos, palestras, entrevistas.

Assim como Venuti, que, em sua chamada à ação, propõe diferentes formas de interagir com os sistemas sociais que envolvem a tradução, outro projeto a ser aqui destacado é aquele das tradutoras canadenses, em especial pela forma como questiona valores subjacentes à linguagem.

Para este ponto da discussão, tomo como pontos de partidas: (a) a ligação intrínseca que existe entre a linguagem e as funções e contextos sociais nos quais ela é empregada e (b) a possibilidade de se observarem, a partir das escolhas linguísticas em um dado texto, os prismas ideológicos e “as relações causais que existem entre essas [escolhas] e estratégias e as questões sociopolíticas veladas por trás delas” (DÍAZ-CINTAS, 2012, p. 83). Um exemplo de como as construções textuais apresentam traços reveladores sobre as estruturas das sociedades disso é o androcentrismo cultural, apontado por Simpson (1993): trata-se de uma estrutura linguística que pode ser relacionada à estrutura patriarcal das sociedades. Essa relação pressupõe e constrói uma relação hierárquica, na qual o masculino é colocado em posição superior ao feminino e valores associados ao homem são colocados como centrais e desejáveis — em contraposição aos valores associados à mulher (que são colocados como periféricos e não desejáveis). Essa assimetria pode ser percebida a partir do masculino generalizante, das marcas de gênero (em línguas como o português) e a partir da presença de um gênero metafórico/psicológico (em línguas como o inglês).

Simon (1996) fala sobre o jogo de dominação e resistência observável nos mais diferentes níveis de trocas linguísticas e aponta que é justamente nesse jogo que se circunscreve o trabalho de um/a tradutor/a. Mais do que simplesmente reescrever textos

de uma língua A em uma língua B, tradutores/as têm um papel histórico e social na mediação cultural, com reflexos sobre o fluxo de informações, a construção de imagens culturais e o estabelecimento de relações de convencimento entre diferentes agentes. A autora aborda o trabalho das tradutoras canadenses — discutido por autoras como Bertacco (2003), von Flotow (1991) e outras —, cujas escolhas de tradução são tomadas de modo a deliberadamente expor aspectos sexistas da linguagem e da sociedade. Tais aspectos, como ressalta von Flotow (1991), não são impostos nem organizados por uma autoridade cultural, mas estão inscritos no nosso sistema social (o que pode ser associado à discussão sobre os sistemas sociais, anteriormente desenvolvida neste texto).

Autoras como Von Flotow (1991) e Bertacco (2003) propõem práticas e estratégias inovadoras/contestadoras de tradução, que evidenciem as assimetrias de poder, as questões sensíveis nas sociedades e as leituras estabelecidas/institucionalizadas. Trata-se de uma postura questionadora que coloca, em primeiro plano, os espaços e as possibilidades de atuação do/a tradutor/a como agente cultural. Ao buscar a construção dessas práticas, essa vertente de teoria da tradução feminista nos ajuda a identificar uma das características do sistema social e, ao mesmo tempo, propõe uma forma diferente de se relacionar com ele — uma forma que deixa de lado a ação inconsciente sobre os comportamentos derivados do sistema social, ao mesmo tempo que promove a construção de uma visão crítica mais apurada, que nos ajude a entender como traduzimos e qual nosso papel na circulação de informações e valores sociais, e também a definir o que constitui uma tradução correta e como a tradução é um processo de mediação que não está acima das ideologias, mas que trabalha através delas.

Dentre as práticas feministas enumeradas por von Flotow (1991), podemos apontar a suplementação, a escrita de prefácios e notas de rodapé, e até mesmo o sequestro de textos (em que a tradutora se apresenta de forma mais marcada em seus trabalhos). Ao discutir essas práticas feministas de tradução, e fazendo referência ao trabalho de von Flotow, Simon (1996) levanta a questão sobre autoria e responsabilidade na tradução: em um contexto, como o atual, em que a prática predominante é a busca pela transparência e pela fluência, adotar tais práticas costuma ser uma postura controversa. Essa controvérsia envolve uma série de fatores que vão desde a maior visibilidade dada ao processo de tradução e ao papel ativo das tradutoras até a questão da apropriação de textos pela tradutora, o questionamento de valores sociais e o reenquadramento de discussões. Merece atenção, em relação a essas controvérsias, o fato de que, embora haja críticas válidas a tais projetos de tradução, parte significativa das críticas tende a se concentrar

apenas no fato de essa corrente desenvolver projetos com uma posição marcadamente política e interpretativa — ao mesmo tempo que ignora que a adoção de qualquer posição (mesmo as que tradicionalmente são menos controversas), também representa uma decisão política e interpretativa. Como apontado quando falamos sobre os sistemas sociais, posturas de contestação tendem a gerar pressões para que voltemos ao comportamento esperado, e essas controvérsias podem ser vistas como (ou associadas a) exemplos dessas pressões sociais.

Spivak, no artigo ‘The Politics of Translation’ (1993/2000), propõe uma articulação entre as relações de gênero, cultura e tradução. Em sua argumentação, a autora aponta que a tarefa da tradutora feminista é perceber, a partir da linguagem, as pistas que definem nossos espaços de agência e chama atenção para a forma como a linguagem cria nossas identidades — não apenas nos pontos mais visíveis, mas também nos silêncios (incluindo os momentos em que o silêncio tem implicações de violência). Para Spivak, é preciso termos consciência das diferenças entre a resistência e o conformismo e os espaços de agência disponíveis para nós.

Por fim, mas sem pretender chegar a uma conclusão definitiva sobre a discussão aqui iniciada, outras duas possibilidades interessantes para se discutir os sistemas sociais envolvidos na tradução são os trabalhos de Munday (2007) e Alvstad (2020). Munday (2007) se apoia em Simpson (1993) e van Dijk (1998) para construir uma noção mais ampla do termo ‘ideologia’ — que abranja os conhecimentos, crenças e sistemas de valores dos indivíduos e das sociedades nas quais a tradução opera. O autor chama atenção para como as escolhas de tradução influenciam a construção do texto-alvo e se concentra na análise crítica de elementos textuais, buscando identificar relações e traços ideológicos subjacentes aos textos traduzidos. Nesse artigo, o autor se apoia em um aparato da Linguística Sistêmico-Funcional e da Linguística Crítica e aponta como elas podem ser ferramentas úteis para o estudo de processos ideológicos, relações de poder e controle.

Por fim, Alvstad (2020) discute a noção de pacto da tradução — referindo-se às expectativas sociais que estão implícitas nas relações de produção e consumo da tradução, incluindo aí a expectativa de fluência do texto traduzido, as noções de autor implícito e tradutor implícito dos textos. A autora também se apoia em discussões sobre ideologia e sobre valores subjacentes à linguagem para discutir como paratextos — incluindo capas, notas de rodapé, prefácios — podem enquadrar as traduções, tendo potencial, segundo a visão da autora, tanto para dar maior visibilidade ao trabalho de tradutoras e tradutores

quanto para reforçar as convenções socioculturais dominantes e a força do original (neste último caso, quando os paratextos não falam sobre o processo tradutório, mas apenas reforçam o trabalho dos autores dos textos-fonte).

AGRADECIMENTOS

Não poderia deixar de expressar a imensa gratidão ao TraCEF (Grupo de Pesquisa Tradução, Cognição, Ensino e Funcionalismo – CNPq/UFSC/UFFS/UFJF) — e nominalmente às professoras Camila Teixeira Saldanha, Maria José Laiño e Noemi Teles de Melo — pelo convite para esta participação no *III Encontro de Tradução* e pela forma carinhosa e desafiadora (no sentido mais positivo da palavra) que interagiram comigo. Agradeço também à professora Maria Lúcia Vasconcellos, que, além de ter mediado o contato inicial com o TraCEF, me inspirou e estimulou a me tornar o profissional que hoje sou. Por último, mas não menos importante, agradeço ao Wharley Santos, que, com graça, simpatia e competência, faz parecer simples o enorme trabalho que os bastidores de um evento exigem.

REFERÊNCIAS

- ALVSTAD, Cecilia. The translation pact. **Language and Literature**, v. 23, n. 3, p. 270-284, 2014. DOI: 10.1177/0963947014536505.
- BERTACCO, S. The Canadian feminists' translation project: between feminism and postcolonialism. **Linguistica Antverpiensia, New Series – Themes in Translation Studies**, v. 2, 2003. DOI: <https://doi.org/10.52034/lanstts.v2i.88>.
- DÍAZ CINTAS, J. Clearing the Smoke to See the Screen: Ideological Manipulation in Audiovisual Translation. **Meta**, v. 57, n. 2, 279-293, 2012. DOI: <https://doi.org/10.7202/1013945ar>.
- JOHNSON, Allan G. **The forest and the trees: sociology as life, practice, and promise**. Temple University Press, Philadelphia, 2008.
- MUNDAY, J. Translation and Ideology: a textual approach. **The Translator**, v. 13, n. 2, p. 195-217, 2007.
- SIMON, Sherry. **Gender in translation: cultural identity and the politics of transmission**. London and New York: Routledge, 1996.
- SIMPSON, Paul. **Language, ideology and point of view**. London; New York: Routledge, 1993.

SPIVAK, Gayatri C. The Politics of Translation. *In*: VENUTI, Lawrence, **The Translation studies reader**. Routledge: London and New York, 2000.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility**. London and New York: Routledge, 1995.

VON FLOTOW, Luise. Feminist Translation: Contexts, Practices and Theories. **Revue TTR: Traduction, Terminologie, Rédaction**, v. 4, n. 2, p. 69-84, 1991. DOI: 10.7202/037094ar.



TraCEF

Tradução, Cognição, Ensino e Funcionalismo

A TRADUÇÃO DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS EM LEGENDAS DA SÉRIE *BROOKLYN NINE-NINE* PELO FANSUB LEGENDAS EM SÉRIE

Fernanda da Silva Góis Costa (Universidade Federal da Bahia; fernanda.gois@ufba.br)

Monique Pfau (Universidade Federal da Bahia; moniquepfau@hotmail.com)

INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, a legendagem era uma atividade realizada exclusivamente por profissionais remunerados. No entanto, nos últimos anos, legendas amadoras conhecidas como *fansubs* vêm ganhando mais espaço. *Fansubs* é uma palavra formada pela contração de “*fan*” (fã) com “*subtitled*” (legendado), ou seja, um tipo de legenda aberta¹ produzida por fãs para fãs. Os primeiros *fansubs* surgiram nos anos 1980 nos Estados Unidos e na Europa com o intuito de popularizar os *animes*, devido à escassez de sua distribuição nesses países. Sua popularidade aumentou em meados dos anos 1990, graças à internet e a programas de legendagem gratuitos (DÍAZ-CINTAS; REMAEL, 2007).

O processo de produção dessas legendas é diferente das legendas abertas convencionais. Grupos de fãs se reúnem *on-line* para legendar seus filmes, séries, animes ou jogos favoritos para torná-los acessíveis e praticar uma língua estrangeira. Cada pessoa é responsável por uma parte do trabalho: a tradução das falas, a revisão, a sincronização etc. Entretanto, algumas mudanças significativas vêm ocorrendo na mecânica de elaboração das legendas, já que alguns grupos encerraram suas atividades e legendistas amadores têm optado pelo trabalho individual. O motivo pode ser o aumento da adesão às plataformas de *streaming*, reduzindo a procura por grupos de *fansubs*.

O sucesso dos *fansubs* pode ser explicado pela gratuidade ou pela insatisfação com a demora dos episódios em plataformas de *streaming* e em canais de TV por assinatura, além do costume de as pessoas comentarem em suas redes sociais sobre o que é assistido. A atividade também tem sido notada até mesmo por empresas midiáticas oficiais, que começam a se adaptar a essa nova realidade ao recorrer a fãs para produzir legendas, como é o caso do serviço de *streaming* Viki, famoso pelo conteúdo asiático.

Contudo, apesar de bastante populares, essas legendas são alvos de preconceito,

¹ Legendas abertas, ao contrário das legendas fechadas, são aquelas que não podem ser acionadas ou desligadas pelo espectador, sempre aparecendo na tela.

tendo o estereótipo de ruins.² Por ser um trabalho amador, isso pode ser justificado pela falta de comunicação e coordenação entre os participantes, o que pode culminar em algumas falhas (DÍAZ-CINTAS; SÁNCHEZ, 2006). Além disso, muitas vezes alguns dos parâmetros básicos da legendagem, como a condensação das frases e a padronização da linguagem, não são respeitados. Por fim, o domínio da língua e da cultura de partida também pode interferir, pois nem todos os *legenders*³ são totalmente proficientes.

Esses problemas diminuem à medida que os tradutores amadores ganham experiência, e hoje encontramos *fansubs* cujas legendas superam, em certos aspectos, as legendas profissionais. Alguns *fansubs* já contam, por exemplo, com um sistema interno de revisão e glossários, o que eleva a qualidade do produto. Outra vantagem reside no fato de que, por ser um trabalho feito por fãs, os legendistas amadores possuem maior familiaridade com a série ou gênero audiovisual particular que traduzem. Ferrer Simó (2005, p. 29) cita, por exemplo, o caso dos *fansubs* de *animes*, considerados mais aceitáveis que legendas tradicionais pelos aficionados, pois o público é exigente e deseja saber exatamente “o que dizem em japonês”. Além disso, por ser um trabalho em equipe, existe a possibilidade de revisão por várias pessoas, garantindo um maior índice de acerto que o trabalho solitário e pressionado pelo tempo de um legendista profissional.

OBJETIVOS

As expressões idiomáticas (EIs) costumam ser grandes desafios para os legendistas amadores. Dessa forma, buscou-se compreender os métodos para a tradução de EIs a partir dos itens culturais específicos (ICE), de Franco Aixelá (1996, 2020). Assim, o objetivo geral busca observar como os *fansubbers* do grupo *Legendas em Série* lidam com o desafio apresentado pelas EIs em uma abordagem descritiva. A partir dessa questão principal, incluímos nossos objetivos específicos: (a) compreender o modo como as EIs estão sendo traduzidas pelo *fansub Legendas em Série* nos episódios selecionados; (b) analisar se as estratégias utilizadas pelo grupo para a tradução das EIs se adequam à

² A “ilegalidade” dos *fansubs* é outro problema que acarreta preconceito, pois pode prejudicar tradutores profissionais, inclusive culminando em pagamentos mais baixos, desvalorizando a profissão. Por outro lado, a prática, historicamente associada à pirataria, tem encontrado meios de se oficializar, como no aplicativo coreano V LIVE. Apesar da má reputação, os *fansubs* divulgam os materiais que se propõem a traduzir, algo recorrente principalmente entre os fãs de anime. A indústria acaba deixando de tomar uma ação legal devido a essa visibilidade.

³ Na língua inglesa, o termo comumente utilizado é “*fansubber*”. No Brasil, “*fansubber*” também pode ser empregado, mas a denominação “*legender*” tem ganhado espaço como a preferida entre os legendistas amadores que traduzem filmes e séries.

natureza audiovisual do texto de chegada e à mídia na qual ele será veiculado; e (c) examinar se existe alguma mudança nas estratégias empregadas à medida que os *legenders* do *Legendas em Série* vêm ganhando mais experiência.

METODOLOGIA

As legendas analisadas são de autoria do *fansub Legendas em Série*, que até recentemente legendava séries voluntariamente. A sexta temporada de *Brooklyn Nine-Nine* foi a última temporada da série legendada pelo grupo, que acompanhou a *sitcom* desde o início, traduzindo os episódios para o português brasileiro. A análise constitui um episódio da primeira temporada e outro da última temporada para que possíveis modificações no trato das EIs pudessem ser detectadas. Os episódios foram escolhidos com base nos maiores números de audiência nos canais em que a série foi transmitida (FOX e NBC). Esse material está disponível no *site Legendas TV*, um dos maiores *sites* de *download* de legendas de séries e filmes do Brasil. Para desenvolver este estudo, foram seguidos os seguintes passos:

- a) utilização das legendas do áudio original (*Closed Caption*) – identificamos as EIs presentes nos episódios da primeira e da sexta temporada da *sitcom Brooklyn Nine-Nine*, disponível na Netflix;
- b) identificação de três episódios com a maior audiência nos canais FOX e NBC, escolhendo entre eles aquele com maior número de EIs de cada uma das temporadas;
- c) *download* das legendas produzidas pela equipe *Legendas em Série* para esses mesmos episódios;
- d) elaboração de quadros contendo as EIs, em inglês e em português, de cada episódio escolhido. Após a coleta dos dados, as organizamos em quadros no Microsoft Word. Do lado esquerdo, colocamos as legendas em inglês, seguidas da definição dicionarizada das EIs presentes em cada uma, e, do lado direito, as legendas traduzidas para o português brasileiro pelo *Legendas em Série*. Foram escolhidos os dicionários *on-line The Idioms*, o maior dicionário gratuito de EIs da internet, e a seção de “*Idioms and phrases*” do *The Free Dictionary*, por se aterem apenas a definições dessas expressões, com exemplos e informações sobre as origens;
- e) captura de cenas para a análise do contexto;

- f) identificação e discussão das estratégias tradutórias utilizadas em cada temporada, levando em conta a natureza do texto meta e seu contexto de recepção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Devido às limitações deste resumo, apresentaremos apenas uma amostra da análise dos dois episódios e utilizaremos com dois exemplos do primeiro episódio.

Em “Missão secreta”, 14º episódio da 1ª temporada, foi constatado o total de 43 EIs e foi possível identificar o uso das estratégias de neutralização absoluta (35%), tradução semântica (28%), naturalização (25,50%), omissão (9,30%) e repetição (2,20%). Já em “A história de dois bandidos”, 5º episódio da 6ª temporada, foi constatado o total de 35 EIs e foi possível identificar o uso das estratégias de neutralização absoluta (45,70%), tradução semântica (17%), naturalização (31,40%) e omissão (6%).

No caso da tradução semântica, tem-se uma tradução mais literal, ou “ao pé da letra”, e pode-se perceber mais nitidamente uma tentativa de explicar os diferentes elementos que constituem a EI, com resultados que podem soar mais ou menos naturais para a cultura de chegada. Como exemplos, citamos as traduções das EIs “*chest bump me*” e “*Get your hands off me!*”. A primeira EI se refere ao gesto de saudação ou comemoração dos personagens Jake e Terry, no qual os dois pulam e batem o peito um contra o outro, algo semelhante à ideia do “*high five*” ou “toca / bate aqui”, mais comum em português. A outra fala é proferida por um senhor idoso em uma academia que fica irritado com a importunação do Jake para retirá-lo do aparelho em que ele fazia exercícios. As EIs foram traduzidas respectivamente como: “*Chest bump me!*” → “Me dá uma peitada!” e “*Get your hands off me!*” → “Tire suas mãos de mim!”

A partir da análise de nossa amostra, percebemos uma predominância de estratégias normalizadoras. Ao contrário da tradução de animes e dramas asiáticos (FERRER SIMÓ, 2005; DWYER, 2012), há uma clara preferência pela domesticação. Ao somarmos os percentuais do uso de neutralização absoluta, naturalização e omissão (estratégias normalizadoras), esse total excede muito o valor da soma do uso de tradução semântica e repetição (estratégias exotizantes). O predomínio das estratégias de neutralização absoluta e naturalização também aumentou ao longo do tempo, o que poderia ser uma preferência dos legendistas de cada grupo ou uma tendência de mudança do *fansub*, mas isso só poderia ser melhor estudado com um número maior de episódios.

A respeito da adequação das estratégias adotadas à natureza do texto de chegada e à mídia na qual ele é veiculado, tomamos como base a análise de como os parâmetros técnicos foram trabalhados nas legendas (levando em conta as especificidades do contexto de uso) e, principalmente, o *feedback* dos usuários do *fansub*. Os elogios recebidos pelo *Legendas em Série* por parte de seu público-alvo e a própria longevidade alcançada pelo grupo (quase dez anos) nos levaram a concluir, portanto, que as estratégias adotadas foram, em sua maioria, adequadas.

Quanto a possíveis mudanças nas estratégias empregadas, considerando o tempo maior de experiência dos *legenders*, não pudemos chegar a conclusões claras a esse respeito. Como as equipes responsáveis pela tradução dos episódios analisados foram compostas por pessoas diferentes e o *corpus* foi reduzido, não podemos garantir que o crescimento no uso de estratégias normalizadoras seja uma tendência diretamente relacionada à experiência dos tradutores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os *fansubs* são hoje um fenômeno social cibernético de grande alcance. O interesse por sua investigação, por outro lado, é recente. Contudo, o estudo dessa modalidade de tradução translingual e transcultural contribuirá para manter o campo da Tradução Audiovisual (TAV) atualizado, além de auxiliar a entender os rumos que a legendagem pode ganhar no futuro. Até mesmo estudiosos de referência na área como Díaz-Cintas e Sánchez (2006, p. 51, tradução nossa⁴) defendem que as “convenções de *fansub*” podem se tornar “[...] a semente de um novo tipo de legenda para a era digital”. Além disso, estudos como o aqui apresentado podem lançar luz sobre concepções equivocadas, como a tradicional visão de que legendas produzidas por fãs costumam estrangeirizar.

Espera-se que este trabalho contribua para a popularização dos estudos sobre *fansubs* e para a diminuição do estigma enfrentado por esse tipo de legenda. O fato de uma temática não canônica ser objeto de um trabalho acadêmico pode inspirar outros estudos sobre *fansubs* e outras modalidades menos convencionais, como a *scanlation*, a tradução e a edição feita por fãs para quadrinhos, como mangás e *webtoons* etc. Traduzir também é uma fonte muito rica de aprendizagem de uma língua estrangeira, e isso, aliado

⁴ Original: “[...] they will spread to other media and become the seed of a new type of subtitling for the digital era.”

ao conhecimento do material a ser traduzido, pode garantir um trabalho de alta qualidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Profa. Dra. Manoela Cristina Correia Carvalho da Silva, que me orientou nesta pesquisa, e à Profa. Dra. Monique Pfau, pela oportunidade de explorar os Estudos da Tradução e pelo apoio na expansão dos meus estudos sobre tradução de fãs.

REFERÊNCIAS

BROOKLYN NINE-NINE. 14º episódio da 1ª temporada. Netflix. Aproximadamente 21 minutos cada episódio. Comédia. Não recomendado para menores de 14 anos.

BROOKLYN NINE-NINE. 5º episódio da 6ª temporada. Netflix. (21 min). Comédia. Não recomendado para menores de 14 anos.

DÍAZ-CINTAS, J.; SÁNCHEZ, P. Fansubs: Audiovisual Translation in an Amateur Environment. **The Journal of specialized Translation**, v. 6, 2006.

DÍAZ-CINTAS, J.; REMAEL, A. **Audiovisual Translation: Subtitling**. Manchester: St Jerome Publishing, 2007.

DWYER, T. Fansub dreaming on ViKi: 'Don't just watch but help when you are free'. **Translator**, v. 18, n. 2. p. 217-243, 2012.

FERRER SIMÓ, M. R. Fansubs y scanlations: la influencia del aficionado en los criterios profesionales. **Puentes**, n. 6, p. 27-44, 2005.

FRANCO AIXELÁ, Javier. Culture-specific Items in Translation. In: VIDAL, C.; ÁLVAREZ, R. (eds.). **Translation, power, subversion**. Clevedon: Multilingual Matters, 1996. p. 52-78.

FRANCO AIXELÁ, J. **Live ABRAPT com Javier Franco Aixelá (Universidade de Alicante)**. 1ª Parte. 1 vídeo [1h 6min]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JG0Q8tCUE28>. Acesso em: 13 dez. 2020.

LEGENDAS TV. Disponível em: <http://legendas.tv/>. Acesso em: 16 abr. 2020.

THE IDIOMS – LARGEST IDIOMS DICTIONARY. **The Idioms**. 2021. Disponível em: <https://www.theidioms.com/>. Acesso em: 27 mar. 2021.

THE FREE DICTIONARY. **Idioms and phrases**. 2021. Disponível em: <https://idioms.thefreedictionary.com/>. Acesso em: 27 mar. 2021.

O FAZER TRADUTÓRIO NO CONTEXTO DA PÓS-EDIÇÃO: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE A PARTIR DAS ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO

Marília Portela Pereira (mariliaportela@gmail.com)

Monique Pfau (Universidade Federal da Bahia; moniquepfau@hotmail.com)

INTRODUÇÃO

A tradução, assim como outras profissões, vem sendo atravessada pela interação tecnológica, através do investimento em ferramentas com promessa de precisão, segurança e produtividade. Embora não seja, portanto, uma condição diferencial da tradução, é inegável que a influência da máquina ou tecnologia que ocorre por meio dos sistemas de Memória de Tradução ou Computer-Assisted Translation (CAT Tools) e de Tradução Automática (Machine Translation) vem assumindo um papel central na atividade.

É nesse contexto que desponta o interesse no estudo da extensão da transformação operada pela tecnologia na profissão de tradutor/a e do papel presente e futuro exercido pela ação interpretativa e linguística singularmente humana diante do desenvolvimento das traduções automáticas. Além disso, discute-se sobre a permanência de uma ação exclusivamente humana no fazer tradutório e os aspectos da esfera social e individual inseridos nessas novas relações estabelecidas com a interface da máquina.

Nesse sentido, a tecnologia deixa de ser um mero aditivo, o que desafia modelos tradicionais de competências (PYM, 2013, p. 491). Especificamente, a tradução automática reserva um espaço para a atuação humana posterior à decodificação bilíngue, competência fundamental associada à essência da atividade de tradução. É nesse âmbito que se concentra a proposta deste estudo: investigar a interferência humana ao realizar a pós-edição de um texto traduzido pela máquina e, a partir do levantamento das estratégias de tradução utilizadas, apontar similaridades e diferenças entre os sujeitos tradutores acerca de noções como aceitação, autonomia e assinatura.

Para tanto, propôs-se, no ano de 2021, um estudo de caso a partir de uma atividade e um texto dela resultante, conduzida com duas duplas participantes do Grupo de Pesquisa Textos Fundamentais em Tradução, liderado pela Profa. Dra. Monique Pfau, e cujo trabalho teve como enfoque a tradução da obra *Memes of Translation*, de Andrew Chesterman (2016), iniciada em 2018. É essa obra que fornece o modelo metodológico

da análise, notadamente quanto às estratégias de tradução, ou seja, a manipulação textual realizada para a produção do texto-alvo.

As estratégias são categorizadas em três grandes grupos, conforme o tipo de mudança promovida no texto: sintática, semântica e pragmática. Com base nesse modelo, foi feita a descrição e comparação das pós-edições realizadas, verificando assim a ocorrência dos pontos semelhantes e ou distintivos entre os dois textos. Por fim, foram propostas reflexões em torno de noções de apropriação do texto traduzido pela máquina com impressão de estilo próprio.

OBJETIVOS

Mapear as estratégias de tradução utilizadas em uma atividade controlada de pós-edição e identificar semelhanças e diferenças entre os textos produzidos pelas duas duplas participantes, a partir da tradução obtida através do Google Tradutor e, assim, analisar como as tradutoras em formação, em estágios similares de proficiência tradutória, interferem no texto, propondo, ao fim, uma reflexão sobre a relação indivíduo-máquina.

METODOLOGIA

O estudo de caso, dentro do escopo da pesquisa em tradução (WILLIAMS; CHESTERMAN, 2002) referente à tradução e tecnologia, parte de um modelo comparativo básico para analisar as correspondências entre texto-fonte e texto-alvo.

As duplas foram divididas em sessões virtuais para a realização da pós-edição de um mesmo trecho do breve ensaio intitulado *What Happens When Machines Learn to Write Poetry* (O que acontece quando as máquinas aprendem a escrever poesia?), do professor universitário e escritor Dan Rockmore, publicado na edição de 7 de janeiro de 2020, na revista norte-americana *The New Yorker*, e traduzido automaticamente pela versão gratuita do Google Tradutor.

As quatro estudantes já possuíam, no mínimo, dois anos de experiência prática e de discussões teóricas no grupo de pesquisa. Além disso, vale ressaltar que todas já haviam passado por pelo menos uma disciplina de tradução na graduação, em que também discutiram outras teorias e tiveram outras experiências práticas.

As duplas responderam questionários antes da atividade, tendo recebido as instruções da atividade por meio de *translation instruction* (ou *translation brief*) para uma definição geral do escopo e da funcionalidade – em linhas gerais – da tradução (NORD, 2005). Foram apresentados o texto em inglês e a tradução automática em português em

duas colunas separadas em um arquivo compartilhado e editável, e solicitou-se às participantes que realizassem a pós-edição com pesquisa liberada em meios físicos ou virtuais, além do diálogo entre as participantes de cada dupla.

Terminada a atividade e coletados os textos, seguiu-se a segunda etapa do estudo, com a análise do material a partir de uma abordagem com proposta triangular, considerado o texto-fonte em inglês para a tradução feita pelo Google Tradutor e para as duplas, as quais possuem como fonte tanto o texto em língua inglesa como a tradução da máquina para o português.

Os textos foram então divididos em 20 segmentos, conforme os períodos da tradução automática, para realização do mapeamento das estratégias de tradução evidenciadas nas interferências propostas pelas duplas nas respectivas pós-edições.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise apresentada nesta seção baseou-se em parâmetros como quantidade e tipo de interferência feitas pelas duplas, que levam às conclusões acerca da aceitação do texto traduzido pela máquina, autonomia para modificar o texto e semelhanças e diferenças no que foi proposto por cada uma delas. Com base na abordagem triangular, as estratégias levantadas foram retiradas da pós-edição em comparação com o texto traduzido automaticamente, e não do texto-fonte na língua-estrangeira, priorizando-se, nesse sentido, a análise sobre o juízo de aceitação do texto do computador e as alterações operadas nele.

As participantes estavam cientes de que a função passada durante a instrução era fictícia, apenas para fins da pesquisa. De modo geral, o texto produzido deveria ser publicável em revista com características semelhantes no Brasil. Assim, no conjunto de expectativas de um suposto solicitante sobre o produto, há, pelo menos, adequação gramatical, preservação da estrutura e gênero textual e correção de *mistranslations* (estranhezas semânticas).

Tem-se, portanto, inicialmente, um conjunto básico de expectativas que se refere à atuação mínima de tradutores ao fazer pós-edições. Afinal, a tradução feita pela máquina nem sempre precisa da validação humana para cumprir sua função. O *gisting*, por exemplo, é o texto traduzido pela máquina cujo único objetivo é a oferta/coleta de informação; sem exigência de refinamento linguístico (NITZKE, 2019, p. 11). Quando o trabalho humano é solicitado para a pós-edição, o/a profissional valida o texto como

tradução e com ela vêm as expectativas de qualidade e, no caso desta pesquisa, padrão para publicação.

Nesse sentido, observou-se que as duplas mantiveram a estrutura, gênero e tipologia textuais sem alteração no corpo do texto. Ambas optaram, contudo, por trazer o poema inteiro em inglês para a pós-edição, ao passo que mantiveram a tradução da máquina. Quanto às correções de *mistranslations* e adequações gramaticais, as duplas também atuaram de forma similar, totalizando três correções de *mistranslations* para cada dupla e mais duas correções no poema pela dupla 1 e uma correção pela dupla 2.

Já os segmentos com aceitação total, ou seja, sem interferência, foram quatro para a dupla 1 e 6 para a dupla 2. Tais elementos que indicam aceitação e, naturalmente, períodos mais curtos e diretos, com informações claras, são mais propícios a serem aceitos. Somados ao número baixo de interferências para atender unicamente ao conjunto básico de expectativas (ajuste a um padrão normativo), forma-se um aspecto da qualidade da pós-edição. Assim, pode-se entender que o trabalho da máquina, ainda que possa não ser o ideal sob a perspectiva tradutória, que envolve uma variedade de fatores entre escolhas e qualidade, seria uma primeira versão aceitável.

Ao mesmo tempo, houve várias interferências nos demais segmentos, muitas delas encadeadas, conforme já mencionado anteriormente, em efeito cascata. As alterações sintáticas, por exemplo, foram frequentemente acompanhadas de modificação da carga semântica e resultado pragmático. O volume de interferências, isoladamente, não é suficiente para avaliar a pós-edição como um texto cheio de falhas com aproveitamento questionável, pois algumas alterações, como a sinonímia e a mudança na estrutura da frase, não necessariamente são responsáveis por transformar um texto antes não aceitável em um texto aceitável – considerando que tradução é o terreno das escolhas.

Assim, em termos de *estratégia sintática*, foram mapeadas ao menos 37 interferências feitas pela dupla 1, com prevalência de mudança de coesão (G8), mudança de estrutura do período (G7) e mudança de estrutura do sintagma (G5). Já para a dupla 2, foram mapeadas 19 interferências do grupo sintático, ou seja, a metade da dupla 1, com maior incidência de mudança de estrutura do sintagma (G5) e empréstimo (G2). Uma explicação possível para tal diferença é que a dupla 1 alterou mais vezes e mais profundamente a organização sintática dos segmentos, e nessas reorganizações geralmente uma estratégia leva a outra, sobretudo no nível da mudança de estrutura (G5 a G7), que leva também a alteração da coesão (G8). A dupla 2, por sua vez, ao se concentrar em mudanças dentro do sintagma, demonstra a prevalência de alterações

menos complexas, com enfoque nos elementos (número, definição e modificação no sintagma nominal, e pessoa, tempo e modo) isoladamente.

Quanto às *estratégias semânticas*, as duas duplas usaram essas estratégias de maneira muito próxima em termos quantitativos. A dupla 1 atuou 20 vezes e a dupla 2 atuou 18. A estratégia sinonímia (S1) foi utilizada 5 vezes pela dupla 1, enquanto a dupla 2 a utilizou 7 vezes, sendo sua estratégia mais escolhida. A sinonímia, abstratamente, não pode ser considerada uma alteração relacionada à correção ou incorreção de um texto, em uma concepção meramente normativa. No caso desta pesquisa, as interferências do tipo sinonímia não parecem ter sido alterações com enfoque especial de transformação ou aprofundamento de sentido.

Por fim, em termos de *estratégias pragmáticas*, foi possível notar uma tendência similar na atuação das duplas pela escolha equilibrada entre mudança interpessoal (Pr4), mudança de informação (Pr3) e mudança de explicitação (Pr2). Com quatro interferências para a dupla 1 e três para a dupla 2, a mudança interpessoal foi notada especialmente no acréscimo do marcador de gênero feminino proposto por ambas as duplas, cujo efeito pode ser visto como aproximação com o público leitor feminino, bem como demarcação política.

De um modo geral, o volume de alterações indica que as duas duplas tiveram autonomia para alterar o texto, ainda que tenham sido observadas mais estratégias na atuação da dupla 1. A diferença de volume de atuação, contudo, não é suficiente para indicar que uma dupla modificou mais profundamente o texto do que a outra. Pode indicar, porém, que a dupla que interfere menos aceita mais o trabalho da máquina, não tendo faltado autonomia, quando se observa o uso de estratégias pragmáticas de maneira similar ou mudanças sintáticas mais acentuadas em um único segmento.

O mapeamento produzido para essa pesquisa foi capaz de mostrar que as duas duplas modificaram as pós-edições, produzindo suas próprias assinaturas, mesmo tendo identificado problemas tradutórios em pontos iguais ou escolhendo estratégias de tradução similares, ao aplicarem as soluções de modo distinto, a cada segmento, mesmo diante de um texto traduzido pela máquina com poucas inadequações dentro daquilo do que aqui se chamou de conjunto básico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mapeamento das estratégias utilizadas não pretendeu ser uma codificação exata da manipulação textual feita pelas duplas. Dentro do que foi proposto, foi possível observar a participação ativa das duplas, com relevante demonstração de diversificação na manipulação textual, evidenciada através do uso variado de estratégias em um mesmo segmento, revelando autonomia e assinatura própria diante da mesma tarefa de pós-edição. A pesquisa, portanto, traz contribuições para a reflexão localizada na interface entre os Estudos da Tradução e Tecnologia da Informação, e a relação de tradutores/as em formação com a tradução automática, os movimentos de aceitação e autonomia, além da apropriação textual e assinatura.

REFERÊNCIAS

CHESTERMAN, Andrew. **Memes of Translation: the spread of ideas in translation theory**. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam/Philadelphia, 2016.

CRONIN, Michael. **Translation in the Digital Age**. New York: Routledge, 2013.

NITZKE, Jean. **Problem solving activities in post-editing and translation from scratch: A multi-method study (Translation and Multilingual Natural Language Processing 12)**. Berlin: Language Science Press, 2019.

NORD, Christiane. **Text Analysis in Translation**. 2. ed. Amsterdam: Rodopi, 2005. 274 p.

PYM, Anthony. Translation Skill-Sets in a Machine-Translation Age. **Meta: Journal des Traducteurs / Meta: Translators' Journal**, v. 58, dez. p. 487-503, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/1025047ar>. Acesso em: 5 set 2019.

WILLIAMS, Jenny; CHESTERMAN, Andrew. **The map: a beginner's guide to doing research in translation studies**. Routledge, 2014.

Tradução, Cognição, Ensino e Funcionalismo

ANÁLISE E REFLEXÕES SOBRE A PESQUISA EM TRADUÇÃO SONORA E O CASO *HUMPTY DUMPTY*

Simone Maria Evangelista Salles (Universidade Federal da Bahia;
simone.salles@ufba.br)

Monique Pfau (Universidade Federal da Bahia; moniquepfau@ufba.br)

INTRODUÇÃO

Este estudo apresenta uma análise e reflexões sobre as concepções teóricas referentes à tradução sonora, um assunto pouco abordado, especialmente no Brasil. A discussão a respeito da tradução sonora, que considera a adaptação ou repetição dos sons de acordo com a acústica proveniente do texto-fonte, tem por finalidade contribuir e mostrar a relevância do tema para os Estudos da Tradução, uma vez que a fonética, um dos seus principais enfoques, é um importante elemento identitário das culturas fonte e alvo.

OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é, primeiramente, analisar as concepções teóricas e particularidades mais expressivas retratadas na pesquisa que resultou no artigo “Tradução Sonora: perspectivas fonéticas e o caso Humpty Dumpty” (PFAU *et al.*, 2022). Além disso, propõe-se conduzir um experimento realizando uma tradução sonora do inglês para o português e, a partir deste, constatar por meio das técnicas e teorias, que a tradução sonora se enquadra como uma tradução.

METODOLOGIA

O estudo consiste em um estudo bibliográfico e um experimento comentado sobre tradução sonora. O trabalho teve como base uma breve revisão da literatura sobre reflexões, questões técnicas e concepções que conduzam a um melhor entendimento referente à tradução sonora, termo proposto no artigo para abarcar as traduções a partir de uma perspectiva fonética, uma vez que não há consenso terminológico entre os/as teóricos/as estudados – Bernstein (2019), Catford (1965 [1978]), Chesterman (2016), Dembeck (2015), Ehrenhaus (2019), Eoyang (2003), Genette (1997 [1992]), Levick (2019), Pilshchikov (2016), Steiner (1998), Venuti (1995) – e nem se realmente se trata

ou não de tradução. Entendendo a tradução sonora como um meio legítimo de tradução que valoriza, sobretudo, o som de uma poesia ou música, foi proposto um experimento de uma tradução sonora da canção inglesa *Humpty Dumpty*, de *Mother Goose*, para o português brasileiro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar de ser pouco debatida e explorada nos Estudos da Tradução, a tradução sonora refere-se ao termo adotado no artigo para abarcar as várias nomenclaturas encontradas no estudo bibliográfico sobre esse tipo de tradução como as seguintes: 1) *tradução fonética* [*phonetic translation*, termo utilizado por Pilshchikov (2016), Chesterman (2016) e Levick (2019)]; 2) *tradução homofônica* [*homophonic translation*, termo utilizado por Venuti (1995)], Dembeck (2015), Bernstein (2019), Ehrenhaus (2019)]; 3) *tradução fonológica* [*phonologic translation*, utilizado por Catford, 1965 [1978]]; 4) *facsimile fonético* [*phonetic facsimile*, utilizado por Steiner (1998)]; 5) *transfonação* [*transphonation*, utilizado por Genette (1997 [1992])]; e *tradufonia* [*translatophony*, utilizado por Eoyang (2003)].

Quando abordou a tradução fonológica, Catford (1965) chamou atenção ao fato de que a inexistência de correspondentes fonéticos e acústicos era um obstáculo na tradução de poesias. No caso da tradução fonológica, Catford assinala que os/as tradutores/as não precisam lançar mão de outros elementos da linguística, como, por exemplo, a semântica, para fazer esse tipo de tradução.

Na obra *The Translator's (In)Visibility* (1995), Venuti menciona a tradução dos poemas romanos de Catulo realizada por Zukofsky, trazendo alguns exemplos relacionados à homofonia e às escolhas do referido tradutor para alcançar seu objetivo em relação à questão sonora.

Gérard Genette (1997 [1982]) relata que a transfonação é uma “transformação interlinguística homofônica”. Citando como exemplo o caso do texto *Humpty Dumpty* em uma versão francesa sonora realizada por van Rooten, o autor expõe que não a considera uma tradução, uma vez que o resultado é um texto que não apresenta significado.

Com uma perspectiva mais ampla, Dembeck (2015) considera que a tradução homofônica carrega um grande valor político, pois acredita ser um enorme desafio a forma como se pode conferir significado ao mundo a partir dos sons. Por meio de exemplos, Dembeck ressalta que as estratégias político-culturais e/ou poéticas têm que ser levadas em conta, e não somente os padrões e valores expressos no texto-fonte.

O teórico Igor Pilshchikov (2016) analisa traduções de poesias para o russo em que o ritmo, som e sintaxe são reproduzidos no texto-alvo. Pilshchikov salienta que não há unanimidade em relação ao som ser o elemento mais relevante em uma tradução. Contudo, ele assume que o significado literal das palavras pode ser menos importante do que o som de um poema.

Charles Bernstein (2019) menciona a tradução homofônica como um modo de rastreamento de som pertencente ao gênero mais abrangente de som e escrita, em que o sentido é somente uma extensão do som. Bernstein declara que a tradução fonética pode ser considerada uma relação “parasitária”.

Ao abordar a tradução homofônica, Andrés Ehrenhaus (2019) esclarece que a homofonia se encontra enraizada no sistema de comunicação e também pode adquirir uma atitude política durante o processo tradutório.

A autora Tiffane Levick (2019) destaca que é importante utilizar algumas estratégias no caso da tradução homofônica para priorizar combinações de sons, tais como: rima e ritmo, mudança em parte do discurso, compensação, correspondência exata, homófonos parciais e deslocamento do homófono.

Já Eugene Chen Eoyang (2003) discorre de maneira interessante como a tradufonia para o francês da canção *Humpty Dumpty* consegue apresentar, de certa maneira, algumas características próprias das canções infantis, e, contudo, atinge a correspondência sonora próxima da desejada.

Em relação ao experimento, a inspiração surgiu por meio do livro *Memes of Translation, The Spread of Ideas in Translation Theory*, de Andrew Chesterman (2016), no qual o autor discorre sobre casos extremos do que pode ser considerado uma tradução. Posteriormente, o autor menciona a tradução fonética e cita alguns trabalhos englobados nessa categoria. Um dos exemplos é a seguinte tradução da canção inglesa *Humpty Dumpty* para o francês realizada por van Rooten:

Texto-fonte em inglês

*Humpty Dumpty sat on a wall,
Humpty Dumpty had a great fall.
All the king's horses and all the king's men
Couldn't put Humpty together again.*

Texto-alvo em francês

*Un petit d'un petit
S'etonne aux Halles
Un petit d'un petit
Ah! degrés te fallent
Indolent qui ne sort cesse
Indolent qui ne se mene
Qu'importe un petit d'un petit
Tout Gai de Reguennes.*

Baseado nessa mesma canção inglesa e no experimento da tradução puramente sonora para o francês, o experimento deste estudo propôs a realização da tradução sonora para o português brasileiro, alcançando a seguinte versão:

Texto-fonte em inglês

*Humpty Dumpty sat on a wall,
Humpty Dumpty had a great fall.
All the king's horses and all the king's men
Couldn't put Humpty together again.*

Texto-alvo em português

*Anteontem seta no uau,
Anteontem reda Gregol.
Ou dê quinze rosas ou dê quinze amém
Codebutante tu quer dar alguém.*

É possível observar, na tradução sonora da canção *Humpty Dumpty* para o português, uma preservação, na medida do possível, da métrica e rima. Porém houve algumas dificuldades geradas, principalmente, pelas diferenças fonéticas entre as línguas inglesa e portuguesa. Para isso, foi necessário sacrificar alguns fonemas, como o /h/ em *Humpty*, /d/ em *Dumpty* e /f/ em *great fall*, para chegar em *Gregol*. No texto-fonte nota-se a grande quantidade de sons consonantais, especialmente no último verso que se optou por trazer a palavra em português “codebutante” para suprir os fonemas /k/, /d/ e um /t/. A partir dessas compensações, constata-se que alguns fonemas foram sacrificados para privilegiar o ritmo da canção.

Destaca-se também o difícil papel do/a tradutor/a para trabalhar com a sonoridade, uma vez que é preciso levar em consideração os diferentes padrões sonoros interlinguais e, para este fim, é preciso se valer de algumas estratégias, como homofonias, compensações e aproximações sonoras, para alcançar o propósito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de a tradução sonora ser pouco explorada nos Estudos da Tradução, é possível observar maior atenção nas últimas décadas. Observa-se que existem controvérsias por parte dos profissionais da área a respeito de a tradução sonora ser considerada de fato uma tradução. Contudo, pode-se concluir, após a realização deste estudo e do experimento bem-sucedido da tradução sonora da língua inglesa para o português brasileiro da canção *Humpty Dumpty*, que se trata de uma tradução que envolve principalmente os elementos relacionados aos aspectos sonoros de uma poesia ou música, como métrica, ritmo e rima, por exemplo, apesar das dificuldades existentes em preservar todos os esquemas sonoros devido às diferenças de cada sistema linguístico. Portanto, o presente trabalho evidencia a relevância da tradução sonora e, conseqüentemente, revela a necessidade de ampliar a sua discussão dentro dos Estudos da Tradução.

REFERÊNCIAS

- BERNSTEIN, Charles. Doubletalking the Homophonic Sublime. Comedy, Appropriation, and the Sounds of One Hand Clapping. **Editions des archives contemporaines**, França, p. 15-52, 2019.
- CATFORD, John Cunnison. **A Linguistic Theory of Translation: an Essay in Applied Linguistics** (Languages and Language Learning 8). Oxford, Oxford University Press, 1965.
- CHESTERMAN, Andrew. **Memes of Translation: the spread of ideas in translation theory**. Amsterdam: John Benjamins, 2016.
- DEMBECK, Till. Oberflächenübersetzung: The Poetics and Cultural Politics of Homophonic Translation. **Critical Multilingualism Studies**, p. 7-25, 2015.
- EHRENHAUS, Andrés. Does Homophonic Translation Belong in the Publishing Industry? **Editions des archives contemporaines**, França, p. 303-310, 2019.
- EOYANG, Eugene Chen. **“Borrowed Plumage”**: Polemical Essays on Translation. Amsterdam e Nova York: Rodopi, 2003.
- GENETTE, Gérard. **Palimpsests: Literature in the second degree**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1997 [1982].
- LEVICK, Tiffane. Translating homophonic wordplay in Patrick Goujon’s *Moi non*: a case study. **Editions des archives contemporaines**, França, p. 319-326, 2019.
- PFAU, Monique *et al.* Tradução sonora: perspectivas fonéticas na tradução e o caso *Humpty Dumpty*. **Tradterm**, v. 41, p. 30-52, 2022.

PILSHCHIKOV, Igor. The semiotics of phonetic translation. **Studia Metrica et Poetica**, v. 3, n. 1, p. 53-104, 2016.

STEINER, George. **After Babel**: Aspects of Language and Translation. Oxford: Oxford University Press, 1998 [1975].

VENUTI, Lawrence: **The Translator's Invisibility**: a history of Translation. Londres; Nova York: Routledge, 1995.



TraCEF

Tradução, Cognição, Ensino e Funcionalismo

É DE PEQUENINO QUE SE TORCE O PEPINO: FRASEOLOGIA NO ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA

Laura Marques Sobrinho (UEL; laura.marques.espanhol@uel.br)

Claudia Cristina Ferreira (UEL; claucrisfer@uel.br)

INTRODUÇÃO

Aspectos linguísticos e culturais entrelaçam-se e podemos evidenciar a relação em espelho (DURÃO, 2002) que demonstra identidades de cada comunidade linguístico-cultural. Neste sentido, surge a necessidade de nos apropriarmos de elementos que possam nos auxiliar na comunicação oral e escrita, ou seja, unidades semiótico-culturais infinitas, verbais ou para verbais, linguísticas ou extralinguísticas, unindo língua e cultura, evidenciando marcas socioculturais que têm como objetivo dar expressividade ao discurso (FERREIRA, 2018).

Neste estudo, por conseguinte, temos o escopo de dialogar acerca da fraseologia, relacionando-a ao processo de ensino e aprendizagem de língua espanhola, exemplificando seus benefícios no eixo português (língua materna) e espanhol (língua estrangeira/adicional) (DURÃO, 1999; FERREIRA, 2019, 2020a, 2020b, 2020c, 2021a, 2021b; LADO, 1957, 1973).

Em nossa experiência docente profissional, pudemos evidenciar a carência de conhecimentos, materiais didáticos e pesquisas sobre Fraseologia e Fraseodidática, por isso entendemos que esse aspecto precisa ser explorado por discentes, docentes e estudiosos na área de línguas estrangeiras/adicionais, em nosso caso, língua espanhola. Essa afirmação se confirma pelo fato de as unidades fraseológicas proverem os envolvidos (falantes não naturais: professores e aprendizes) de expressivos conhecimentos e estruturas linguístico-culturais que os aproximam da língua objeto de estudo, capacitando-os mediante a aprendizagem de elementos que contribuem para melhor compreensão do interlocutor e, igualmente, para que sua expressão seja provida de mais naturalidade e espontaneidade (DURÃO, 1999; FERREIRA, 2019). Soma-se a esse cenário comunicativo e acadêmico o fato de a competência fraseológica integrar a competência comunicativa, objetivo maior de todo e qualquer aprendiz de línguas.

O trabalho será realizado mediante a análise do material didático utilizado nas aulas de língua espanhola, da coleção *Santillana*. Ao identificarmos essa dificuldade enfrentada por alunos e professores, decidimos ampliar nossos conhecimentos e colaborar com as pesquisas realizadas até o presente momento. Por isso pretendemos aprofundar o

conhecimento teórico acerca do assunto, elaborar propostas didático-pedagógicas para compartilhar no curso de capacitação os resultados deste projeto de pesquisa, mediante apresentação de trabalhos em eventos nacionais e/ou internacionais, e submeter artigos para publicação (anais, periódicos, capítulos de livros). Dessa forma, acreditamos colaborar para o trabalho pedagógico (elaboração de grade curricular, aulas e materiais didáticos) e o aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras/adicionais.

OBJETIVO

Com o intuito de alcançar as metas estabelecidas, este trabalho tem o objetivo de investigar as contribuições da Fraseologia no ensino de espanhol língua estrangeira/adicional à luz da Linguística Contrastiva.

Já os *objetivos específicos* são:

- a) dialogar e refletir sobre a indissociação dos termos língua e cultura e expressões idiomáticas;
- b) analisar a coleção Santillana intitulada: *Clave Español para el mundo*, dividida pelos níveis 1a, 1b, 2a. de espanhol (língua estrangeira/adicional) para brasileiros, no recorte das expressões idiomáticas a luz da Linguística Contrastiva;
- c) propor um enfoque e/ou maior abrangência no tocante à temática cultura e sua relação com a língua no processo de ensino-aprendizagem de espanhol como língua estrangeira (E/LE), tanto nas aulas, como nos materiais didáticos de E/LE. Para o alcance deste objetivo, será proposto aos docentes um curso de capacitação.

Diante dos objetivos propostos, surgem alguns questionamentos, surgem alguns questionamentos: como o material didático '*Clave Español* evidencia a cultura? Como as expressões idiomáticas culturalmente marcadas são apresentadas/ abordadas nesse livro didático?

METODOLOGIA

Quanto à metodologia cabe mencionarmos que se trata de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, que, segundo Richardson (1999), visa o aprofundamento de análise. Parafraseando Gil (2002) a pesquisa bibliográfica é

concebida com base em material já delineado. No caso da nossa pesquisa será realizada em LD.

Esclarecemos que, para a execução do projeto de pesquisa intitulado *Vale lo que pesas en oro*: expressões idiomáticas culturalmente marcadas em materiais didáticos de Língua Espanhola, ele foi dividido em cinco momentos, a saber: (a) levantamento bibliográfico; (b) discussão dos preceitos teóricos; (c) análise de livros didáticos; (d) confecção de propostas didáticas sobre fraseologismos, com ênfase nas expressões idiomáticas; e (e) elaboração de um curso de capacitação.

O primeiro momento será reservado às leituras teóricas e ao fichamento sobre o tema (revisão da literatura). O segundo momento será destinado à definição dos preceitos teóricos sobre cultura, língua, associação, fraseologia, unidade fraseológica e expressão idiomática. O terceiro momento destinar-se-á à análise dos livros didáticos que são trabalhados com o ensino médio, intitulados *Clave, español para el mundo* (1a, 1b, 2a), com o objetivo de detectar de que forma as expressões idiomáticas são apresentadas. O quarto momento será reservado à confecção de propostas didático-pedagógicas acerca do assunto pesquisado, tendo como grande guarda-chuva o tema unidades fraseológicas, com ênfase nas expressões idiomáticas, que serão utilizadas no quinto momento, no qual, por fim, haverá um curso de capacitação elaborado por nós, a fim de instrumentalizar professores de espanhol.

Ressaltamos que esse resumo expandido é baseado em uma pesquisa maior de mestrado no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Pretendemos, com este trabalho, contribuir para o processo de ensino e aprendizagem de espanhol como língua estrangeira/adicional e que professores e aprendizes brasileiros de Espanhol como Língua Estrangeira (E/LE) possam se beneficiar desta pesquisa e de futuros estudos sobre esse tema, mediante um curso de capacitação. Nosso intuito é dialogar sobre língua-cultura sob a perspectiva das unidades fraseológicas, os objetivos a que se propõem e a competência cultural, elementos importantes, decisivos e *influenciadores* no processo de ensino e aprendizagem de E/LE. Como assinalam Ortiz Alvarez e Unternbäumen (2011, p. 7-8):

A fraseologia descreve o mundo real, as experiências quotidianas, o colorido e a sabedoria de um povo e por isso torna-se um importantíssimo veículo de identidade e de cultura. As unidades que a integram funcionariam como instrumentos de conduta, aptos para serem aplicados no dia a dia. São formas de conhecimento da história, do pensamento social no decorrer dos séculos e, portanto, portadoras das vivências de uma ou mais gerações.

Concluimos este tópico ressaltando que a preocupação do ensino de E/LE deve ser voltada para maior compreensão dos (próprios) valores culturais, uma vez que a cultura, como forma de construção da cidadania, figura entre as capacidades que se almeja desenvolver em qualquer aprendiz. Dentro desse contexto, conforme nos ensina Consolaro (2000, p. 171), necessitamos “despertar o senso crítico em nosso aluno independente do assunto ministrado”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sublinhamos que a pesquisa em tela tem o escopo de evidenciar o enlace ou a ponte entre aspectos linguísticos e culturais. Evidenciar um resgate sócio-histórico e linguístico-cultural desenvolvendo a competência comunicativa do aprendiz, auxiliando-o a se comunicar e transitar entre os idiomas (língua materna e língua estrangeira/adicional alvo), otimizando a competência fraseológica e, conseqüentemente, aprimorando a competência comunicativa, que é a meta a ser alcançada por todo aprendiz.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, O. G. La Lingüística Contrastiva, los Comités de Ética en Investigación en Seres Humanos y la formación de profesores de español como lengua extranjera / adicional en Brasil. *In: SEMINARIO DE DIFICULTADES ESPECÍFICAS DE LA ENSEÑANZA DE ESPAÑOL A BRASILEÑOS*. 25., 2017, São Paulo. **25 años, 25 seminarios**. Brasília: Secretaría General Técnica – Subdirección General de Documentación y Publicaciones, 2017. p. 148-159.

ANDRADE, O. G.; FERREIRA, RIOS, T. H. C. Uma proposta de trabalho com o campo léxico de cores para estudantes brasileiros de espanhol como língua estrangeira. *In: FERREIRA, Cláudia Cristina (org.). Conjecturas, diálogos e perspectivas sobre o processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras/adicionais*. Londrina: UEL, 2014. p. 215-230.

BENÍTEZ PÉREZ, P.; DURÃO, A. B. A. B. Lengua, Cultura y Enseñanza de ELE. **20 años de APEERJ. El español: un idioma universal**. Rio de Janeiro: APEERJ, 2001. p. 43-53.

CONSOLARO, Alberto. **O "ser" professor: arte e ciência no ensinar e aprender**. 2. ed., Maringá: Dental Press, 2000.

DURÃO, A. B. A. B. É preciso conhecer hábitos culturais para falar bem uma língua estrangeira? **Folha Nossa**, p. 6, jul. 2002.

DURÃO, A. B. A. B. A associação da língua e da cultura em livros didáticos de espanhol como língua estrangeira (ELE). **Entretextos**, v. 4, p. 51-64, 2004.

DURÃO, A. B. A. B. A importância da explicitação de matizes culturais particulares no ensino de língua estrangeira. **Signum**, v. 2, p. 139-154, 1999.

FERREIRA, C. C. A associação da língua e da cultura em livros didáticos de espanhol como língua estrangeira (ELE). **Entretextos**, v. 4, p. 51-64, 2004.

FERREIRA, C. C. Abre alas que eu quero passar. Não só a festividades se resume trabalhar (inter/trans)culturalidade: reflexões teóricas e propostas pedagógicas In: FERREIRA, C. C.; MIRANDA, C. V. M. **(Re)Visões sobre o processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras/adicionais**: conjugação entre teoria e prática. Campinas: Pontes, 2020a, v. 1, p. 13-56.

FERREIRA, C. C. E por falar em cultura... Apontamentos teórico-práticos sobre matizes culturais no processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras/adicionais. In: FERREIRA, C. C. (org.). **Interlocuções e perspectivas investigativo-metodológicas sobre o ensino de línguas estrangeiras/adicionais**. Campinas: Pontes, 2020b. p. 12-40.

FERREIRA, C. C. É possível ser competente em língua estrangeira? In: ZORZO-VELOSO, V. F; FERREIRA, C. C.; ORTIGOZA, A. F. (org.). **El español en línea de mira**: enlaces lingüísticos y metodológicos. Londrina: UEL, 2013. p. 67-83.

FERREIRA, C. C. El abordaje lingüístico-cultural en libros didáticos de E/LE. In: SIMPOSIO DE DIDÁCTICA DEL ESPAOL PARA EXTRANJEROS: teoría y práctica, 1. 2004, Rio de Janeiro. **Actas del I Simposio de Didáctica del Español para Extranjeros**: teoría y práctica. Rio de Janeiro - RJ: Instituto Cervantes, 2004. p. 139-148.

FERREIRA, C. C. Mais um abacaxi para descascar ou uma mão na roda? Os culturemas no processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras/adicionais. In: FERREIRA, C. C. (org.). **Vade mecum do ensino das línguas estrangeiras/adicionais**. Campinas: Pontes, 2018. v. 1. p. 491-524.

FERREIRA, C. C. Manuales de enseñanza de lengua extranjera/adicional en evidencia: investigación y criterios de análisis. In: KANASHIRO, D. S. K.; SANTOS, J. J. **Prática de Ensino de Língua Espanhola**. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2015. p. 87-105.

FERREIRA, C. C. Mergulhando de cabeça na paremiologia sob o prisma dos culturemas. In: Angélica Lyra de Araújo *et al.* (org.). **Múltiplos olhares sobre internacionalização em letras espanhol e ciências sociais (Brasil-Argentina)**: pesquisa, ensino e extensão. Curitiba: Dialética e Realidade, 2020c. v. 1. p. 251-262.

FERREIRA, C. C. Nem preto no branco, nem oito ou oitenta: Matizes Culturais e seus desdobramentos no ensino e na tradução. In: SILVA JÚNIOR, A. F. da (org.). **Conversas sobre ensino de línguas durante a pandemia**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021a. p.

361-377.

FERREIRA, C. C.; LIMA, E. Pedra no caminho ou agulha no palheiro? Reflexões sobre as expressões idiomáticas no ensino e na tradução. In: ZORZO-VELOSO, Valdirene Filomena *et al.* (org.) **Perspectivas investigativas no ensino de Espanhol e Ciências Sociais da UEL**. Londrina: Madrepérola, 2021b. v. 1, p. 85-103.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LADO, R. Cómo se comparan dos culturas. Lingüística contrastiva: lenguas y culturas. Trad. Joseph A. Fernández. Madrid: Ediciones Alcalá, 1973. p. 117-131. In: LADO, R. **Lingüística contrastiva: lenguas y culturas**. Trad. Joseph A. Fernández. Madrid: Ediciones Alcalá, 1973.

MARCUSCHI, Elizabeth. Os destinos da avaliação no manual do professor. In: DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A. (dir.). **O livro didático de português: múltiplos olhares**, Rio de Janeiro, Lucerna, 2011. p. 139-150.

MONTEIRO-PLANTIN, R. S. **Fraseologia**: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

ORTIGOZA, A. F.; DURÃO A. B. de A. B. O registro de somatismos em dicionários monolíngues do português e dicionários bilíngues português-espanhol. In: FERREIRA, C. C. (org.). **Conjecturas, diálogos e perspectivas sobre o processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras/adicionais**. Londrina: UEL, 2014. p. 197-213.

ORTIZ ALVAREZ, M. L. (org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2012.

ORTIZ ALVAREZ, M. L. (org.). Traduzir uma expressão idiomática não é quebrar um galho, é descascar um abacaxi. In: BELL-SANTOS, C. Ann *et al.* (org.). **Tradução e cultura**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011. p. 121-140.

ORTIZ ALVAREZ, M. L.; UNDERNBAUMEN, E. H. (org.). **Uma (Re)Visão da Teoria e da Pesquisa Fraseológicas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

RIOS, T. H. C. Propostas didáticas com expressões idiomáticas para as aulas de espanhol com língua estrangeira. In: NADIN, O. L.; LUGLI, V. C, Poletto (org.). **Espanhol como língua estrangeira: reflexões teóricas e propostas didáticas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013, p. 151-163.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SEBOLD, Maria Mercedes Riveiro Quintans. A produção editorial para o ensino/aprendizagem de espanhol LE no Brasil. ANUARIO BRASILEÑO DE ESTUDIOS HISPÁNICOS, 8, 1998. p. 33-38.

TAGNIN, S. E. O. **Expressões idiomáticas e convencionais**. São Paulo: Ática, 1989.

VARGAS, M. D. Um olhar sobre o uso do dicionário na sala de aula de língua estrangeira: pensando no ensino do léxico. IN: DURÃO A. B. A. B.; MOTA, M. B. (org.). **Discussões em torno do ensino e da aprendizagem de vocabulário de língua estrangeira e uso de dicionário como ferramentas didáticas**. Londrina: UEL, 2011. p. 135-147.

VARGAS, M. D.; ZORZO-VELOSO, V. F. ¿Es posible ser un profesor autónomo utilizando libro didáctico? *In*: SEMINARIO DE DIFICULTADES ESPECÍFICAS DE LA ENSEÑANZA DE ESPAÑOL A LUSOHABLANTES: El Profesor de Español Como Lengua Extranjera en Brasil. 19. São Paulo. **Anais [...]**. Brasília: Embajada de España en Brasil - Consejería de Educación, Ministerio de Educación de España, 2013. p. 31-40. Disponível em: <http://marianadarevargas.com.br/wp-content/uploads/2014/07/VARGAS-ZORZO-VELOSO.-Es-posible-ser-un-profesor-autonomo.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2022.

XATARA, C. M. O estudo contrastivo português-espanhol dos idiomatismos e os falsos cognatos idiomáticos. **TRADTERM**, 14, 2008, p. 221-242. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/46459/50215>. Acesso em: 20 mai. 2015.



TraCEF

Tradução, Cognição, Ensino e Funcionalismo

APRENDER ALEMÃO É DELICIOSO! CULTUREMAS PRESENTES EM GASTRONOMISMOS NO ENSINO DE ALEMÃO POR MEIO DE APLICATIVO

Lucas Corrêa Guiotti (UEL; lucas.guiotti88@uel.br)

Claudia Cristina Ferreira (UEL; claucrisfer@uel.br)

INTRODUÇÃO

A necessidade de desenvolver um produto educacional voltado aos aprendizes brasileiros de língua alemã como língua estrangeira/adicional (LE/A) surgiu a partir de observações e de inquietudes da própria práxis do professor-pesquisador⁵ deste trabalho e por ser um professor em constante formação.

Ao compartilhar as mesmas concepções e crenças de um ensino de caráter intercultural e de sua relevância (DURÃO, 2002; FERREIRA, 2012; ARAÚJO, FIGUEIREDO, 2015; SILVA, 2016), em especial, no contexto de formação de professores, a pesquisa se justifica por criar um produto educacional para esse público-alvo, que ofereça suporte ao processo de ensino e aprendizagem, com o intuito de emancipação do conhecimento de língua dos aprendizes, trazendo à tona aspectos culturais relevantes para o aprendizado da língua alemã.

Neste estudo, tem-se como base o ensino intercultural. O produto educacional será uma ponte pela qual os aprendizes poderão realizar consultas e, como consequência, gerar reflexões e discussões sobre a cultura estrangeira/adicional, construindo um canal de diálogo entre a cultura materna e a cultura-alvo.

Dessa maneira, este estudo tem como arcabouço teórico: (a) desenvolvimento da competência intercultural; (b) ensino de língua alemã como língua estrangeira/adicional em contexto brasileiro; (c) estudos fraseológicos (mais precisamente no trabalho

⁵ O contexto de atuação do professor-pesquisador deste projeto é de dois lugares distintos. O primeiro é como professor de línguas alemã e inglesa em uma escola de idiomas localizada em uma cidade do interior de São Paulo. A escola em questão não é franqueada, porém, adota um método específico para o ensino dos dois idiomas. Nesse sentido, é possível dizer que a escola apresenta maior grau de flexibilidade com relação ao uso de materiais didáticos diversos por não precisarem se ater a um material em específico e, por consequência, há maior liberdade do professor para lecionar pensando no seu público-alvo, que é composto de adultos e de jovens adultos. O segundo contexto é como professor colaborador, ministrando aulas de língua alemã, em outra cidade do interior de São Paulo, em uma instituição de ensino superior que segue os mesmos parâmetros de ensino do Instituto Goethe (que atua como um parâmetro para o ensino e a propagação do idioma alemão no país). O público dessa instituição é composto por universitários em formação no curso de Letras com licenciatura dupla, nesse caso, habilitados em línguas portuguesa e alemã.

elencamos as expressões idiomáticas relacionadas à gastronomia); (d) e, por fim, o conceito de *mobile learning*, que indica o ensino por meio de tecnologia móvel.

JUSTIFICATIVA

Este trabalho justifica-se pelo contexto de atuação já explicitado e pelas dificuldades enfrentadas por aprendizes brasileiros de língua alemã no seu processo de aprendizagem de expressões idiomáticas. A partir dessas considerações, o trabalho dialoga sobre o processo de ensino e aprendizagem de língua alemã pelo viés da abordagem intercultural, contemplando culturemas gastronômicos por meio do *mobile learning*.

Sobre a escolha da denominação de língua estrangeira/adicional para este trabalho, ela advém dos estudos que afirmam que a língua é, ao mesmo tempo, um construto híbrido, pois, quando ela passa a não ser mais estrangeira para o falante, ela se torna adicional, não desconsiderando a língua materna como a primeira do indivíduo (LEFFA; IRALA, 2014).

Este trabalho também é justificado por ser o resultado de uma pesquisa desenvolvida em um curso de mestrado profissional que possui como objetivo primordial apresentar propostas de produtos educacionais desenvolvidos durante o programa e que podem ser considerados como um retorno da instituição pública à comunidade.

OBJETIVOS

Para a realização deste trabalho, quanto aos objetivos específicos, pretende-se auxiliar aprendizes brasileiros que estudam alemão como língua estrangeira/adicional no que concerne à compreensão e à aprendizagem de estruturas fixas da língua, neste caso, expressões idiomáticas, e também o desenvolvimento de um produto educacional tecnológico (aplicativo) que funciona como um guia, facilitando esse processo.

Sendo assim, a problemática desta pesquisa está delineada com base em duas perguntas norteadoras, a saber: (a) Qual é o papel dos culturemas no processo de ensino e aprendizagem da língua alemã? (b) Como aplicativos podem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem de alemão?

Diante disso, este estudo mostra-se relevante, pois, entre as áreas de Linguística Aplicada e da Fraseologia, as pesquisas relacionadas a culturemas estão em ascensão, e, como o trabalho relata a pesquisa e a elaboração de um produto educacional, acredita-se

que a proposta apresentada – um aplicativo para *smartphones* – contribuirá para o processo de ensino e aprendizagem de unidades fraseológicas em alemão.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste trabalho foram adotados os seguintes processos metodológicos. Inicialmente, fez-se uma busca de artigos, publicações em revistas e em anais de eventos, dissertações e teses em bases de dados para o início da etapa do processo de leitura da literatura científica dos temas que norteiam este projeto. Para tanto, no mês de setembro de 2018, delimitou-se a quantidade de 26 referências sobre os temas centrais desta pesquisa.

Ao fazer as buscas, utilizaram-se os seguintes filtros: “interculturalidade”, “Fraseologia” e “aplicativos no ensino”, não fazendo delimitação de período de publicação, mas, em um primeiro momento, tendo como preferência os textos publicados apenas em língua portuguesa. Com relação às bases de dados escolhidas, podemos listar o Banco de Dissertações e Teses da Capes, Google Acadêmico e o acervo da Universidade Estadual de Londrina.

Em um segundo momento, ao pensar sobre a parte prática deste estudo, sobretudo, na elaboração do produto educacional, realizou-se uma consulta no *Google Play*, em seu aplicativo de busca *Play Store*, para verificar a quantidade de aplicativos para celulares que possuem a mesma proposta e o mesmo enfoque do aplicativo em questão. Há no mercado três tipos de aplicativos para *smartphones*: aplicativos nativos, *Web Apps* e aplicativos híbridos. A escolha feita para este trabalho foi a criação de um aplicativo híbrido, devido às suas características. Ele pode ser executado por um navegador e, quando o programa reconhece que o usuário está acessando o site por meio de um *smartphone*, ele se adapta.

Constatou-se que há muitos aplicativos que são voltados ao ensino do idioma alemão, preocupando-se apenas com a ênfase gramatical (*Deutsche Grammatik*, *Learn Deutsch Grammatik*, *14000 Deutsche Verben*) ou alguns aplicativos que são voltados para a aquisição de vocabulário (Aprenda palavras em alemão, *Deutsch lernen mit Quiz*, *Deutsch wordcads*, *Wort des Tages*) que não apresentam uma perspectiva intercultural de ensino desse vocabulário, algumas vezes feita de forma descontextualizada; portanto, pretendeu-se não registrar na pesquisa alguns desses expoentes, mas, sim, relatar a experiência com o desenvolvimento e a utilização do produto educacional no contexto no

qual ele foi originado, os resultados e as contribuições, se houver, obtidos a partir de seu uso em sala de aula.

Outro fator a ser destacado neste trabalho também com relação à escolha das imagens é o cuidado ao evidenciar as imagens que concebem as expressões idiomáticas. O estímulo visual é almejado não só como pretexto ilustrativo, a fim de exemplificar o texto, mas também objetivando que o usuário possa expandir seu próprio letramento digital/visual, pois, no meio da prática cotidiana na sociedade contemporânea, em que se é exposto a tantas imagens a todo o momento, os indivíduos perdem a capacidade de filtrar o que são as imagens que de fato influenciarão sua formação e opiniões, segundo Trevisan (2002).

É necessário ressaltar que essas sequências de telas foram elaboradas a partir da perspectiva de Leffa (2007), no que se refere à criação de uma unidade didática.

O ensino baseado na tarefa tem sido o mais usado no desenvolvimento de materiais por dar suporte aos alunos para que haja maior aproximação entre situações vistas em sala de aula e situações reais, tentando transpor a distância entre as duas instâncias.

Sobre o ordenamento de atividades, verifica-se que os critérios básicos de utilização são facilidade e necessidade. O primeiro sempre partirá do pressuposto de que primeiramente devem vir as atividades mais fáceis, até gradualmente se chegar às mais complexas, já a necessidade seria o uso de atividades de caráter mais útil, necessárias em um primeiro momento.

Para facilitar esse emparelhamento, é dada a ordenação em categorias, tais como: garantir atenção, informar os objetivos, acionar conhecimento prévio, apresentar o conteúdo, facilitar a aprendizagem (exemplos), solicitar desempenho (discutir), fornecer *feedback*, avaliar o desempenho, reter e transferir (lembrar o que já aprendeu e usar e relacionar com o novo).

Pensando nisso, a fase inicial caracteriza-se como a apresentação do conteúdo. Em seguida, há a facilitação da aprendizagem por meio do exemplo. Também é feita uma discussão sobre a expressão idiomática na fase de solicitação de desempenho. Por fim, faz-se a avaliação do desempenho proposta pela atividade.

Para a sua ideal completude, deve-se levar em consideração quatro etapas fundamentais: “(1) análise, (2) desenvolvimento, (3) implementação e (4) avaliação. Idealmente essas quatro etapas devem formar um ciclo recursivo, onde a avaliação leve a uma nova análise, reiniciando um novo ciclo” (LEFFA, 2007, p. 15).

É possível concluir que o aplicativo elaborado se torna um produto fruto de uma realidade massificada, em que a maioria dos aprendizes brasileiros que estudam alemão se enquadra. Ora, se o aplicativo foi desenvolvido a partir das necessidades de um determinado contexto, ele adquire também esse *status quo*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao desenvolvermos este produto, utilizamos vários recursos *multimodais* (DIONÍSIO, 2011) como imagens, vídeos, áudios e *hiperlinks*. Atualmente, o modo como se faz leitura de mundo é diferente de como era no século XIX. Com a chegada do cinema e da fotografia, e, em seguida, do computador e de vídeos, a maneira como a sociedade reage ao imagético é o grau de subjetividade que se atribui às imagens. Desse modo, o retrato que se tem é de que os indivíduos não mais conseguem harmonizar as palavras ou gestos com a hipervelocidade de estímulos visuais que captam, fazendo também a consciência acelerar, modificando seu princípio de realidade. Partindo dessa premissa, de que nossa realidade também está em constante modificação por meio da cultura de massa, é provável que a maneira como são selecionados os conteúdos não seja arbitrária e aleatória. Por conseguinte, tem-se o acúmulo de figuras, ícones, cenas, textos imagéticos que são colocados em produtos para serem consumidos com suas ideologias atreladas. Com este trabalho podemos constatar que os culturemas ainda proporcionam um amplo *locus* para estudos, uma vez que as pesquisas datam do final dos anos 90, consolidando a necessidade de estudos mais aprofundados, pavimentando o caminho investigativo para tal fenômeno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com relação ao produto criado e à escolha em ser um aplicativo para *smartphones*, conclui-se que se deve fornecer aos alunos não só o *input* léxico-fraseológico-cultural e pragmático, mas proporcionar um ambiente que favoreça o ensino e aprendizagem mediante uso de tecnologias, de modo que haja o enlace de saberes da maneira mais espontânea possível. Propiciar um meio em que o ensino e a aprendizagem visem à prática pedagógica transformadora para abrir portas, ampliar horizontes e diminuir preconceitos linguístico-culturais, (in/trans)formando, conseqüentemente, o aprendiz em um ser reflexivo e sensível às mudanças da sociedade.

Nesse sentido, assinala-se que os culturemas não foram pretexto para o ensino das expressões idiomáticas, porém foram um fio condutor para que os aspectos culturais

fossem salientados, motivando o usuário a usar a plataforma. No que se refere aos benefícios do uso do produto educacional *Kult* no processo de ensino e aprendizagem de alemão, compreende-se que a portabilidade, a interação usuário/tecnologia e a facilidade de manuseio de uma ferramenta educacional foram os fatores de benefícios que puderam ser salientados neste trabalho. Uma vez que o aplicativo tem como características primordiais essas elencadas anteriormente, quebra-se, desse modo, o paradigma da visão do processo de ensino e aprendizagem tradicional, em que a aula é realizada apenas dentro de uma sala de aula, seguindo um determinado *script* de tempo/espaço.

No que tange aos desdobramentos deste trabalho, esclarece-se que, futuramente, a aplicação dessa ferramenta poderá ser feita em contexto educacional para o público ao qual o trabalho foi desenvolvido. A partir disso, haverá, posteriormente, a observação e a coleta de dados sobre a receptividade dos usuários, a experiência que eles tiveram com o aplicativo e os pontos a serem melhorados e/ou adicionados.

Com relação às perspectivas futuras deste trabalho, assinala-se a necessidade de atrelar os estudos fraseológicos aos estudos tradutórios com mais afinco nos cursos de licenciatura em línguas estrangeiras/adicionais, a fim de formar professores reflexivos e que, ao confeccionarem seus materiais didáticos, eles possam abranger também as unidades fraseológicas de forma a contemplarem-nas não como um mero apêndice, mas plenamente incorporadas ao ensino da língua estrangeira, atreladas a suas especificidades contextuais. Também pretende-se continuar as investigações no campo das unidades fraseológicas, corroborando com os trabalhos de criação de dicionários fraseológicos monolíngues que contemplem e consigam abranger campos semânticos não só relacionados à culinária mas também a outras temáticas, tais como vestuário, animais, entre outros. Dessa maneira, reconhece-se a importância de continuar os estudos dos fenômenos fraseológicos nas línguas e espera-se que o presente trabalho traga luz ao tema e contribua com estudos posteriores.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Marco André Franco de; FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de. Cultura, interculturalidade e sala de aula de língua estrangeira: múltiplas perspectivas. **Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG-Inhumas**, Inhumas, v. 7, n. 1, p. 63-76, jun. 2015.

DIONÍSIO, A. P. Gêneros textuais e multimodalidade. *In*: KASWOSKI, A. M *et al.* (org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 137-152.

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri. Psiu? Você quer saber mais sobre as línguas? 5: É preciso conhecer hábitos culturais para falar bem uma língua estrangeira? **Folha Nossa**, ano 2, v. 12, p. 6, jul. 2002.

FERREIRA, Cláudia Cristina. (Inter)culturalidade em prol da competência Comunicativa na Aula de línguas Estrangeiras ou Línguas Adicionais. *In*: FERREIRA, Cláudia Cristina; LOPES, Silvana Salino Ramos; REIS, Marta A. Balbino Oliveira dos; NOGUEIRA, Sônia Regina (org.). **Tessituras teórico-metodológicas sobre o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras**: conjugação entre saberes e fazeres. Londrina: UEL, v. 1. p. 49-78, 2012.

LEFFA, Vilson José; IRALA, Valesca Brasil. O ensino de outra(s) língua(s) na contemporaneidade: questões conceituais e metodológicas. *In*: LEFFA, Vilson José; IRALA, Valesca Brasil. **Uma espiadinha na sala de aula**: ensinando línguas adicionais no Brasil. Pelotas: Educat, 2014. p. 21-48.

TREVISAN, Amarildo Luiz. **Pedagogia das imagens culturais**: da formação cultural à formação da opinião pública. Ijuí: Ed. da UNIJUÍ, 2002.



TraCEF

Tradução, Cognição, Ensino e Funcionalismo

TIP YOU THE WINK: ELABORAÇÃO DE UMA UNIDADE DIDÁTICA PARA O ENSINO DE INGLÊS NO NÍVEL B2 À LUZ DE FRASEOLOGISMOS

Eduardo Bueno da Costa (UEL; eduardo.bueno.costa@uel.br)

Tatiana Helena de Carvalho Rios Ferreira (UEL; tatianarios@uel.br)

INTRODUÇÃO

Saber um novo idioma e poder se comunicar com outras pessoas ao redor do mundo não se reduz a aprender um novo código linguístico, uma vez que “A aprendizagem de uma língua permite conhecer outras visões de mundo e entender melhor as nossas próprias” (GIMENEZ, 1998). Por meio dessas novas “visões de mundo”, temos acesso a novas culturas, tradições, costumes e até valores. Concordamos com Moreira e Figueiredo (2012), que ressaltam que “a língua é um reflexo da cultura, pois, ao mesmo tempo em que a língua é uma parte da cultura, ela também é algo que a constitui”. Nesse sentido, língua e cultura são indissociáveis.

As línguas refletem diversos aspectos das culturas às quais estão vinculadas. Um desses aspectos se plasma em seu universo fraseológico. Esse universo é constituído por fraseologismos, ou unidades fraseológicas, entendidos como “combinações de unidades léxicas, estáveis, idiomáticas, formadas por duas ou mais palavras” (MONTEIRO-PLANTIN, 2017). Alguns tipos de unidades fraseológicas são: parêmiás, expressões idiomáticas, colocações, pragmatemas, estereótipos, clichês, bordões e slogans, os quais estão, na maioria das vezes, carregados de carga cultural.

Os fraseologismos são estudados pela Fraseologia, que é “uma disciplina independente relacionada a todos os níveis de análise linguística, do fonológico ao discursivo-pragmático” (MONTEIRO-PLANTIN, 2017). Outra disciplina relacionada ao nosso trabalho é a Fraseodidática, definida por Krieger, Monteiro-Plantin e Olímpio de Oliveira Silva (2020) como “a didática da fraseologia”, ou seja, ela trata de descrever como ensinar e aprender fraseologia.

Sendo assim, o presente trabalho visa discorrer sobre os princípios teóricos da Fraseodidática e da Fraseologia, para o desenvolvimento de um material com vistas ao ensino de inglês como língua adicional e, mais especificamente, ao tratamento das unidades fraseológicas para estudantes de língua inglesa em nível B2 do Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (QECR, 2020). As unidades fraseológicas tratadas serão: *phrasal verbs*, *fixed phrases*, *collocations* e *idioms*.

JUSTIFICATIVA

Em nossa experiência de ensino de línguas e de trabalho com materiais didáticos ao longo dos anos, observamos que geralmente os fraseologismos são tratados de maneira superficial e muito rápida. Assim sendo, com este material, buscamos oferecer aos alunos um conhecimento mais aprofundado das unidades fraseológicas, a fim de que eles realmente tenham oportunidade de se apropriar delas.

É importante salientar também que a Fraseologia é uma disciplina bastante recente. Por esse motivo, faz-se necessário disseminar mais seus conhecimentos. Krieger, Monteiro-Plantin e Olímpio de Oliveira Silva (2020) apontam vários aspectos pendentes no ensino da Fraseologia, como a falta de inclusão da disciplina em documentos curriculares, a falta de formação do professorado, a falta de realização de estudos empíricos na área e até mesmo de pilotagem de materiais didáticos que ensinem fraseologia. Para sanar, ainda que parcialmente, essas carências, propomos este material específico para o tratamento de unidades fraseológicas de nível B2 em língua inglesa. Por meio do uso desse material, almejamos que os alunos se sintam seguros e confiantes no que concerne ao reconhecimento e uso de tais unidades. Para tanto, propomo-nos não somente a elaborar o material como também a pilotá-lo e analisar os resultados desse processo.

Como consequência, poderemos colaborar com outros professores que compartilham da mesma necessidade, dando-lhes mais uma ferramenta para que possam preparar melhor seus alunos e aumentar seu nível de conhecimento fraseológico. Ademais, poderemos empoderar a prática linguística, discursiva e fraseológica dos alunos e deixá-los mais confiantes quanto ao uso de unidades fraseológicas.

Mais um benefício do material é dar oportunidade ao aluno de discutir, refletir e debater temas da atualidade como sustentabilidade, esportes, lazer, tecnologia, viagem, música, filmes, entre outros. Dessa forma, desenvolveremos a capacidade do aluno de opinar sobre assuntos extremamente relevantes e que fazem parte do seu dia a dia, tornando-o mais crítico e criativo, e não apenas ensinar a língua pela língua.

Decidimos pelo nível B2, pois, de acordo com o QECR (2020), apesar de o aprendiz ainda não possuir alto grau de conhecimento idiomático, espera-se que nesse nível ele tenha um extenso conhecimento de vocabulário. No que tange à *competência fraseológica* (GONZÁLEZ REY, 2018; ORTÍZ ALVAREZ, 2015; SOLANO RODRÍGUEZ, 2004), espera-se que já saiba frases feitas, *phrasal verbs*, coloquialismos e colocações mais comuns, do dia a dia, apesar de ainda ter dificuldade com expressões

idiomáticas pouco comuns. Dessa maneira, incluímos quatro tipos de unidades fraseológicas que podem auxiliar o aluno a se comunicar efetivamente na língua inglesa: *phrasal verbs*, *collocations*, *idioms* e *fixed phrases*.

OBJETIVOS

Para a realização deste trabalho, inicialmente identificamos algumas unidades fraseológicas que um estudante de língua inglesa em nível B2 deve conhecer. A partir desse conteúdo, desenvolvemos as atividades para proporcionar oportunidades de aprendizagem e uso dessas unidades de forma natural, em situações do dia a dia.

Esse conhecimento, tanto para o aluno quanto para o professor, pode fazer com que eles se tornem mais livres e emancipados em relação ao uso da língua. Contribuirá também para a imersão e exploração de uma nova cultura, pois, como já mencionado, cultura e língua são indissociáveis, e as unidades fraseológicas representam, afloram e demonstram a identidade ideológica de uma língua ou de um povo.

Portanto, deixamos aqui as seguintes perguntas a serem respondidas durante o desenvolvimento do trabalho:

- a) Quais unidades fraseológicas são necessárias para um aluno de nível B2 de língua inglesa?
- b) Como podemos proporcionar oportunidades para que o aluno não só conheça, mas também se aproprie dessas unidades fraseológicas?
- c) Como o modelo pedagógico fraseodidático proposto por Ettinger e Lüger (2008) pode ser implementado de modo a conduzir o aluno a conhecer e se apropriar dessas unidades fraseológicas?

METODOLOGIA

Como mencionado, de acordo com o QECR (2020), um estudante de língua inglesa em nível B2 precisa saber: *phrasal verbs*, *fixed phrases*, *collocations* e *idioms* mais comuns do dia a dia. Sendo assim, as unidades fraseológicas selecionadas e, por consequência, presentes no material serão dos tipos anteriormente referidos. A presente pesquisa, de natureza qualitativa, seleciona tais elementos do *English Profile*, site desenvolvido pela Universidade de Cambridge e *Cambridge English Language Assessment*, que descreve, com base em um estudo feito por essas instituições, quais aspectos da língua inglesa são necessários em cada nível do QECR. Assim sendo, selecionamos um conjunto de unidades fraseológicas relevantes para que um aluno de

nível B2 desenvolva sua competência fraseológica. Em seguida, recortamos as unidades a serem utilizadas dentro de cada lição, de acordo com os temas a serem abordados.

Desenvolvemos nosso material didático com base nesse levantamento. As atividades desse material são de compreensão e produção escrita e compreensão e produção oral, o que fará com que o aluno, além de praticar e apropriar-se das unidades fraseológicas apresentadas, possa também pôr em uso as quatro habilidades. Além disso, seguimos o modelo pedagógico fraseodidático apresentado por Ettinger e Lüger (2008 *apud* GONZÁLEZ REY, 2018), que visa auxiliar o ensino das unidades fraseológicas. Os autores propõem o seguinte modelo pedagógico fraseodidático:

- a) descobrimento dos fraseologismos no contexto através de sua imagem, sob a direção do docente (etapa de aprendizagem ilustrativa);
- b) estudo dos fraseologismos presentes nas lições (busca mais autônoma das definições), e explicação dos mais difíceis por parte do professor (etapa de clarificação);
- c) exercícios mnemotécnicos sobre os fraseologismos (“não sendo necessário trabalhar com textos autênticos que consumam muito tempo”), em que o professor comenta detalhadamente os mais complexos (etapa de fixação);
- d) observação do uso dos fraseologismos aprendidos em textos autênticos, no qual o aluno busca identificar e empregar de forma autônoma os fraseologismos de forma semelhante (etapa de reformulação).⁶

Além do modelo pedagógico, Ettinger e Lüger sugerem que as unidades fraseológicas sejam ensinadas por tipos, seguindo uma ordem determinada, para que os alunos possam adquirir a competência fraseológica. Sendo assim, o material se divide da seguinte maneira: unidades com temas atuais e do dia a dia do aprendiz, sendo cada unidade subdividida em quatro lições. Por exemplo, a “Unidade 1” com o tema central “*Green living*”: Lição 1 – “That’s what we stand up for: ‘Say no to deforestation!’”, que trabalha com *phrasal verbs* e o desmatamento; Lição 2 – “We’ll pay through our noses if we don’t start now!”, com *idioms* e sustentabilidade; Lição 3 – “Let’s be more eco-friendly, shall we?”, com *collocations* e mudanças climáticas e aquecimento global; Lição 4 – “At all costs: really?”, *fixed phrases* e ações humanas que destroem o meio ambiente

⁶ As nomenclaturas entre parênteses “etapa de aprendizagem ilustrativa, etapa de clarificação, etapa de fixação e etapa de reformulação”, são apresentadas e criadas por González Rey (2018).

e suas consequências. A princípio apenas a unidade 1 está sendo desenvolvida para que, após a sua pilotagem, possam ser desenvolvidas outras unidades.

O material será um *protótipo* (ROJO, 2017), disponibilizado em formato PDF, levando-se em consideração a evolução tecnológica dos alunos e dos materiais didáticos que vemos atualmente, mas para que também haja a possibilidade de impressão, caso seja a opção do aprendiz.

Ao terminarmos o desenvolvimento do material, o pilotaremos em um grupo de alunos de uma escola de idiomas de uma cidade do interior do estado do Paraná. Esses alunos têm idades entre 20 e 38 anos e já estão encerrando o curso de inglês no instituto de idiomas, portanto, entende-se que eles já estejam atingindo o nível B2. Serão dez aulas de uma hora cada, para que possamos pilotar toda a unidade. Em seguida, os alunos passarão por uma avaliação para que possamos analisar os resultados obtidos.

Assim, o material didático poderá ser utilizado como guia para professores que queiram preparar seus alunos para adquirirem competência fraseológica em nível B2. Ele apresentará atividades para desenvolvimento do *mínimo fraseológico* (KRIEGER, MONTEIRO-PLANTIN; OLÍMPIO DE OLIVEIRA SILVA, 2020) do estudante e para fixação dessas unidades fraseológicas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao desenvolvermos esse material, utilizamos vários recursos *multimodais* (DIONÍSIO, 2011) como imagens, vídeos, áudios e *hiperlinks*. Uma das grandes dificuldades que encontramos foi localizar imagens e vídeos adequados e livres de direitos autorais. Alguns dos vídeos foram gravados por mim mesmo com alguns colegas de trabalho que se dispuseram a ajudar, tendo sua autorização por escrito. Os áudios utilizados também foram gravados por mim com a ajuda desses mesmos colegas. Esses áudios têm boa qualidade, apesar de não dispormos de um estúdio para gravação. Nesse sentido, o avanço da tecnologia e a difusão de programas de gravação e edição de áudio e vídeo têm sido bastante benéficos para o desenvolvimento de materiais a baixo custo.

Um dos passos do modelo pedagógico fraseodidático, a etapa de reformulação (ETTINGER; LÜGER, 2008), requer que os alunos identifiquem as unidades fraseológicas em textos autênticos. Por esse motivo, tivemos uma pequena dificuldade em encontrar textos que contivessem todas as unidades fraseológicas trabalhadas em determinadas lições. Para isso, em algumas lições, pediremos que os alunos procurem na

internet diferentes textos que contenham essas unidades fraseológicas, enquanto em outras lições, trazemos textos autênticos, porém com algumas adaptações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho e o material didático, pretendemos disseminar o conhecimento da Fraseologia e da Fraseodidática a professores de idiomas e auxiliá-los no desenvolvimento lexical de seus alunos.

Contribuiremos para os estudos da Fraseologia e Fraseodidática no sentido de que a maioria dos trabalhos nessa área não chegam a ser pilotados, o que também diferencia nosso trabalho de outros já realizados. Ressaltamos, ainda, a necessidade de mais estudos e pesquisas para que mais professores estejam cientes da importância da fraseologia no ensino e aprendizagem de línguas.

REFERÊNCIAS

CONSELHO DA EUROPA. **Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas:** aprendizagem, ensino, avaliação. 2020. Disponível em: <https://rm.coe.int/common-european-framework-of-reference-for-languages-learning-teaching/16809ea0d4>. Acesso em: 6 mai. 2022.

DIONÍSIO, A. P. Gêneros textuais e multimodalidade. *In:* KASWOSKI, A. M *et al.* (orgs). **Gêneros textuais:** reflexões e ensino. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 137-152.

ENGLISH PROFILE. **The CEFR for English.** 2015. Disponível em: <https://www.englishprofile.org/>. Acesso em: 6 mai. 2022.

GIMENEZ, T. Eles comem cornflakes, nós comemos pão com manteiga: espaços para reflexão sobre cultura na aula de língua estrangeira. **Boletim NAPDATE**, UEL, Londrina, ago. 2006.

GONZÁLEZ REY, M. I. Competencia fraseológica y modelo pedagógico: el caso del método Phraséotext-le Français Idiomatique. *In:* HUERTA, P. M.; MARTÍNEZ, J. A. A. (org.). **Fraseología, Diatopía y Traducción / Phraseology, Diatopic Variation and Translation**, 2018, ISBN 978-90-272-0225-3. p. 133-154.

KRIEGER, M. G.; MONTEIRO-PLANTIN, R. S.; OLÍMPIO DE OLIVEIRA SILVA, M. E. Léxico, Lexicografia Pedagógica e Ensino. *In:* ABRALIN AO VIVO: Linguists on-line, 2020. **Mesa-redonda.** 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=N5WLlrt_Gjw. Acesso em: 31 mar. 2022.

MONTEIRO-PLANTIN, R. S. Fraseologia e Paremiologia: para que ensinar, se todo o mundo sabe? **ReVEL**, v. 15, n. 29, 2017. Disponível em:

<http://www.revel.inf.br/files/7e02a7f4cb22a2e4935d77ae89882e69.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2022.

MOREIRA, T. A. S.; FIQUEIREDO, C. J. A Importância do Componente Intercultural na Prática Docente de Línguas Estrangeiras. **Gláuks**, v. 12, n. 1. p. 147, 2012.

ORTÍZ ALVAREZ M. L. Dicionário de expressões idiomáticas ou dicionário Fraseológico? **Revista Línguas e Letras**, Cascavel, Paraná, n. 2, v. 2, p. 83-96, 2000.

ROJO, R. Entre Plataformas, ODAS e Protótipos: Novos Multiletramentos em Tempos de WEB2. **The ESpecialist: Descrição, Ensino e Aprendizagem**, v. 38 n. 1, jan./jul. 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/32219/23261> Acesso em: 23 ago. 2022.

SOLANO RODRÍGUEZ, M. Á. Unidades fraseológicas francesas. Estudio en un corpus: la Pentalogía de Belleville de Daniel Pennac. 2004. *In*: GONZÁLEZ-REY, M. I. **Competencia fraseológica y modelo pedagógico: el caso del método Phraséotext-le Français Idiomatique**. 2018. ISBN 978-90-272-0225-3. p. 133-154.



TraCEF
Tradução, Cognição, Ensino e Funcionalismo

***THE RECOGNITIONS*, DE WILLIAM GADDIS: ORIGINALIDADE, AUTENTICIDADE E TRADUÇÃO**

Francine Fabiana Ozaki (UniSantaCruz; francineozaki@gmail.com)

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objeto central a obra *The Recognitions* (1955), do autor norte-americano William Gaddis (1922-1998). Embora tenha seu lugar bem estabelecido no cânone estadunidense, considerado como o criador de um elo entre o modernismo e o pós-modernismo no tocante à ficção, Gaddis permanece pouco lido e pouco estudado. No Brasil, academicamente, pudemos encontrar apenas uma tese já defendida sobre o autor e sua obra, conduzida pela professora Valéria Brisolará (UNISINOS), em 2005.

Além disso, apenas uma de suas obras foi traduzida para o português brasileiro: *Carpenter's Gothic* (1985). Trata-se de seu terceiro romance, sendo o mais curto de toda a sua bibliografia. Publicado no Brasil como *Alguém parado lá fora* pela editora Best Seller, a obra chegou às estantes brasileiras apenas um ano após a publicação do original, possivelmente na esteira da boa recepção que teve pela crítica e pelo público nos EUA. A editora foi fundada nesse mesmo ano e, portanto, essa obra esteve entre suas primeiras publicações.

A tradutora, Muriel Alves Brazil, faleceu em 2007 e era tradutora profissional, tendo em seu currículo a tradução de livros diversos, desde ficção até autoajuda. Não foi identificada, porém, qualquer conexão com a obra ou o estudo sistemático da obra de Gaddis.

The Recognitions, no entanto, persiste como a principal e mais estudada obra de seu autor no cenário internacional. De modo geral, é conhecida principalmente por ser uma obra “difícil”, não poucas vezes definida como uma leitura para *a very small audience*. Essa expressão, comumente relacionada à obra gaddisiana, inclusive deu título ao evento do centenário do autor em 2022, na Washington University.

Tratando essencialmente de falsificações e falseamentos em seus mais diversos níveis, *The Recognitions* (doravante TR) questiona o lugar do artista na era das reproduções, desestabilizando os conceitos de autoria e originalidade. Pensando nisso, este trabalho buscou refletir sobre o dilema: qual é o lugar do tradutor de obras que são em si ecos e referências de obras de um passado que se coloca como insuperável?

Esta pesquisa foi conduzida durante os anos de 2017 a 2020, como parte da tese de doutorado defendida pela Universidade Federal do Paraná, no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLET – UFPR) e orientada pelo Prof. Dr. Caetano Galindo.

OBJETIVOS

Para levar a cabo este estudo, partiu-se dos estudos de Brisolará (2005) a esse respeito, que tem por foco a autoria e a originalidade, a partir de conceitos como falsificação e plágio.

Além disso, este trabalho ainda buscou relacionar à obra de Gaddis as noções de originalidade e autenticidade – como entendidas por Lionel Trilling (1971) –, para discutir o dilema pós-moderno da insuperabilidade do passado, em meio a originais e cópias.

Para tanto, também foram revisitadas as teorias tradutórias até a contemporaneidade para realizar uma reflexão sobre a prática de tradução da obra e apresentar, como resultado deste processo, a tradução de toda a primeira parte desse romance.

METODOLOGIA

A fim de alcançar os objetivos pretendidos para a pesquisa, foi utilizada fundamentalmente a pesquisa bibliográfica e documental, partindo-se da leitura da obra gaddisiana e da seleção de suas correspondências com seus tradutores e editores, bem como artigos científicos e textos críticos sobre o autor e a teoria da tradução.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa iniciou-se com uma breve apresentação do autor e de sua obra, além de aspectos relativos ao romance e à sua recepção crítica. Apesar de atualmente ter seu valor reconhecido pela crítica contemporânea internacional, o romance de mais de 900 páginas foi um fracasso de vendas na ocasião de sua publicação, em 1955, obtendo 55 resenhas, sendo apenas duas delas positivas, e permanecendo “esquecido” pelos 20 anos subsequentes (GASS, 2012). Na ocasião, Gaddis tinha apenas 32 anos, havia recentemente retornado de viagens para a Europa, África e América Central, e trazia uma certa arrogância típica da juventude (ABÁDI-NAGY, 1987). Aspectos biográficos como estes também são relevantes para a discussão da obra, por isso, abordou-se também um breve resumo da biografia do autor.

Além disso, foram discutidos também os principais temas abordados na obra. Por exemplo, os diálogos com outras obras como *Reconhecimentos*, de São Clemente, e *Fausto*, de Goethe, na medida em que, como o próprio autor destaca, pode-se afirmar que TR é um pacto faustiano em um contexto pós-moderno. Durante a execução da pesquisa, fez-se necessário também aprofundar a discussão acerca da relevância e do lugar do romance, bem como de seu autor, no contexto da ficção norte-americana, buscando reforçar sua posição como o primeiro romance pós-moderno da literatura norte-americana (JOHNSTON, 1990, p. 193). Para tanto, também foi necessário aprofundar a discussão acerca do que se entende por literatura pós-moderna.

A partir dessas análises, verificou-se a presença de algumas discussões como a questão da originalidade e dos “reconhecimentos”, presentes ao longo de toda a obra, seja por meio dos personagens, seja por meio das inúmeras menções e citações, em língua estrangeira inclusive, que encontramos ao longo das quase mil páginas de *The Recognitions*. Por isso, essa questão também foi abordada, buscando verificar em que medida os temas abordados nos permitem refletir sobre os conceitos dos Estudos da Tradução.

Partiu-se então de uma revisitação da pesquisa da Brisolara (2005), que tem por foco a autoria e originalidade, a partir de conceitos como falsificação e plágio. A esta discussão, esta pesquisa agregou o conceito de autenticidade, com Lionel Trilling (*Sincerity and Authenticity*, 1971), que pensa a autenticidade como uma forma de construção da identidade, para refletir sobre o dilema do papel do tradutor frente a obras pós-modernas que se assumem “posteriores” e assimilam abertamente o passado, tornando-se ecos dele.

Posteriormente, a teoria da tradução no geral foi revisitada, buscando-se entender como essas teorias lidavam com conceitos de autoria e originalidade – conceitos-chave do livro – para entender como chegamos ao estado de coisas das teorias contemporâneas. De modo muito resumido, pode-se dizer que os Estudos da Tradução se estabeleceram enquanto área no séc. XX, quando efetivamente se distanciou da velha dicotomia literal *versus* livre e de discussões como “fidelidade” e “palavra por palavra”.

Em meados da década de 1950, Gaddis publicou *The Recognitions*, e suas traduções começaram a ser publicadas. Por isso, interessou-nos focar nas teorias do período, em que se fortaleceram a compreensão do texto traduzido como autônomo, com base especialmente em Walter Benjamin e Ezra Pound. Assim, os Estudos da Tradução avançaram pela década de 1960 fortalecidos por abordagens contestadoras, no que se

convencionou chamar também de “perspectiva pós-moderna”. Foi nessa época ainda que a desconstrução de Derrida passou a ser vinculada também às discussões da área, por exemplo.

Essa mudança foi de especial interesse para esta pesquisa, porque também demonstra como o conceito de autoria se tornou instável na área, passando a ser aplicado também à autoria do tradutor. Enquanto Roland Barthes decretava também a “morte do autor” na Teoria Literária, nos Estudos da Tradução, as abordagens pós-modernas passavam a discutir o tradutor como uma instância autoral, dotado de uma capacidade decisória que também é uma tomada de posicionamento crítico.

Mesmo sem consenso a esse respeito na área, esse alinhamento cronológico entre a Teoria Literária, os Estudos da Tradução e a discussão proposta na obra de Gaddis foi fundamental. Independentemente das correntes filosóficas acerca da tradução literária, o tradutor, ao longo do tempo, acaba sendo visto negativamente, sendo chamado de “traidor”, vilão e fingidor, tendo seu trabalho reconhecido principalmente quando comete os chamados “erros”.

A razão para isso é que o trabalho do tradutor está intrinsecamente conectado a um texto original e, por isso, é invariavelmente secundário e – muitas vezes – visto como inferior. Como diz o autor português José Saramago, “Os escritores fazem as literaturas nacionais e os tradutores fazem a literatura universal”. No entanto, na maioria, os leitores ainda buscam comprar o *Hamlet* de Shakespeare e não a tradução feita por Barbara Heliodora ou Lawrence Flores da obra shakespeariana, sendo-lhe indiferente que o bardo não falasse português.

Portanto, um texto traduzido também enfrenta o dilema da insuperabilidade do passado, pois é derivativo, não original e *belated*, para usar o conceito de Harold Bloom, no texto *The anxiety of influence* (1973), em referência ao sentimento dos poetas românticos de que todos os poetas que lhes precederam já haviam dito tudo o que havia para dizer, não deixando espaço para criatividade. Assim, Bloom discute essa consciência do passado como parte da própria condição literária, e não como uma condição histórica, a ponto de não restar outra escolha senão aceitar e assimilar o passado.

Nesse sentido, pensando no viés de *The Recognitions*, coube a esta pesquisa refletir sobre o quão diferente é o trabalho do tradutor do tipo de falsificação cometido pelo personagem, visto que ambos aprendem e dominam as habilidades de outro artista para reproduzir de outras formas e em outra língua. Seriam então os tradutores falsificadores? No final, qual é o papel do tradutor, uma instância que é ainda mais *belated*

que o autor? Como podemos discutir a autoria desse tradutor quando o próprio conceito de autor é instável?

Por fim, foram tratadas questões pertinentes à prática de tradução da primeira parte da obra. Isso se justificou na medida em que, além da linguagem e do enredo labiríntico, o romance apresenta muitas peculiaridades, por exemplo, incontáveis referências a outras obras e extensos trechos e diálogos em língua estrangeira (espanhol, francês, húngaro, entre outras), sem qualquer tradução ou tentativa de reproduzir o sentido na língua do romance. Trechos ou palavras soltas meramente são inseridos no fluxo do texto, deixando a cargo do leitor buscar compreender seu significado. Além disso, apresenta-se também uma reflexão acerca da prática dessa tradução, considerando a desestabilização das noções de originalidade e autoria proposta pela própria obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Obviamente, não foram encontradas respostas satisfatórias para os questionamentos levantados. Entretanto, como é necessário seguir em frente, esta pesquisa voltou-se para T.S. Eliot, um autor muito assimilado por Gaddis: “Somente existe a luta por recuperar o que se perdeu / E se encontrou e se perdeu vezes sem fim: e agora, em condições / Que não parecem propícias. Mas talvez nem perda nem ganho. / Para nós, existe apenas tentativa. O resto não nos cabe.” (ELIOT, 2018, pos. 3088, tradução de Caetano Galindo).

Assim, independentemente do papel que se convencionarem colocar aos tradutores, a eles só cabe a luta: fazer seu trabalho da melhor forma possível. Por isso, a última parte da pesquisa buscou compartilhar a experiência de traduzir um livro com esse, repleto de assimilações de outros textos e outros autores, trechos em línguas estrangeiras, infinitas obras citadas e mencionadas, um livro de 956 páginas, cuja primeira parte – cerca de 270 – levou dois anos para ser traduzida.

Um trabalho minucioso, frase a frase, sem técnica ou abordagem que pudesse ser de alguma ajuda. Na dúvida (e apareceram muitas), a saída foi – ironicamente – a tradução “palavra por palavra”, a avó jurássica da discussão sobre tradução. No limite, como disse o tradutor alemão Marcus Ingendaay (2005): há determinados momentos da obra em que a impressão que se teve é que não havia teoria no mundo que pudesse ajudar a sair daquela encruzilhada.

Na prática efetiva, não coube pensar se fomos mais ou menos criadores, mais ou menos originais, mais traidores ou mais fiéis. O que *The Recognitions* mostra é que somos

posteriores, nosso trabalho sempre vem depois. Nós, enquanto tradutores, falamos de um outro lugar, de um outro tempo, de um outro contexto. Somos essencialmente diferentes, temos outras vivências, outras condições sociais. Mas o que se espera de nós não é que nos tornemos outros, mas que empaticamente tomemos o lugar de outros para não permitir que esse outro se perca, que essas vozes se calem e que, eventualmente, emprestemos a nossa voz para que elas atinjam ainda mais pessoas.

O resto não nos cabe.

REFERÊNCIAS

ABÁDI-NAGY, Zoltán. Interview with William Gaddis. **The Paris Review**. The Art of Fiction, n. 101. 1987. Disponível em: <http://www.theparisreview.org/interviews/2577/the-art-of-fiction-no-101-william-gaddis>. Acesso em: 12 abr. 2016.

BLOOM, Harold (ed.). **William Gaddis**. Filadélfia: Chelsea House Publishers, 2004. (Bloom's Modern Critical Views).

BLOOM, Harold. **The anxiety of influence**. Nova York/Oxford: Oxford University Press, 1973.

BRISOLARA, Valeria Silveira. **William Gaddis's Aesthetics of Recognitions**. 2005. 300 f. Tese (Doutorado) – Curso de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

ELIOT, T. S. **Four Quartets**. Nova York: Harcourt, 1971.

ELIOT, T. S. **Poemas**. Trad. Caetano Waldrigues Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. (e-book).

GADDIS, William. **Carpenter's Gothic**. Nova York: Penguin Books, 1985.

GADDIS, William. **The Recognitions**. Champaign: Dalkey Archive, 2012.

GASS, William H. Introduction. *In*: GADDIS, William. **The Recognitions**. Champaign: Dalkey Archive, 2012. p. v-xv.

INGENDAAY, Marcus. **Translating Gaddis: an animal of the emperor**, 2005. Disponível em: <http://www.williamgaddis.org/translating/ingendaay-r.shtml>. Acesso em: 12 out. 2020.

JOHNSTON, John. Toward a Postmodern Fiction (1990). *In*: BLOOM, Harold (ed.). **William Gaddis**. Filadélfia: Chelsea House Publishers, 2004. p. 127-162 (Bloom's Modern Critical Views).

TRILLING, Lionel. **Sincerity and Authenticity**. Londres: Harvard University Press, 1971.



TraCEF

Tradução, Cognição, Ensino e Funcionalismo

TIME CONSTRAINTS IN TRANSLATION: QUESTIONS OF QUALITY AND EFFICIENCY

Gustavo Burda (UTFPR; gustavoburda@alunos.utfpr.edu.br)

Silvana Ayub Polchlopek (UTFPR; silvanaayub@utfpr.edu.br)

INTRODUCTION

The translation practice often deals with strict deadlines and time restrictions. Therefore, translators are always seeking greater proficiency, efficiency and quality in their work, be it technical or editorial, despite the time limitations imposed by their clients, agencies, or contracts. Such balance between time and quality usually labels the professionalism of a translator, as the competence of a translator is often determined by a mix of linguistic skills and the potential to accomplish their tasks within strict deadlines. In other words, doing “more” in less time, while still retaining an acceptable “quality” standard.

There are several articles, such as *Life and Aging of Literary Work* and *Literary Work in Translation* (CARDOZO, 2018) that refer to the relationship between time and translation. Such studies usually bring up reflections about literary translation, emphasizing a difference in time range from the source text to the target text. However, very few studies focus on time pressure or time constraints regarding productivity in the translation process. When analyzing the quality of a translated work, it is safe to assume that having more time to think and research will almost always lead to a more accurate translation. This research assumes that more time available for the translator is likely to lead not only to considerably higher linguistic quality in the target text, but also potentially result in greater accuracy to the source text, as this is mandatory for professionals. Also, we believe that imposing a rigid time limit on the translator may lead to observable translation trends and patterns related to lexical and syntactic choices derived from the need for faster translation decisions, possibly highlighting certain insights about the translation process itself.

OBJECTIVES

Hence, the main goal of this research is to analyze the connection between **time** and **quality** in the translation process, addressing quality as a predefined standard or requirement, naturally expected from agencies and/or direct clients, in accordance with

time constraints and deadlines. This leads us to view **time as a resource required for achieving quality** in the translation process. This research assumes that more time available for the translator is likely to lead not only to considerably higher linguistic quality in the target text, but also potentially result in greater accuracy to the source text, as this is mandatory for professionals.

Seeking to answer these question, our specific goals are these: i) observe and analyze a translation process subdued to time constraints; ii) analyze and compare two translations carried out with different degrees of time limitations, that is, with and without critical time constraints and pressure; iii) discuss solutions and/or strategies provided by translators when accomplishing their work in the context of translating under time limitations and iv) interview the participants, inquiring on their perspective of translation quality and efficiency.

METHODOLOGY

In order to achieve these goals, we designed a specific methodology which entails a 30-minute translation test applied to 10 professional translators, each one experienced in English-Portuguese translation. During this process the participants were first presented with a sample text, the first paragraph of the article *Trauma in Games: Narrativizing Denied Agency, Ludonarrative Dissonance and Empathy Play* by Evgeniya Kuznetsova (2017), then asked to provide an estimated time assessment for its translation. Afterwards, they were made to translate as much as possible of this text in only four minutes, without the use of machine translation. In the following stage, they were instructed to conduct a quality control process, being told to do their own research but not being allowed to put the source text through any CAT (Computer Assisted Translation) tools, revising and changing their initial translation without any specified time limit. Finally, after being permitted to either correct the initial version or create a new one, the translators would present a “final version” of their translation, ending the process with an interview about the experience and a personal quality evaluation of their two translations. These quality assessments were made with grades of 0 to 10, in this stage each translator was allowed to utilize their own criteria for their personal evaluation.

RESULTS AND DISCUSSIONS

House (2014) sustains that quality assessments can benefit from pragmatic discourse studies, focused on communication goals. As we seek to explore the translation

process under the conditions of time constraints, we also require a clear understanding of the common parameters and criteria used for evaluating the quality of a translation. According to Juliane House (2009), the topic of evaluating a “good translation” has been explored extensively, in both academic and non-academic contexts, leading to several different perspectives and views on the topic, each one with their own criteria and arguments. These views on evaluation relate highly to their respective perspectives over the definition and role of translation itself.

The concept of translation that guides this study is based on Christiane Nord’s (2005; 2016) functionalist approach to translation studies. According to Nord (2005; 2016), translation research, as well as its professional practice and teaching, benefits greatly from having a reliable translation-oriented model used for text analysis, that is, one that would provide a “reliable foundation for each and every decision the translator has to make in a particular translation process.” (p. 1). According to Rafa Lombardino (LIMA, 2018), the translation industry has benefited greatly from the internet age, both in terms of business agility and research potential, however, “this enhanced “translation speed” should not be confused with translation efficiency” (p. 14). This distinction is important because the perks of effective communication and information access do not guarantee translation quality, another vital aspect of efficiency. The author defines being “efficient” as the result of communicating promptly with the client to start the project as soon as possible and finishing everything within the deadline. Additionally, according to Lombardino (LIMA, 2018) efficiency is also deeply related to the translator’s ability to find the proper solutions for translation challenges, being especially careful throughout each stage of the process (translation + review + quality control). This definition is highly related to our translation test, as we also seek to highlight how these stages can be affected by time constraints in different proportions.

Although their time assessments were vastly different, ranging from five minutes to one hour, the answers averaged approximately twenty minutes. However, after attempting the first translation, they sometimes reconsidered their initial answers, often increasing their estimates. In addition to their time assessments, the “real-time” of each translation, including the initial four minutes plus the time used during part three of the test, was also recorded. It is worth mentioning that this “real-time”, which ranged from sixteen to forty minutes, cannot be realistically used to measure the amount of time that would normally be required for this particular translation. This is because, according to almost all translators, the total translation time of this source text could have varied

considerably based on possible differences in contextualization, translation brief, translation purpose, quality guidelines, as well as possible use of CAT tools. Regarding these explanations, we would like to highlight that these “differences in translation purpose” were often exemplified by remarking how a process of localization or any type of adaptation (of genre, style or structure) would have likely required much more translation time.

On the topic of CAT tools, the participants were also asked about their opinions on the influence of machine translation for the time assessments of this particular source text. To our surprise, the vast majority of translators pointed out that, for this particular text, whether or not these tools were used, translation time likely wouldn't have varied by a considerable margin. Additionally, word count was often mentioned as a factor that would only be relevant if the source text was considerably longer. It was also stated that certain parts of the translation would not be significantly improved if given more time, despite still having room for improvement. This is because “time” is not the only resource required for improving the quality of a translation, as the process would also require a lot more information, context and client guidance.

As described in the methodology section, participants received specific orientations to guide them through the test, which led to recurring situations related to quality and efficiency. A particular set of instructions related to “skipping terms at will in order to translate as much as possible” indicated that, in order to truly prioritize translation “volume”, both coherence AND grammar would have to be disregarded. By telling the participants to consider both, a conflict of priorities was created which led not only to a lot of unnecessary grammar corrections but also to considerably fewer total instances of omissions than expected. Initially, we thought that several terms would likely be skipped and omitted for the sake of time. However, translators would frequently slow down the pace of the translation and only skip terms after a considerable amount of time was spent in their respective segments. The advised omissions were much more common with terms like “poignant” and “closely”, which would not have a significant impact on comprehension and meaning. Translators would also often prefer translating less volume while maintaining acceptable quality and coherence in the translated segments.

Participants also related the difficulties of translating under time constraints to the relevance and importance of defining the **purpose of a translation**. As we inquired about the time assessments, their answers would often state that such estimates would depend highly on the intended use of the translation, as its deadline would probably be defined

based on a combination of the characteristics of a source text and the purpose of the target text. Additionally, different translation purposes bring different quality assessment standards, and thus, also imply different time assessments.

After all quality assessments, no translations were scored a 10 out of 10. Perhaps the most interesting thing to note here is that almost all participants agreed that, if given more time and resources, the translations would continue being changed, adapted and improved with subsequent reviews but would likely never be considered a perfect 10 due to the subjective nature of evaluating quality. Yet, a few questions still demand some discussion: “What is a ‘perfect’ translation? Is it even possible? If so, how?”. According to the translators, the most common replies expressed that a “perfect translation” is indeed possible but entails an extremely well-defined translation goal and purpose. Even still, “perfect” would still only mean a 9 out of 10, as it is irresponsible and unrealistic to state that something has no more room for improvement. As for “how?” participants commonly stated that a “perfect” translation would require complete and clear information on the article itself, its publisher, context of creation, subject and author, items that are part of the external factors in Nord’s (2005; 2016) text analysis model. Furthermore, a “perfect 9” would require a close analysis in reference to similar translated works, seeking to assess which translation solutions would be most commonly considered “the best option” for each translation challenge presented by the source text. Finally, every stage of this process requires a very important resource: **time**, plenty of it.

FINAL REMARKS

It is important to highlight how translation time does not mean “how long it takes to read the text, think about the translation, then write it”, similar to an assembly line. In reality, only a fraction of their time was spent reading and writing, since professional translators are incredibly agile and proficient with such skills. Most of the total translation time was actually spent conducting quality control and making sure that the target text properly matched the source text in terms of content and coherence.

For future studies, it may be interesting to adjust this translation test for the field of interpretation, undertaking a similar methodology to analyze how interpreters conduct personal quality assessments under the perspective and defined goals of simultaneous translation, also taking into consideration the context and purpose of their practice, principles that support the Functionalist theory (NORD, 2005, 2016). Another possibility is to expand this study by modifying the proportions of the time constraints as well as the

length and characteristics of the source text, for example, it may be interesting to observe how a longer and more contextualized source text can undergo different quality assessments when translated in twenty minutes, and later, with a two-day deadline. Furthermore, it may be interesting to apply a similar test of translation under time constraints but allowing the use of different CAT tools, perhaps leading to differences in quality assessments and perspectives over the concept of “efficiency”.

Finally, we would like to once more thank each and every translator who participated in the test. Each individual test led to several notes and interesting statements as well as many insightful conversations that highlight the wish and need for constant development and specialization in the translation field. This study was only made possible due to these amazing translators. It was a great journey and we hope you appreciate the results.

REFERENCES

CARDOSO, Maurício. Vida e Envelhecimento da Obra Literária e da Obra Literária em Tradução. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, v. 1, n. 44, p. 14-24, Jan./abr. 2018.

HOUSE, Juliane. Chapter 13: In Translation Quality Assessment: Past and Present. *In*: HOUSE, Juliane (ed.). **Translation: A Multidisciplinary Approach**. London: Palgrave Macmillan, 2014, p. 241-264.

KUZNETSOVA, Evgeniya **Trauma in Games: Narrativizing Denied Agency, Ludonarrative Dissonance and Empathy Play**. Academia.edu. Thesis submitted in partial fulfillment of the requirements for the degree of Master of Arts. Alberta, 2017.

LIMA, Érica (org.). **Tradução na era digital: avanços e desafios**. Belford Roxo: Editora Transitiva, 2018.

NORD, Christiane. **Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática**. Tradução e adaptação de Meta Elisabeth Zipsler. São Paulo, SP: Rafael Copetti, editor, 2016.

NORD, Christiane. Function plus Loyalty: Ethics in Professional Translation Loyalty as a corrective to radical functionalism. *Génesis*. **Revista Científica do ISAG**, University of Applied Sciences, Magdeburg/Germany, and University of the Orange Free State, Bloemfontein/South Africa, 2007/6, 7-17.

WHO LIVES, WHO DIES, WHO TELLS YOUR STORY: A TRADUÇÃO DE CANÇÃO NO MUSICAL ‘HAMILTON’

Ana Beatriz Labres dos Santos (Universidade Tecnológica Federal do Paraná;
analabres@gmail.com)

Lívia Sajovic Alegre Petramali (Universidade Tecnológica Federal do Paraná;
liviapetramali@alunos.utfpr.edu.br)

Silvana Ayub Polchlopek (Universidade Tecnológica Federal do Paraná;
silvanaayub@utfpr.edu.br)

INTRODUÇÃO

Vencedor de inúmeros prêmios, como Tony Awards⁷ e Pulitzer⁸, Hamilton vem, desde sua estreia oficial em 2015⁹, no teatro Richard Rodgers, em Nova York, conquistando um enorme público, com apresentações esgotadas em diversas cidades e países. Além disso, em 2020, a plataforma de *streaming* Disney plus lançou uma gravação de uma das noites de espetáculo, tornando o alcance da peça ainda maior. É com essa gravação que também surgem legendas em diversas línguas, que podem ser consideradas as primeiras traduções oficiais. As legendas cumprem bem o papel de informar ao público o que está sendo dito (ou cantado) durante a peça. Entretanto, por não serem traduções preocupadas com os aspectos musicais da obra, como ritmo, rima, notas, harmonia, arranjos, instrumentos e duração, as legendas acabam prejudicando o verdadeiro diálogo que deve ocorrer entre obra e público (NORD, 2016) e, conseqüentemente, seu entendimento e interpretações. Assim, ao propor uma tradução para um musical como Hamilton, são necessárias algumas escolhas tradutórias, a começar pelas teorias a serem seguidas. Dentre as escolhidas, destacam-se o funcionalismo, de Nord (2016) e Vermeer (1986) e o modelo Poligonal de Low (2016).

Considerando-se, então, que não existem traduções consideradas cantáveis e oficiais para o *corpus* de estudo desse projeto – as canções de *rap* *Ten Duel* “*Commandments*” e “*My Shot*” –, de acordo com o levantamento bibliográfico realizado

⁷ Disponível em: <https://www.broadway.com/buzz/185131/hamilton-dominates-2016-tony-awards-but-just-short-of-record-complete-list-of-winners/>. Acesso em: 12 ago. 2022.

⁸ Disponível em: <https://www.pulitzer.org/winners/lin-manuel-miranda>. Acesso em: 12 ago. 2022

⁹ Disponível em: <https://www.nytimes.com/2015/08/07/theater/review-hamilton-young-rebels-changing-history-and-theater.html>. Acesso em: 15 mar. 2021.

até o momento, pressupomos que as traduções que tenham como guia a cantabilidade, um dos aspectos propostos por Low (2016), terão maior manutenção do sentido das canções e melhor diálogo com o público. Portanto, nesse contexto, podemos fazer as seguintes perguntas:

- Adequações linguísticas e culturais serão as duas únicas condicionantes para a cantabilidade?
- Uma tradução funcionalista para as canções, priorizando a cantabilidade, assegura o processo de construção de sentidos e a conseqüentemente compreensão da narrativa em ‘Hamilton’?
- Conseguiremos manter a mensagem das canções na tradução das letras, priorizando escolhas lexicais que não são necessariamente gírias comuns ao *rap* tradicional?

OBJETIVOS

De forma a buscar respostas para essas perguntas, nosso objetivo é traduzir duas canções de ‘Hamilton’ assegurando a cantabilidade dessas canções, para o contexto de recepção do português brasileiro. Para tanto, utilizamos o modelo Poligonal (*Pentathlon Approach*), proposto por Low (2016), para analisar a dinâmica do processo tradutório das canções; descrevemos o processo tradutório propondo três versões para as letras, uma mais literal, outra priorizando escolhas lexicais e uma terceira versão mais adequada à cantabilidade, com ajustes no sentido, rimas, ritmo e naturalidade, e produzimos a gravação dessas canções, visando testar a cantabilidade.

METODOLOGIA

Seguindo os preceitos de Silva e Menezes (2005), este projeto encaixa-se em diferentes naturezas: aplicada, pelo fato de as canções traduzidas produzirem conhecimento qualitativo, pois, devido à necessidade de interpretação das letras durante o processo tradutório, há a atribuição de significado ao objeto de estudo; e, por fim, descritivo, pois a análise do *corpus* se dará por meio do processo tradutório, e não apenas do produto final.

Assim, a pesquisa iniciou-se com a delimitação da área de estudo e temática, a escolha do *corpus* de estudo e as abordagens teóricas, em especial o funcionalismo de Nord (2016) e o modelo Poligonal de Low (2016). Em seguida, aconteceu o processo tradutório propriamente dito, com a separação dos versos das canções em quadros. Os

quadros foram divididos em quatro colunas contendo: a letra original, a tradução literal, a primeira tradução cantável e a tradução considerada final. As duas traduções, a primeira e a final, foram entregues a Tiago Menezes, *Tiktok* e estudante de artes cênicas do RJ, que realizou a interpretação e gravação para que a funcionalidade do modelo Poligonal fosse comprovada. Por fim, foi realizada a análise das letras traduzidas, para que todas as etapas e escolhas do processo tradutório ficassem claras e evidentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, trazemos dois exemplos de como os quadros criados para a análise ficaram, tanto na canção *Ten Duel Commandments* (Quadro 5) quanto na canção *My Shot* (Quadro 31). Nota-se que as mudanças mais significativas estão destacadas, para facilitar a análise e o entendimento do processo tradutório. Reiteramos que todas as traduções propostas seguiram o Modelo Poligonal de Low (2016) e tiveram como prioridade a cantabilidade. A numeração dos quadros trazidos para este texto respeita a sequenciação determinada em nosso estudo, por isso optamos por não alterá-la.

Quadro 5 - Lei número 4

TF	TT – 1 versão Mais literal	TT – 2 versão mais adequada ao léxico	TT versão considerada como sendo final
[Laurens] If they don't reach a peace, that's <u>alright</u> Time to get some pistols and a doctor on <u>site</u>	[Laurens] Se eles não chegarem a uma paz, tudo bem É hora de pegar umas pistolas e um médico também	[Laurens] (Mas) se não tiver paz, <u>tudo bem</u> Hora de pegar pistolas e um médico <u>também</u>	[Laurens] (Mas) se não tiver paz, <u>tudo bem</u> Hora de pegar pistolas e um médico <u>também</u>
[Hamilton] You pay him in <u>advance</u> , you treat him with <u>civility</u>	[Hamilton] Você paga ele <u>adiantado</u> , o trata com <u>civilidade</u>	[Hamilton] Você o paga <u>adiantado</u> , você é <u>educado</u>	[Hamilton] Você o paga <u>adiantado</u> , você é <u>educado</u>
[Burr]	[Burr]	[Burr]	[Burr]
You have him turn around So he can have <u>deniability</u>	Faz ele se virar, pra que tudo seja <u>negado</u>	Faz ele se virar, pra que tudo seja <u>negado</u>	Faz ele se virar, pra que tudo seja <u>negado</u>

Fonte: as autoras (2021)

Na lei número quatro da canção *Ten Duel Commandments* (Quadro 5), foi possível manter as rimas existentes em *alright* e *site* através dos vocábulos ‘tudo bem’ e ‘também’. Em seguida, as rimas de *civility* e *deniability* também foram preservadas pelo uso do sufixo ‘-ado’. Em uma primeira versão, mantivemos a tradução literal ‘civilidade’, opção que não se adequa à cantabilidade. Optamos então, de forma a seguir a rima dada pelo termo ‘*advance*’ (adiantado), alterar ‘civilidade’ para o termo ‘educado’, que está no

mesmo campo semântico de ‘civilidade’, e ainda nos dava a possibilidade de manter a rima e o ritmo com a opção ‘educado’. Dessa maneira, foi possível ainda manter a rima para ‘deniability’ com o termo ‘negado’, na segunda versão (TT-2), e garantir a cantabilidade. Convém lembrar que, de acordo com o modelo de Low (2016), as rimas podem ser ignoradas por não serem consideradas essenciais. No entanto, em se tratando do *rap*, optamos por mantê-las, entendendo que auxiliam a delimitar a identidade desse gênero musical.

Quadro 31 - *My Shot*

TF	TT – 1 versão Mais literal	TT – 2 versão mais adequada ao léxico	TT versão considerada como sendo final
I know the action in the street is excitin'	Eu sei que a ação nas ruas é animadora,	Eu sei que a ação na rua é excitante	Eu sei que a ação na rua é excitante
But Jesus, between all the bleedin' 'n fightin'	Mas, Jesus, no meio de todo sangue e lutas	Mas Jesus, entre a gente sangrante e lutante	Mas Deus , entre os sangrantes e lutantes
I've been readin' 'n writin'	Eu tenho lido e escrito	Sou um escritor e estudante	Sou um escritor e um estudante
We need to handle our financial situation	Nós temos que lidar com nossa situação financeira	Vamos resolver a situação financeira	Vamos resolver a situação financeira
Are we a nation of states? What's the state of our nation?	Somos nós uma nação de estados? Qual o estado da nossa nação?	Somos uma nação de Estados? Qual o estado da bandeira?	Nessa nação de Estados, qual é o estado da sua bandeira?

Fonte: as autoras (2021)

Alterações em rimas e ajustes quanto ao sentido são recorrentes também no Quadro 31 acima, referente à canção *My Shot*. Na tradução literal (TT-1), para preservar o sentido dos versos, as rimas em *excitin'*, *bleedin'*, *fightin'*, *readin'* e *writin'* foram perdidas. Voltando, então, o processo tradutório para a naturalidade e fluidez da fala na melodia, verbos, adjetivos e substantivos foram ajustados para adjetivos e substantivos formados com o sufixo ‘-ante’, como em: ‘excitante’, ‘sangrante’, ‘lutante’ e ‘estudante’. Porém, ao garantir a manutenção dessas rimas e favorecer a cantabilidade final, a rima anterior em ‘lido/escrito’ é perdida. Efeito similar ocorre com a alteração do substantivo ‘nação’ para ‘bandeira’, favorecendo a rima em ‘financeira’ e mantendo o trocadilho com as palavras Estado (parte de uma nação) e estado (situação em que se encontra algo), que se refere ao fato de que pouco adiantaria os Estados Unidos serem uma nação formada por Estados se eles não estivessem em um bom estado financeiro, por exemplo.

Para a versão final, foram necessárias mais algumas mudanças, visando principalmente a cantabilidade, porém sem perda de sentido. O segundo verso ‘mas Jesus, entre a gente sangrante e lutante’ virou ‘mas Deus entre os sangrantes e lutantes’ o seguinte teve a adição da palavra ‘um [estudante]’ e no verso final há a troca de ‘somos uma nação de Estados? Qual o estado da sua bandeira?’ para ‘nessa nação de Estados, qual o estado da sua bandeira?’.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que alcançássemos tais resultados, tivemos que fazer diversas escolhas tradutórias, especialmente no que se refere à cantabilidade, sentido e rima a partir do modelo de Low (2016). A ordem apresentada foi também a ordem de importância das escolhas meio a tradução, visto que a cantabilidade foi mantida, na medida do possível, em todas as estrofes das nossas traduções. Em seguida, o sentido mediou nosso processo de tradução, pois foi necessário mantermos a mensagem das canções na tradução das letras por se tratar de um espetáculo musical no qual as músicas narram a história. E, por fim, a rima foi essencial, uma vez que o gênero musical mantém algumas características do *rap* tradicional, tendo a rima como a mais latente delas.

Além do modelo Poligonal de Low (2016), apoiamo-nos na teoria funcionalista de Nord (2016), que apresenta o que denomina de ‘efeitos de sentido’, isto é, a recepção, a leitura, a compreensão do texto, traduzido ou não, como um dos fatores essenciais para o processo de produção textual. Para a autora, os efeitos de sentidos gerados a partir da produção e leitura do texto são responsáveis por manter a conexão entre o texto-fonte e o texto traduzido, respeitando-se as diferenças culturais entre o contexto da língua-fonte e o contexto da língua de chegada, sem que a comunicabilidade (ou a cantabilidade, neste caso) seja afetada. Sendo assim, conseguimos aproximar a teoria funcionalista do modelo Poligonal por meio do sentido, cantabilidade e rima.

Para finalizar, convidamos o leitor a acessar o canal do EnTrad-UTF (encontro sobre tradução) da UTFPR (<https://www.youtube.com/@entradutfpr3827?>) no YouTube, para ouvir as duas canções que retraduzimos; afinal, sem testar a cantabilidade, nosso estudo ficaria incompleto. Como não somos cantoras profissionais, mas estávamos determinadas a tornar as letras cantáveis, buscamos artistas no *Tik Tok*, um aplicativo de mídia para criar e compartilhar vídeos curtos. Nesse processo, felizmente encontramos Tiago Menezes, graduando de Atuação Cênica da UniRio, que já havia postado vídeos nos quais apresentava a performance de algumas das canções de

'Hamilton' em português. Entramos em contato com ele para explicar o nosso trabalho e perguntamos se ele poderia auxiliar-nos com a gravação das canções, proposta que ele aceitou de imediato. O resultado final nos surpreendeu não só com relação à tradução proposta, mas sobretudo com a musicalidade, afinal: *we're not throwin' away our shot*" (Lin-Manuel Miranda, 2015).

REFERÊNCIAS

BRANTLEY, B. Review: 'Hamilton,' Young Rebels Changing History and Theater. **The New York Times**, Aug. 6, 2015. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2015/08/07/theater/review-hamilton-young-rebels-changing-history-and-theater.html>. Acesso em: 1º set. 2022.

HAMILTON Dominates 2016 Tony Awards But Just Short of Record; Complete List of Winners. **Broadway Buzz**, New York, Jun. 3, 2016. Disponível em: <https://www.broadway.com/buzz/185131/hamilton-dominates-2016-tony-awards-but-just-short-of-record-complete-list-of-winners/>. Acesso em: 1º set. 2022.

LOW, Peter. **Translating song**: Lyrics and texts. Taylor & Francis, 2016.

NORD, Christiane. **Análise textual em tradução**: bases teóricas, métodos e aplicação didática. Tradução e adaptação de Meta Elisabeth Zipser. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016.

THE 2016 Pulitzer Prize Winner in Drama. **Pulitzer**, 2016. Disponível em: <https://www.pulitzer.org/winners/lin-manuel-miranda>. Acesso em: 1º set. 2022.

VERMEER, Hans. **Skopos und Translationsauftrag**. Heidelberg: Institute für Übersetzen und Dolmetschen, Universität Heidelberg, 1986.

IRALCET
Tradução, Cognição, Ensino e Funcionalismo

TRADUÇÃO FUNCIONALISTA EM SALA DE AULA DE LE

Marina Giosa Azevedo
(Universidade Federal de Santa Catarina; marinagiosa@hotmail.com)

Mirella Nunes Giracca
(Universidade Federal de Rondônia; mirella@unir.br)

INTRODUÇÃO

A tradução no cenário do ensino de línguas estrangeiras passou por constantes mudanças ao longo do tempo, questionando ou invalidando sua eficácia dentro da sala de aula de língua estrangeira (LE) de acordo com o método ou abordagem em voga. Não obstante, na atualidade, novas pesquisas vêm demonstrando e desenvolvendo práticas significativas da tradução pedagógica a partir do entendimento da atividade como um processo em que o aluno amplia sua visão de língua, possibilitando maior compreensão e reflexão dos elementos envolvidos no processo tradutório. Ao discorrer sobre o espaço da tradução no ensino-aprendizagem de LE, os preceitos da teoria funcionalista (NORD, 1991) permitem um olhar crítico para o ato de traduzir como um processo, e não um produto, distanciando-se da visão mais tradicional de tradução, vista como transposição linguística, subordinada às noções de “equivalência interlingual em que um signo corresponde exatamente ao outro em termos de significação” (POLCHLOPEK; ZIPSER, 2011, p. 54), desconsiderando os fatores situacionais-pragmáticos e sócio-históricos envolvidos no seu processo e suas implicações na ação tradutória.

Neste sentido e com a finalidade de ressignificar o papel da tradução em sala de língua estrangeira, a nossa atuação docente torna-se fundamental do ponto de vista didático, sobre o uso contextualizado da atividade tradutória, a partir de uma posição teórico-metodológica crítica e reflexiva sobre nossa práxis, apoiada de um planejamento contínuo, com objetivos claros e adaptados às necessidades identificadas no contexto de aprendizagem. Mas também requer a posição do professor como mediador entre línguas e culturas, elaborando atividades que suscitem e levantem reflexões linguísticas e extralinguísticas e possibilite que os alunos revejam suas concepções em relação ao ato de traduzir, às vezes atreladas a mitos de que basta ter domínio do código ou fluência para fazê-lo, ignorando outros saberes e competências envolvidas.

Assim, as atividades tradutórias que propomos estão fundamentadas na Tradução Funcionalista, que entende a tradução como uma atividade intercultural (NORD, 1991) e cujos principais fundamentos, de acordo com Polchlopek e Zipser, têm “como princípio

a tradução enquanto ação, interação comunicativa, ou seja, uma atividade que detém um propósito baseado em um texto de origem e destinado a um leitor final” (2011, p. 53). Embora a teoria seja pensada na formação de tradutores, e não especificamente para o contexto de ensino de língua estrangeira, é de grande relevância trazer os preceitos do funcionalismo nordiano para as atividades tradutórias, pois a autora afirma que as orientações didáticas também podem contribuir para “auxiliar o aluno a adquirir habilidades de desempenho na língua estrangeira” (NORD, 2016, p. 244) no momento da prática em sala de aula.

OBJETIVOS

Partindo dessas afirmações, o presente trabalho visa compartilhar a prática docente acerca do uso da tradução em sala de língua estrangeira e expor brevemente alguns resultados, frutos de pesquisa de mestrado realizada no âmbito da tradução e ensino de LE, e demonstrar sua aplicabilidade dentro da sala de aula, a partir as orientações funcionalistas propostas por Christiane Nord (1991), por meio do uso da Sequência Didática (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004) como uma ferramenta capaz de desenvolver competências linguísticas, discursivas e tradutórias no processo de produção textual dos estudantes de LE, pois ela proporciona maior compreensão e reflexão sobre os elementos intra e extratextuais que auxiliam no processo tradutório.

METODOLOGIA

No que tange às questões metodológicas, a pesquisa se enquadra como uma pesquisa qualitativa e como uma pesquisa-ação, por estar focada no processo de ensino-aprendizagem, a qual requer um professor-pesquisador envolvido na prática de maneira ativa, reflexiva e organizada.

A respeito do contexto de aplicação, as atividades pedagógicas de tradução foram desenvolvidas na disciplina Língua Espanhola VII da Universidade Federal de Santa Catarina e aplicada a um grupo de 22 alunos, em que propomos uma sequência didática, na qual os estudantes, a partir de uma visita guiada ao Museu Histórico de Santa Catarina realizaram uma retextualização do texto-fonte (gênero textual guia) para um novo texto, configurado no gênero textual audioguia, conforme um encargo real de tradução da língua-fonte (português) para a língua-alvo (espanhol). Portanto, a sequência didática serviu como guia de trabalho para o desenvolvimento do gênero textual audioguia, pois, segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 96) “é um conjunto de atividades

pedagógicas organizadas, de maneira sistemática, com base em um gênero textual” e tem como finalidade “ajudar o aluno a dominar melhor um gênero, permitindo, assim, escrever ou falar de maneira mais adequada numa dada situação de comunicação” (p. 97). Os autores propõem que ela seja desenvolvida em etapas seguindo como estrutura de base: apresentação da situação, produção inicial, módulos e produção final. Assim, serão detalhadas brevemente as atividades realizadas durante nossa intervenção pedagógica.

Apresentação da situação: neste momento se apresenta aos estudantes a atividade que será realizada, de maneira detalhada e contextualizada, dando a conhecer o encargo translativo da produção final, no caso, do gênero textual audioguia. Após a etapa de contextualização do gênero, o próximo passo foi realizar a visita mediada ao Museu Histórico de Santa Catarina (MHSC), a fim de conhecer o espaço museu e fazer o levantamento do texto-fonte (guia), necessário para o projeto translativo e seu encargo.

Produção inicial: nesta etapa o professor, a partir de atividade diagnóstica ou primeira produção inicial, tem a oportunidade de avaliar os conhecimentos dos alunos em relação ao gênero e verificar as capacidades e deficiências, com a finalidade de superá-las. Dolz (2011, p. 86) afirma que “a produção inicial tem um papel central como reguladora da sequência didática, tanto para os alunos quanto para os professores.” Para esse efeito, a tarefa apresentada foi elaborar um guia publicado na página *on-line* do CCE (Centro de Comunicação e Expressão da UFSC), orientando o estudante calouro em sua primeira visita ao prédio. Nessa instância, foi apresentado o modelo de análise textual de Nord (1991), sobre os elementos intra e extralinguísticos, destacando as pressuposições que o público-alvo possa estabelecer com o texto.

Módulos 1, 2, 3 e 4: são realizadas atividades pautadas na superação dos problemas detectados na produção inicial e organizadas de acordo com as necessidades dos estudantes. No **primeiro módulo**, fizemos exercícios preparatórios para o gênero textual audioguia, solicitando aos alunos um encargo: um serviço de audioguia em espanhol para museus sobre algumas das salas expositivas (produção textual escrita e oral), ou seja, um roteiro escrito para logo ser gravado no formato de audioguia. A atividade foi trabalhada em versões, observando os elementos constitutivos do texto escrito para ser oralizado. Esse também foi um momento de diagnóstico, visto que permitiu observar a adequação ao gênero textual. A partir desses resultados, acreditamos que os alunos deveriam continuar avançando nos elementos de progressão oral, da tipologia descritiva e das questões relacionadas a referências dêiticas, portanto foram realizados exercícios para progredir.

Já no **segundo módulo**, os estudantes conseguiram avançar sobre os elementos inerentes ao gênero textual, assim, nesse momento, focaram no planejamento do texto. Portanto, de acordo com as orientações didáticas de Nord (2016), e tendo como base o modelo de análise textual, o processo de tradução começou com análise do texto-fonte, com a finalidade de que os alunos pudessem conhecer o texto com profundidade (guia) e os elementos que deveriam ser contemplados em suas traduções.

No **terceiro módulo**, a partir do encargo e depois de ter passado pela etapa da pré-escrita sugerida por Cassany (1989), começou a produção escrita do audioguia e suas respectivas versões com o *feedback* das professoras e auxílio dos textos paralelos, tanto de questões léxico-gramaticais como da temática. Finalmente, no **quarto módulo**, a atenção foi dada à produção oralizada, e a gravações de áudio no formato de audioguia até chegar à produção final, encerrando, assim, a sequência didática e pondo “em prática as noções e os instrumentos elaborados separadamente nos módulos”. (DOLZ, NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 107).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentamos um recorte dos resultados da pesquisa desenvolvida em sala de aula e sua discussão a partir do referencial teórico supracitado. Assim, a produção escrita será analisada conforme o critério de adequação à audiência, pautada por Nord (1991), fundamental para que a tradução seja funcional, pois sua função é adequar as informações para um novo público do texto-alvo. Como comenta Nord (2016, p. 99): “Os receptores do TA são diferentes do receptor do TF em pelo menos um ponto: são membros de outra comunidade cultural e linguística. Então, uma tradução não pode ser dirigida ao “mesmo” receptor a que se destina o original”. Assim, no encargo didático, ficou definido que seria a audiência hispanofalante, e não mais o receptor do mesmo país de origem, o Brasil. Para tanto, examinamos se as informações estavam orientadas a esse novo público-alvo, como também se eram relevantes para que o texto fosse compreendido.

Assim, destacamos um fragmento da produção textual de uma dupla, em que o contexto da situação comunicativa escolhido era a Sala de Música dentro do museu. Assim, o texto-fonte (guia presencial) apresenta uma caixa de música e relata que um imigrante a trouxe para *Blumenau*. Com essas informações como base, os estudantes traduzem na sua primeira versão: “*Esa pieza que es una caja de música alemán, probablemente del final siglo XIX. Ella veo con un inmigrante para la ciudad de Blumenau.*” Destacamos aqui o topônimo *Blumenau*, já que, em função do movimento de

deslocamento do novo leitor/ouvinte em prospecção, talvez não compartilhasse a mesma informação sobre a localização geográfica que o público brasileiro possui. Pressupomos que essa escolha talvez possa ter sido motivada por seguir uma tradução mais "literal", na qual o texto-alvo carece de informações pela falta das pressuposições em relação ao público visitante, portanto, não se adequa a esse critério.

A partir dessas observações, fizemos algumas sugestões e comentários na revisão escrita, alertando quanto às características da nova audiência, e os alunos fizeram mudanças na segunda versão: *“La caja vino con un inmigrante para el municipio de Blumenau que es una de las ciudades más importantes de Santa Catarina, conocida por ser la capital más alemana del Brasil y donde acontece la Oktoberfest (la fiesta típica alemán, reglada a mucha cerveza y diversión).”* Nessa versão, possivelmente, o intuito dos estudantes foi ampliar as informações ou tentar preencher eventuais lacunas, embora a nova informação *“donde acontece la Oktoberfest (la fiesta típica alemán, reglada a mucha cerveza y diversión)”* não seja totalmente relevante para o público-alvo. Finalmente, na última versão, eliminaram esta última informação, que estaria mais de acordo com outro gênero textual do setor do turismo, por exemplo. Assim, em termos de adequação à audiência, os participantes conseguiram fazer uma reflexão mais atenta sobre esse elemento, as informações apresentadas no texto são compartilhadas e, portanto, funcionam culturalmente para o seu leitor / ouvinte na prospecção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi exposto nas seções anteriores e como resultado da pesquisa, constatamos, na produção final dos estudantes de espanhol, a ampliação do conceito de tradução, e sua visão para além dos limites das margens do texto e do código linguístico durante o processo de tradução ao trabalhar com os fatores intralinguísticos e extralinguísticos inerentes a cada instância de tradução.

A partir das atividades realizadas na SD e nos resultados obtidos, a tradução em sala de LE aplicada a partir da linha funcionalista contribui para o processo de produção textual escrita, ampliando a compreensão e o conhecimento em LE dos elementos que conformam o gênero textual audioguia.

De igual maneira, por meio da atividade com tradução, os alunos adquirem maior consciência sobre o processo de traduzir, dos elementos envolvidos no processo de tradução, melhorando, assim, a sua competência de tradução ao compreender o texto como uma situação de comunicação, ao considerar na produção textual o leitor em

prospecção e o propósito do texto sobre um leitor final. Finalmente destacamos a eficácia da tradução como ferramenta importante de ensino na aula de língua estrangeira.

REFERÊNCIAS

CASSANY, Daniel. **Describir el escribir**. Cómo se aprende a escribir. Barcelona: Paidós, 1989.

DOLZ, Joaquim; GAGNON, Roxane; DECÂNDIO, Fabrício. **Produção escrita e dificuldades de aprendizagem**. Adaptação Joaquim Dolz e Fabrício Decândio; tradução Fabrício Decândio e Anna Rachel Machado. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michéle; SCHNEUWLY, Bernand. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização: Roxane Rojo; Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

NORD, Christiane. **Text Analysis in translation**. Amsterdam; Atlanta: Rodopi, 1991.

NORD, Christiane. **Análise textual em tradução**: bases teóricas, métodos e aplicação didática. Coordenação da tradução e adaptação de Meta Elisabeth Zipser. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016.

POLCHLOPEK, S. A.; ZIPSER, M. **Introdução aos Estudos da Tradução**. Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, 2011.

TraCEF
Tradução, Cognição, Ensino e Funcionalismo

A TRADUÇÃO DO GUIA TURÍSTICO DE PORTO VELHO: A (IN)TRADUZIBILIDADE DOS CULTUREMAS PRESENTES NO MATERIAL

Manuela Gomes Aragão
(Universidade Federal de Rondônia;
manu.aragaog@gmail.com)

Mirella Nunes Giracca
(Universidade Federal de Rondônia; mirella@unir.br)

INTRODUÇÃO

A cidade de Porto Velho é a capital de Rondônia, situada ao Norte do Brasil, e nasceu a partir da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré (EFMM), no início do século XX, entre 1907 e 1912. A localidade é considerada multicultural, por receber pessoas de outras regiões e de outros países, fator que acaba influenciando diretamente nas suas características, como a gastronomia, os hábitos, as vestimentas, as expressões idiomáticas, etc.

Dada essa brevíssima localização de onde parte nosso trabalho, a proposta aqui é apresentar a tarefa realizada no projeto PIBIC (2021-2022). O intuito desse ciclo foi traduzir o guia turístico da cidade de Porto Velho. Nossa justificativa para a realização dessa atividade se deu porque percebemos que não existe, ou até então não existia, a tradução de materiais turísticos direcionados para o público hispanofalante em Porto Velho, e por ser este município considerado como uma das portas de entrada para o Brasil, sobretudo, para bolivianos e venezuelanos, sentimos a necessidade de considerar esse público como membros da nossa sociedade.

A respeito da escolha do gênero textual, selecionamos o guia turístico porque acreditamos que os gêneros textuais são e estão presentes no nosso dia a dia e “apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais” (MARCUSCHI, 2008, p. 155). Ao contrário dos tipos, os gêneros textuais “são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas” (MARCUSCHI, 2008, p. 155). Ou seja, percebemos que o guia está presente na vida do porto-velhense, mas não está disponível para estrangeiros que aqui residem ou escolhem a cidade como destino turístico.

Entretanto, antes de partirmos para a apresentação do nosso projeto em si, precisamos definir e esclarecer ao nosso leitor o que consideramos e denominamos como

culturemas. Segundo Nord (1997), os indicadores culturais são “um fenômeno social de uma cultura X que é entendido como relevante pelos membros dessa cultura e que comparado com um fenômeno correspondente de uma cultura Y, resulta ser específico da cultura X” (NORD, 1997, p. 34). Em outras palavras, os culturemas são elementos específicos de uma dada cultura e, quando apresentados em outra cultura, não há um elemento correspondente (linguístico, gestual e/ou cultural). Segundo a autora alemã, o tradutor deve considerar esses pontos ricos na hora da tradução e buscar aproximar tais elementos de uma cultura à outra, direcionando a tradução para o leitor final, sem esquecer do propósito textual. Em suma, Nord (1997) inclui os elementos paraverbais ao conceito dos culturemas, entre eles estão o ato da saudação, o comportamento entre as pessoas, a distância em que se encontram uma da outra, como movem a cabeça etc.

OBJETIVOS

O objetivo geral da pesquisa foi traduzir o guia turístico de Porto Velho para a língua espanhola (LE).

Os nossos objetivos específicos foram:

- a) selecionar o “Guia Turístico de Porto Velho” como *corpus* do trabalho;
- b) realizar uma análise geral das informações presentes no guia turístico;
- c) analisar e identificar a presença dos culturemas no material selecionado;
- d) categorizar os culturemas presentes no guia;
- e) utilizar as técnicas e estratégias de tradução de Molina Martinez (2001);
- f) realizar a tradução do *Guia Turístico de Porto Velho*.

METODOLOGIA

Inicialmente, o método empregado para esta pesquisa foi o bibliográfico, porque realizamos buscas de referencial teórico acerca da tradução funcional, dos culturemas, das técnicas e das estratégias de tradução. Em seguida, nossa pesquisa também se enquadra como uma pesquisa-ação e, ao mesmo tempo, qualitativa, porque a proposta inicial do projeto teve que ser readequada devido ao contexto de pandemia do Sars-Cov-2 (Covid-19). Além disso, nosso planejamento era verificar a existência de materiais direcionados a nativos da LE e, caso não houvesse, ofertar a tradução de um material para esse público.

Assim, o *corpus* selecionado para a realização da pesquisa foi o Guia turístico da

cidade de Porto Velho¹⁰, disponível no site da Secretaria Municipal de Indústria, Comércio, Turismo e Trabalho (SEMDESTUR). Tal escolha se deu porque consideramos ser esse um gênero textual rico em elementos culturais específicos da nossa região e por concordarmos com Perton (2010), quando afirma que são materiais de cunho persuasivo, porque buscam fazer com que os receptores consumam o que lhes está sendo ofertado, seja um pacote de viagem, uma hospedagem em um hotel, etc. Além da persuasão, são também textos informativos, já que apresentam informações necessárias aos consumidores, como valores, características extras, que convençam a compra daquilo que se vende, se promove.

Em outras palavras, os textos turísticos apresentam como característica determinante a função apelativa, “tendo como principal foco o receptor do texto, seu mundo, sua mentalidade, e seu estado psíquico” (NOBS, 2006, p. 63). Nesse caso, podemos dizer que o guia turístico selecionado tem como propósito a função de informar o receptor (ou turista), ainda que percebamos em alguns momentos um caráter persuasivo e apelativo no texto.

A partir do *corpus* escolhido, realizamos a análise geral do texto, em seguida a identificação dos culturemas presentes no material. O passo seguinte se deu com a aplicação da categorização dos culturemas, segundo Molina Martinez (2001). Finalizada esta parte, partimos para as técnicas e estratégias de tradução.

Por fim, finalizamos a tradução do *Guia Turístico de Porto Velho*, baseadas nas palavras de Aragão e Giracca (2022), quando afirmam que o tradutor trata de reconfigurar a ação comunicativa do texto de origem para o texto-meta, e essa ação traz desafios culturais que o tradutor, como mediador, deve considerar culturalmente aos receptores finais. A partir dessa perspectiva, antes de apresentar a nossa proposta de tradução como resultado final do ciclo 2021-2022 do projeto PIBIC, revisamos a tradução do material.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado, utilizamos, ao todo, cinco técnicas de tradução, a saber: a tradução literal, a amplificação, a compensação, a modulação e a redução; e ainda mantivemos trinta culturemas tais quais aparecem no texto de origem. Como exemplos,

¹⁰Disponível em:

<https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1SPzFD9piVcEX19zzoH5c1ExDVBmZaoW5>. Acesso em: 21 nov. 2022.

citamos alguns, a saber: Parque da Cidade, Parque Circuito, Lago do Cuniã, etc. A nossa justificativa por não traduzir esses culturemas se deu porque são os títulos dos lugares, das comidas, dos elementos que o gênero textual está promovendo, e, por entendermos que o principal objetivo de um folheto turístico é fazer com que o turista chegue até o local, optamos por não traduzir para que o propósito do texto seja alcançado.

Visto dessa maneira, “a função comunicativa de um texto pode indicar quais são os elementos textuais que irão prevalecer e que determinarão a hierarquia de equivalência requerida no processo de tradução”, os quais serão determinados pela teoria de equivalência, isto é, para ela, a “dita equivalência inclui (com a situação) todos os fenômenos culturais (não somente verbais) dando a eles uma mesma importância” (REISS; VERMEER, 1996, p. 26). Desse modo, entendemos que a equivalência textual se dá quando o texto de partida e o texto de chegada “cumpram a mesma função comunicativa em ambas as culturas” (REISS; VERMEER, 1996, p. 126). Dessa forma, aproveitamos que os nomes em destaque, títulos dos produtos, aparecem no título e acabam se repetindo também no corpo do texto. Nesses casos, no corpo do texto, aproveitamos para fazer uso da técnica de tradução literal, visto que, no decorrer do texto, essa tradução pareceu-nos mais adequada por serem textos informativos e descritivos dos lugares que estavam sendo mencionados.

Por essa razão, estamos de acordo com Reiss e Vermeer (1996), que atestam dois aspectos a serem avaliados no processo de tradução. Em primeiro lugar, o ato tradutório que ocorre a partir da ação humana carregada de intenção e repleta de propósitos, levando em consideração uma determinada situação. Em segundo lugar, o processo tradutório, considerado um fenômeno cultural, em que é considerado uma ação humana objetivando um propósito, anexado em um determinado contexto social e, por isso, embebido de elementos culturais.

Dando sequência à nossa análise, a segunda técnica mais utilizada foi a amplificação de, no total, quinze culturemas. Essa técnica foi utilizada para oferecer ao público receptor uma tradução dos elementos que foram mantidos na língua de origem (LO), ou seja, aqueles elementos que não foram traduzidos. A exemplo do que foi dito, temos como texto de origem o seguinte trecho: “Com pedra fundamental lançada em 1917 e altar-mor confeccionado em São Paulo por artistas italianos, todo em mármore Carrara”. Para tanto, nossa tradução se deu da seguinte forma: “El lanzamiento de la Catedral se dio con la puesta de la piedra fundamental, en el año de 1917, a pesar de que su construcción empezó solamente en el año de 1927. El gran altar fue confeccionado en

São Paulo por artistas italianos, todo en mármore de Carrara”. Nesse caso, o culturema em questão representa um símbolo que traduz a história da capital, e está relacionado às crenças religiosas presentes na cidade e na região.

Destacar elementos culturais é importante porque, ao considerarmos a tradução uma ação cognitiva, direcionada para a comunicação, precisamos avaliar qual é o público que vai receber essa tradução e, para tanto, devemos prever alguns elementos importantes, como o conhecimento prévio do leitor, escala de valores, expectativas e normas, sejam elas implícitas ou explícitas (NOBS, 2006). Podemos perceber que, na nossa proposta, houve uma amplificação no trecho acima traduzido, visto que, como tradutoras, sentimos a necessidade de inserir mais informações, para que o texto ficasse mais coerente ao receptor da tradução em relação à história e construção da Catedral Sagrado Coração de Jesus.

Em terceiro lugar, temos a técnica denominada “compensação”, que aparece quatro vezes. Essa técnica foi utilizada para reorganizar as informações presentes no TO ao TM, adequando-as de maneira mais coerente ao receptor final. Como exemplo, apresentamos o trecho sobre o Palácio Tancredo Neves, que no TO está com a seguinte informação: “A praça em frente ao Palácio oferece espaço com estilo de viver comum à primeira metade do século”. Nossa proposta de tradução é a seguinte: “Alrededor del Palacio está ubicada una plaza que aún mantiene el estilo de la primera mitad del siglo”. Podemos ver aqui que a informação foi readequada para dar um novo efeito estilístico ao texto. Para isso, mudamos a informação sobre a localização da praça e sobre o seu estilo.

Além da “compensação”, a técnica “modulação” é utilizada também quatro vezes. A modulação se assemelha com a compensação. Por meio da modulação, pudemos fazer uma reorganização das informações do texto de origem. O exemplo que vamos expor aqui é do teatro Banzeiros, a saber, no TO aparece como: “O nome é uma homenagem ao rio Madeira. Banzeiro é o nome dado às ondas sucessivas formadas a partir do momento em que o barco a motor corta as águas do rio”. Nossa proposta de tradução é a seguinte: “Una de las definiciones para el nombre *Banzeiro* es a causa de las olas que surgen a partir del movimiento de las embarcaciones en el río. Además, hace un homenaje al río *Madeira*”. Nesse trecho, para dar mais sentido às informações do texto, invertemos a ordem das informações, primeiro explicamos o que significa Bazeiro para depois mencionar que é também uma forma de homenagear o rio Madeira, um dos principais elementos culturais da cidade.

Por último, a técnica de redução foi utilizada duas vezes. A partir dessa técnica, pudemos reduzir informações do texto de origem para que o texto de chegada tivesse mais sentido e fosse mais coeso e coerente ao receptor final. Neste ponto, compartilhamos o princípio de Nord (1991) sobre o texto traduzido, este sofre influências de fatores externos e internos, e essas influências serão aplicadas ao texto (oral ou escrito) e também estarão presentes nas escolhas léxicas que o tradutor fará para a elaboração do texto de chegada. Desse modo, os fatores supracitados estão relacionados e formam um ciclo de interdependência constante, caracterizando o processo tradutório tal qual um tecido, em que cada fio se une para tecê-lo e formar o produto final. Sendo assim, quando refletimos sobre a tradução do guia turístico e as diferentes tramas culturais, o resultado final do texto-meta apresenta alterações, sofrendo influências e adaptações à cultura-meta, para que haja uma aproximação ao receptor-meta.

A fim de exemplificar o exposto, temos o seguinte trecho sobre o Palácio Tancredo Neves, que no TO é o seguinte: “bancos que são testemunhas de conversas, encontros e muita vida”. Nossa proposta de redução foi: “bancos que son testigos de conversaciones y encuentros”. Nesse trecho, retiramos as palavras “muita vida”, porque, ao nosso ver, elas não acrescentariam nenhuma informação relevante ao receptor final e também por entendermos que “conversaciones” e “encuentros” dão o mesmo sentido de “ter vida” naquele ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos nossas considerações finais evidenciando que o trabalho de tradução é sempre um grande desafio, sobretudo quando trabalhamos com textos carregados de elementos culturais específicos. Reafirmamos aqui o compromisso, a necessidade e a importância de o tradutor ser bilíngue e bicultural para que a tradução seja adequada ao propósito final.

Ainda que a técnica mais utilizada por nós tenha sido a tradução literal, isso não quer dizer que foi um texto fácil de se traduzir. Em muitos momentos, alguns pequenos trechos do texto ou até mesmo “simples” palavras geraram horas de discussões, reflexões e busca por termos semelhantes, sobretudo culturalmente falando. Firmamos com essa pesquisa a necessidade de estarmos sempre em constante atualizações, em busca de ofertar uma tradução adequada ao nosso receptor final. Por isso, a necessidade de utilizar diversas técnicas de tradução, a fim de ampliar ou reduzir o texto quando necessário, com o intuito de direcionar o receptor ao objetivo do gênero textual em questão.

Além disso, como pesquisadoras e tradutoras, gostaríamos de expor o nosso compromisso em revisar mais de uma vez o produto final. Por seguirmos a linha de pesquisa de teóricos tanto da Linguística quanto dos Estudos da Tradução, estamos cientes de que esse material carece de muitas revisões até ser apresentado como “versão final da tradução”. Isso porque é um guia turístico e, como tal, apresenta inúmeras barreiras tradutórias.

Dito isso, podemos ressaltar a importância da categorização dos culturemas e do uso das técnicas tradutórias de Molina Martinez (2001) para a tradução do guia para turistas hispanofalantes que buscam a cidade de Porto Velho como destino (para viver) ou temporário (férias, negócios, entretenimento, entre outros). O trabalho da autora supracitada contribuiu para que pudéssemos concluir a primeira etapa do desafio, isto é, realizar uma tradução adequada e funcional do material selecionado para um público “invisível” em nossa cidade.

REFERÊNCIAS

GIRACCA, Mirella Nunes; ARAGÃO, Manuela Gomes. **Projeto PIBIC (UNIR) em tradução: a categorização de culturemas da cidade de Porto Velho, RO. Rónai – Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios**, p. 21-40, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ronai/article/view/36155/24154>. Acesso em: 21.11.2022.

MARCUSCHI, Luis. Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOLINA MARTÍNEZ, Lucía. **Análisis descriptivo de la traducción de los culturemas árabe-español**. Universitat Autònoma de Barcelona, Departament de Traducció i d'Interpretació. Barcelona, 2001.

NOBS, Marie Louise. **La traducción de folletos turísticos**. ¿Qué calidad demandan los turistas? Pról. de Christiane Nord. Granada: Comares, 2006.

NORD, Christiane. **Text Analysis in translation**. Amsterdam: Rodopi, 1991.

NORD, Christiane. **Defining translation functions: the translation brief as a guideline for the trainee translator**. *Ilha do Desterro*, n. 33, p. 39-53, jan. 1997.

REISS, Katherine; VERMEER, Hans Josef. **Fundamentos para una teoría funcional de la traducción**. Madrid: Akal, 1996.

PERTON, Narda. **La traducción de textos turísticos**. Tesina UU: Universiteit Utrecht Vertalen, 2010.

A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO EM “CARTA DE UM LOUCO”: UMA ANÁLISE A PARTIR DO EFEITO ESTÉTICO DA *KATHARSIS*

Brendo Melo da Silva (UNIR; 1999melo@gmail.com)
Maria Alice Sabaini de Souza (UNIR; maria.aliceprbr@unir.br)

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa analisar a possibilidade de realização do efeito estético de *katharsis* no primeiro receptor do conto “Carta de um louco”: o leitor francês que o recebeu em 1885, por meio de uma pesquisa analítica e bibliográfica, embasada, principalmente, em duas teorias: a Teoria da Estética da Recepção, desenvolvida por Hans Robert Jauss, e a teoria do Fantástico como gênero literário, formulada por Tzvetan Todorov. A partir dessas teorias, foi escolhido o conto “Carta de um louco”, escrito por Guy de Maupassant e publicado pela primeira vez em 1885, na França. Utiliza-se a Estética da Recepção porque se utilizam alguns conceitos por ela revisitados, principalmente o de *katharsis*. A união à teoria de Fantástico como gênero de Tzvetan Todorov (1981) ocorre por consequência de o conto escolhido se encaixar na descrição que o teórico faz sobre o fantástico, mais enfaticamente, no período temporal que Todorov apresenta como o do florescer deste fantástico da vacilação/hesitação. Assim, pensa-se ser válida a utilização dessa teoria neste trabalho.

Feitas as leituras e análises dos textos teóricos, do próprio conto e de outros artigos que se mostraram úteis a este trabalho, chega-se à conclusão de que é possível que a *katharsis* tenha se realizado nesses primeiros receptores franceses do ano de 1885. Mais à frente, há um melhor desenvolvimento sobre como se chegou a esse resultado.

OBJETIVOS

O principal objetivo do trabalho é analisar a possibilidade de realização da *katharsis*, a partir do que Jauss expõe sobre esta, no primeiro receptor do conto “Carta de um louco”, no século XIX.

Como objetivos complementares, tem-se o estudo das teorias e do próprio conto, uma breve análise do possível entendimento da vacilação, apresentada por Todorov como uma das grandes características do gênero Fantástico, como também um dos efeitos textuais sobre os quais tanto Jauss quanto Iser discorrem em seus textos, resultando, assim, na tentativa de uma aproximação das teorias.

METODOLOGIA

Este é um trabalho de cunho bibliográfico e analítico. Bibliográfico pelo tempo reservado ao estudo das teorias aqui utilizadas (Estética da Recepção, Fantástico como gênero e, mais brevemente, Teoria do Efeito) e do conto “Carta de um louco”. Analítico por todo o trabalho de leitura; pelas tentativas de aproximação das teorias; pelo estudo do contexto histórico de publicação do conto, resultantes na construção deste trabalho. Resumindo, o método analítico aqui utilizado nos conceitos que guiarão esta análise segue-se a concepção de acontecimento literário, que pode englobar, entre outros, a formação de horizontes de expectativas, vazios e a vacilação (emprestada de Todorov), que, então, culminaram na possibilidade de realização, ou não, da *katharsis*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 1967, Hans Robert Jauss faz a palestra inaugural da Estética da Recepção. Em sua fala nessa palestra, o autor de "História da literatura como provocação à teoria literária" (1994) revelou sua intenção teórica: dar enfoque aos estudos literários a partir da recepção dessa literatura para, então, resgatar/renovar sua historicidade, ou seja, sua construção histórica, como comenta Regina Zilberman (1994).

Wolfgang Iser foi colega de Jauss, mas voltou-se para o texto e o que este pode oferecer para que se forme a relação entre o leitor. A partir disso, baseado na teoria da interação da sociologia, Iser discorre sobre essas características norteadoras da relação entre texto e leitor: os horizontes de expectativa, os vazios, os espaços indeterminados, o não dito, etc. Do trabalho de Iser (1999, p. 144), foca-se, principalmente, nos vazios do texto, que o autor entende como uma presença não descritível de texto com a capacidade de incitar o leitor a agir sobre o texto.

Partindo de uma concepção de leitores que deixam de ser apenas receptores para serem também leitores afetados pelo texto e capazes de ressignificá-lo, faz-se a tentativa de aproximação das duas teorias anteriormente citadas – Estética da Recepção (1994) e Teoria do Efeito (1999) – com a teoria de gênero fantástico desenvolvida por Tzvetan Todorov (1981). Como se aproximam, então, essas teorias? Pela vacilação, que pode ser entendida como um dos efeitos causados pelo texto no leitor durante a leitura sobre os quais Iser (1999) discorre.

Discorre-se agora, resumidamente, sobre os principais conceitos que guiam a análise do conto “Carta de um louco”: horizontes de expectativa, vazios, vacilação e a *katharsis*.

Sendo os horizontes de expectativas as indagações que obra e leitor produzem um no outro, o que acontece quando essas expectativas não se realizam, quando são negadas? Iser vai chamar essa não realização das expectativas de espaço vazio, e o espaço vazio é, de fato, vazio. Não é uma presença concreta dentro do texto. Pode-se entendê-lo como uma resposta silenciosa às perguntas (horizontes de expectativas criados) levantadas pelo leitor, durante a leitura. Mas é justamente nesse "vazio", diz Iser (1999, p. 126), que o leitor ganha direito de ação, ganha o direito de fazer uma nova pergunta, criar um horizonte de expectativas.

Já a vacilação, proposta por Todorov (1981, p. 24), é entendida como um efeito da obra que nomeia o que ocorre quando o leitor que, ao se identificar com o personagem principal da obra fantástica, não pode desvendar se o ocorrido na narrativa possui explicação que segue a lógica da realidade comum ao personagem, ou se o acontecimento fantástico foge do que é comum ao mundo desse personagem, assim ficando em estado de vacilação.

Chega-se à *katharsis*, cuja conceituação Jauss (JAUSS, 1977 *apud* COSTA LIMA, 2002, p. 101) resgata de Aristóteles e mescla ao entendimento de Górgias sobre esta para, então, dizer que a *katharsis* é "aquele prazer dos afetos provocados pelo discurso ou pela poesia, capaz de conduzir o ouvinte e o espectador tanto à transformação de suas convicções quanto à liberação de sua psique" (JAUSS, 1977 *apud* COSTA LIMA, 2002). O autor segue explicando que a *katharsis* é uma experiência comunicativa básica que corresponde à função social da arte de mediar, inaugurar e legitimar normas de ação.

O objeto de análise deste trabalho é o conto epistolar “Carta de um louco”, escrito por Guy de Maupassant (2011, não paginado). No conto, o personagem principal, um homem sozinho de idade não revelada, relata, por meio de uma carta direcionada ao seu médico, como sua percepção da realidade tem sofrido com mudanças bruscas desde que o personagem passou a tentar entender uma frase Montesquiana por ele citada "[...] Um órgão a mais ou a menos em nossa máquina teria feito de nós uma outra inteligência" (MONTESQUIEU, 1757 *apud* MAUPASSANT, 2011, não paginado). Essa frase leva esse personagem a uma "iluminação" brusca de pensamentos sobre o homem e a "realidade" que o cerca. A partir de então, o personagem tenta desvendar o mundo oculto

por seus cinco básicos sentidos humanos até que ele tenha, “de fato”, um encontro com o invisível, um ser de fora da realidade apreendida pelo ser humano.

A análise segue estabelecendo o que se entende como constituintes do processo de acontecimento literário. Foi feita a reconstrução do contexto histórico do lançamento do conto, ou seja, uma reconstrução dos horizontes de expectativa do primeiro receptor do conto.

Seguindo o que é exposto por Nazario (2017, p. 30), a França que recebeu o conto “Carta de um louco” estava em sua Terceira República, se recuperava de uma guerra perdida (a guerra franco-prussiana), que lhe custou também a perda de territórios nacionais. O país sempre fora um berço de revoltas e revoluções que mudaram o governo e as leis. Com base nisso, compreende-se que esse é o horizonte de expectativas do receptor do conto “Carta de um louco”. em 1885.

Em todo o texto, esse vazio de “não poder dizer se o protagonista é louco ou não” existe e permanece com o leitor. Por exemplo, quando o protagonista do conto descreve com afinco o que acreditava ter visto e como aquilo havia o afetado: “Enxergava-se como em pleno dia, e eu não me vi no espelho! [...] Minha imagem não estava lá, e eu estava diante dele. Olhava-o com um olhar alucinado [...] o Invisível que me ocultava. Oh! Como tive medo!” (MAUPASSANT, 2011, não paginado). Isso pode incitar no leitor a crença no que a personagem relata, mas, ao fim do conto, a personagem se coloca nas mãos de seu doutor, para que este decida sobre sua sanidade: “Eis a minha confissão, meu caro doutor. Diga-me, o que devo fazer?” (MAUPASSANT, 2011, não paginado), gerando, assim, dúvida sobre seus relatos. Por isso diz-se que os vazios permeiam essa narrativa Maupassaniana.

Esses vazios ocorrem por consequência da vacilação, que impede que o leitor consiga afirmar com certeza se a personagem do conto é louca ou se de fato vira a figura invisível. E essa vacilação pode levar, então, à *katharsis*, já que o receptor do conto vivia, possivelmente, em estado de vacilação sobre os seus arredores.

Por conta de seu contexto histórico (horizonte de expectativas), pode-se pensar que o primeiro receptor do conto “Carta de um louco”, o público francês do século XIX, vivia em constante paranoia, temendo uma nova guerra, uma nova revolução, uma revolta, etc. Assim, esse leitor pode ter se encontrado em um momento de incerteza sobre sua vida e seu futuro, ele pode ter se encontrado em um momento de vacilação. Por isso, pensa-se aqui que essa vacilação se compara à vacilação do protagonista do conto “Carta de um louco”, já que, nesse caminho, ambos – leitor e personagem – estavam em um

momento de dúvida e paranoia. Assim, pode-se afirmar que houve a realização da, pelo menos em parte, *katharsis* entre protagonista do conto e seu receptor, já que houve a identificação, um dos aspectos da *katharsis* descrita por Jauss (2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dados os resultados obtidos na análise feita, acredita-se que os objetivos foram cumpridos. A *katharsis* se realizou no leitor francês de 1885, pois ambos – leitor e personagem – se encontravam em situações com possibilidade de comparação. Antes dessa *katharsis*, houve a vacilação do leitor, que, durante a leitura do conto, não pôde entender os acontecimentos deste como reais (Maravilhoso) ou alucinações do personagem principal do conto (Estranho). Os horizontes de expectativa, ligados ao contexto histórico em que o leitor de um texto vive e que dão forma a este leitor, importantes para Jauss (1994) em seus estudos sobre a recepção de uma obra, foram reconstruídos. Com relação aos vazios de Iser, pôde-se analisar que estes constituem boa parte do conto “Carta de um louco”, fazendo com que o leitor aja em seu processo de leitura e impute significação ao texto. Por fim, pode-se pensar em outras possibilidades de pesquisa. Uma delas estenderia a análise às irmãs da *katharsis*: a *poesis* e a *aisthesis*, também efeitos estéticos tratados por Jauss (2011). Em outro caminho, pode-se pensar na possibilidade de uma análise baseada nos acontecimentos mais recentes relacionados à política, por exemplo, ou até mesmo à pandemia de Covid-19. Esses são alguns dos vários caminhos que podem ser seguidos, dada a vasta riqueza de interpretações que o texto se permite imputar.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a minha orientadora, Maria Alice Sabaini de Souza Milani, à professora Mirella Nunes Giracca, pelo convite para participação neste projeto e evento, e à UNIR, meu lugar de aprendizado, não só sobre Letras, mas sobre o mundo.

REFERÊNCIAS

CALVINO, I. **Contos fantásticos do século XIX**: O fantástico visionário e o fantástico cotidiano. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Disponível em: <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2020/04/calvino-italo-contos-fantasticos-do-sculo-xix-1.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2022.

BORDINI, M. G; AGUIAR, V. T. **A formação do leitor**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. 176 p.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. São Paulo: 34, 1999. v. 2. 198 p.

JAUSS, H. R. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução: Sergio T. São Paulo: Editora Ática S. A, 1994. 84 p.

JAUSS, H. R. O Prazer Estético e as Experiências Fundamentais da Poiesis, Aisthesis e Katharsis. In: LIMA, L. C. **A literatura e o leitor**: textos da estética da recepção. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 85-104.

LUSO DE CARVALHO, Pedro. [Conto] GUY DE MAUPASSANT – Carta de um Louco. **Blog Veredas**, 1985. Disponível em: <https://pedrolusodcarvalho.blogspot.com/2011/04/conto-maupassant-carta-de-um-louco.html>. Acesso em: 15 mai. 2021.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. E-book. 96 p. DIGITAL SOURCE. Disponível em: https://www.academia.edu/4176799/Tzvetan_Todorov_Introducao_a_literatura_Fantastica. Acesso em: 10 dez. 2021.

TraCEF
Tradução, Cognição, Ensino e Funcionalismo

A APLICAÇÃO DE ATIVIDADES DE TRADUÇÃO EM SALA DE AULA NA LICENCIATURA EM LETRAS-INGLÊS DA UAL-UFCG

Sinara de Oliveira Branco (Universidade Federal de Campina Grande;
sinarabranco@gmail.com)

INTRODUÇÃO

Tendo em mente que os Estudos da Tradução analisam questões linguísticas, literárias, tecnológicas e socioculturais, e que a teoria da tradução está relacionada à prática da tradução, ao ensino da tradução e ao ensino de línguas estrangeiras, ao analisar o ato tradutório, áreas e teorias interdisciplinares diversas se relacionam, dependendo do foco de investigação. Assim, Linguística Aplicada, Literaturas Nacional e Estrangeira, Estudos Culturais, Ensino de Línguas Materna e Estrangeiras e Cultura estão interligados de forma complexa e, portanto, devem ser levados em consideração ao se investigar a tradução e suas aplicações em contextos como a sala de aula nos cursos de Letras e de Tradução – licenciatura ou bacharelado.

Branco (2011) afirma que a tradução envolve: a) a competência linguística tanto na língua estrangeira (LE) quanto na língua materna (LM); b) a relação dos segmentos linguísticos, sociais e culturais em LE e LM, minimizando a interferência negativa da LM; e 3) a seleção da forma considerada mais adequada para o ato tradutório específico, levando em consideração o público-alvo, o propósito da tradução, o contexto e a situação em questão (cf. NORD, 1991). Acredito que, para que o uso de atividades de tradução seja bem-sucedido em sala de aula, é necessário um intenso trabalho que envolva os níveis sintático, semântico e pragmático, utilizando as quatro habilidades (escuta, fala, leitura e escrita), contextos e meios variados, como a literatura, o cinema, a internet e a experiência dos estudantes envolvidos em sala de aula. A partir da consideração desses pontos, a atividade envolvendo tradução oferece possibilidades de envolvimento e de produção com resultados satisfatórios e discussões sobre essa prática enriquecedora para professores e estudantes.

Segundo Malmkjaer (1998), é notório o fato de que a tradução pode causar interferência negativa, se não for devidamente desenvolvida. Entretanto, a prática da tradução em atividades específicas encoraja a percepção e o controle dessa interferência. Nesse espaço, apresento o relato da aplicação de atividades de tradução que tiveram resultado satisfatório no contexto de ensino de LE. Abordarei as teorias que me acompanham ao longo de minha trajetória em ensino e pesquisa e na prática tradutória: a

Teoria Funcionalista da Tradução, as Estratégias de Tradução, a Tradução Intersemiótica e Cultura, a Tradução e Cinema, sem descartar a Linguística Aplicada, a Tecnologia e a Literatura.

Nord (1997) afirma que o processo tradutório existe graças à existência de um texto-fonte que garante a possibilidade de uma tradução. É necessário que haja um mínimo de relação entre texto-fonte e texto-alvo para que o processo tradutório aconteça. Entretanto, o escopo tradutório oferecerá o equilíbrio necessário para que essa relação aconteça, estabelecendo adequação entre a devida quantidade e qualidade de relação entre os dois textos. Em outro momento, Nord (1991) reforça que uma determinada função só pode ser atribuída ao texto traduzido levando-se em consideração o leitor-alvo e a recepção da tradução. É a recepção que completa a situação comunicativa e define a função do texto (oral ou escrito). O texto como ato comunicativo é completado pelo leitor-alvo (BRANCO, 2011). Segundo Nord (1997), o escopo, ou seja, o propósito, oferecerá os critérios de decisão para a escolha de elementos do texto-fonte que serão preservados ou adequados – também excluídos – do texto-alvo. Embora a Abordagem Funcionalista da Tradução enfatize o foco no texto-alvo, o texto-fonte não é negligenciado ou “esquecido”, o que reforça a relevância de um texto-alvo bem recepcionado por seus leitores (BRANCO, 2011). A delimitação da funcionalidade textual é evidenciada considerando o público-alvo, e isso também é considerado no desenvolvimento das atividades de tradução.

Nesse contexto, ao considerar o contexto de tradução em sala de aula de um Curso de Letras-Inglês, considero que tanto o professor quanto os alunos traduzem aspectos linguísticos e culturais, levando em conta a experiência e o conhecimento acadêmico e de mundo de cada um, tanto de sua cultura quanto da cultura estudada, justificando, discutindo, comparando e descrevendo escolhas tradutórias de acordo com suas necessidades, propósitos e conhecimentos.

Fawcett (1997, p. 112) corrobora a visão de Nord quando diz que “a função da tradução não tem que ser a mesma do texto original”. O tradutor experiente ou em formação precisa pensar a respeito do que é solicitado pelo cliente de uma tradução e qual função o texto traduzido terá no contexto-alvo (BRANCO, 2011). Assim, analisando os pontos levantados pelos estudiosos aqui citados, proponho que os aspectos a serem levados em consideração ao utilizar as atividades de tradução aqui apresentadas sejam: (a) quais critérios e categorias de tradução (CHESTERMAN, 2016) serão utilizadas e com qual propósito, a partir da descrição de um público-alvo sugerido; e (b) qual

relevância terá a LM em uma determinada situação, tendo em mente o propósito determinado, o nível linguístico dos alunos – tanto de LE quanto de LM –, e o meio utilizado em aula.

OBJETIVO

Esta apresentação tem o objetivo de relatar uma experiência de ensino no Curso de Licenciatura em Letras-Inglês da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) entre os anos de 2021 e 2022. Com esse objetivo, não se tem a pretensão de apresentar conceitos ou propostas “novas”, ao contrário, a intenção é revisitar métodos de trabalho em sala de aula e formas de lidar com a tradução, em teoria e prática, que por si só se atualizam e evoluem, graças ao avanço e inovação tecnológica e à prática pedagógica ao longo dos anos, bem como aos diversos contextos de trabalho e ao público-alvo envolvido: os estudantes de Letras e de Tradução.

METODOLOGIA

Serão apresentadas três atividades de tradução, no par linguístico língua portuguesa brasileira e a língua inglesa, aplicadas em uma sala de aula de 8 estudantes do 8º período do Curso de Letras-Inglês da UFCG. As atividades envolveram: (a) um texto jornalístico sobre notícia em grande repercussão naquele momento – o desaparecimento do indigenista Bruno Pereira e do jornalista inglês Dom Phillips na Amazônia, no mês de junho de 2022; (b) um conto literário de Ernest Hemingway (1899-1961) – *A Very Short Story*; e (c) um vídeo do *Talk Show* de Oprah Winfrey entrevistando a escritora Maya Angelou, para a produção de legendas.

Graças ao reconhecimento da tradução como uma ferramenta eficaz em contexto de ensino de línguas e literaturas, as atividades de tradução aplicadas estão relacionadas às quatro habilidades envolvidas no ensino de LE e ao uso de elementos extratextuais e culturais que auxiliam professores e estudantes na produção de linguagem adequada a padrões sociofuncionais e linguístico-culturais, levando em consideração as teorias de tradução destacadas e suas metodologias.

O grupo era formado por oito estudantes de Letras-Inglês, sendo seis mulheres e dois homens. Dentre os homens, destaco um estudante cego, pois a sua participação na disciplina representou o meu primeiro contato em sala de aula com um estudante com essa característica, o que gerou ainda maior interesse no desenvolvimento das atividades para que atendessem as necessidades e interesses de todos os estudantes.

A metodologia utilizada para a criação e posterior análise de cada atividade levou em conta critérios que envolvem a leitura do texto literário, do texto jornalístico e da produção de audiovisual e legendas, enfatizando a participação de um estudante cego e todas as necessárias adequações das atividades à sua realidade. Para tanto, foi indispensável abordar o conhecimento adquirido pelos alunos ao longo do curso de Letras, desde as disciplinas envolvendo a Linguística Aplicada e a Literatura até as práticas de ensino, de leitura e de produção textual em outras disciplinas. Esse conhecimento foi fundamental não apenas para o ato tradutório, mas para as discussões em sala, após a entrega das atividades. As discussões se mostraram o momento no qual os alunos se apropriaram de suas produções e apresentaram sugestões aos colegas.

RESULTADOS

Os resultados dessa experiência são vastos e, por questão de tempo e de espaço, destacarei três pontos para cada atividade, tendo em mente os aspectos destacados acima:

- a) Atividade 1: o texto jornalístico sobre o desaparecimento do indigenista Bruno Pereira e do jornalista inglês Dom Phillips na Amazônia, no mês de junho de 2022.

1º aspecto: a abordagem funcionalista foi explorada com maior frequência, pois o texto-fonte foi produzido em contexto de língua inglesa pelo jornal *The Guardian*, dando maior relevância a Dom Phillips e descrevendo a Amazônia de forma mais detalhada para o contexto inglês. Os estudantes sentiram a necessidade de fazer adequações lexicais e culturais, ao mencionar lugares e animais, bem como trocando a ênfase textual de Dom Phillips para o indigenista brasileiro, Bruno Pereira. Para cada adequação, os estudantes apresentaram a opção escolhida e a justificativa. As categorias de tradução voltadas à sintaxe, semântica e pragmática foram apresentadas e justificadas. Além disso, a organização textual foi feita em texto paralelo, facilitando o cotejamento e discussão em sala de aula.

2º aspecto: nem todos estavam familiarizados com a notícia. Esses estudantes precisaram fazer mais pesquisas e buscar mais informações sobre o caso. Ou seja, o fator cultural influenciou bastante, especialmente por ser uma notícia brasileira que repercutiu mundialmente, por ser atual, e eles se sentiram motivados a buscar informações.

3º aspecto: a linguagem utilizada no texto original foi considerada mais enfática e emotiva, buscando explorar a emoção dos leitores. Para a produção do texto traduzido,

os alunos escolheram a função factual e menos emotiva, com o propósito de deixar a notícia no âmbito informativo, uma vez que se trata de um texto jornalístico.

b) Atividade 2: o conto literário de Ernest Hemingway (1899 – 1961) – *A Very Short Story*

1º aspecto: o conto era conhecido, pois tinha sido trabalhado em uma disciplina de literatura. Utilizaram a teoria trabalhada durante as aulas, citando Arrojo (2007), e teorias de literatura trabalhadas em outras disciplinas.

2º aspecto: para esta produção, os estudantes buscaram mais informações a respeito do escritor, Hemingway, e buscaram maior criatividade em suas escolhas, por ser um texto sensível e requerer maior lirismo.

3º aspecto: as escolhas envolveram ajustes terminológicos, como “chimney swifts”, que pesquisaram e optaram por “andorinhas”, bem como a referência ao trocadilho percebido no título, com a ideia de ser uma história curta e um conto, refletidos em “short story”.

c) Atividade 3: o vídeo do *Talk Show* de Oprah Winfrey entrevistando a escritora Maya Angelou, para a produção de legendas.

1º aspecto: para esta produção os estudantes seguiram as normas de legendagem trabalhadas nas aulas, citando Cintas e Remael (2014) e, especialmente, as categorias pragmáticas de tradução.

2º aspecto: houve o cuidado para não extrapolar o número de caracteres nas legendas, bem como a relevância dos termos selecionados e quais informações pareciam essenciais na legenda.

3º aspecto: na atividade de legendagem, o estudante cego foi dispensado e pôde se dedicar ao trabalho com a produção das outras traduções – conto e texto jornalístico). O estudante apresentou o apoio recebido de um audiodescritor e de uma revisora.

A partir dos dados coletados e das interações em sala de aula, foi reforçada a eficácia da aplicação de atividades de tradução em contexto de sala de aula de LE em um curso de Licenciatura em Letras-Inglês, pois amplia o conhecimento e possibilidades de atuação dos(as) futuros(as) professores(as) da área de Letras-Inglês. A comprovação da eficácia das atividades nos anos mencionados veio a partir de relatos dos estudantes em suas falas ao concluírem a disciplina. Os resultados demonstram que o uso de atividades que envolvam a tradução, quando trabalhadas em conjunto com teorias específicas, auxilia no aprendizado da língua inglesa, no desenvolvimento de leitura e escrita, tanto

em língua materna quanto estrangeira, proporcionando maior participação e interação entre professor e estudantes.

Outro fator relevante é a conscientização do estudante de que uma interpretação satisfatória possui três características básicas: adequação linguística, adequação textual e adequação ao usuário, que são aspectos relacionados à Abordagem Funcionalista da Tradução. A adequação linguística tem foco na precisão lexical e sintática, bem como no uso apropriado de registro e convenções linguísticas exigidas pelo contexto. A adequação textual reconhece o fato de que determinado gênero textual pode ser diferente, em vários aspectos, de uma língua para outra. A adequação ao usuário, por sua vez, ajusta o texto falado/escrito ao ouvinte/leitor/usuário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com os estudantes na disciplina do semestre 2021.2, no ano de 2022, ainda em regime remoto de atividades devido à pandemia de Covid-19, reforçou a validade e importância da atuação de professores da área de estudos da tradução não apenas em cursos de Bacharelado em Tradução, mas também nas licenciaturas de Letras do país. Foi um momento de aprendizagem amplo e revigorante, uma vez que a professora também esteve exposta a novas interações e experiências de ensino e acessibilidade.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi desenvolvido graças ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela concessão de bolsas de pesquisa em nível de mestrado e de doutorado e também de iniciação científica, respectivamente, através do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE) e da Unidade Acadêmica de Letras (UAL) do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

REFERÊNCIAS

- ARROJO, Rosemary. **Oficina de Tradução: a teoria na prática**. São Paulo: Ática, 2007.
- BAKER, M. **Routledge encyclopedia of translation studies**. London: Routledge, 1998.
- BRANCO, S. O. The Application of Intersemiotic Translation Combined with Multimodal Activities in the English as a Foreign Language Classroom. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 14, n. 2, p. 293-312, 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbla/a/bWKNkwFxqszsrfjsjdSbmTfS/abstract/?lang=en>. Acesso em: 15 out. 2022.

BRANCO, S. O. As faces e funções da tradução em sala de aula de língua estrangeira. **Cadernos de Tradução**, v. 27, n. 1, 2011.

CHESTERMAN, A. **Memes of Translation**: the spread of ideas in translation theory. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2016.

CINTAS, J. D.; REMAEL, A. **Audiovisual Translation**: Subtitling. London: Routledge, 2014. p. 74-75.

FAWCETT, P. **Translation and language**: linguistic theories explained. Manchester: St. Jerome, 1997.

HEMINGWAY, Ernest. **The Complete Short Stories of Ernest Hemingway**. Simon & Schuster, 1998.

KLEIN-BRALEY, C.; FRANKLIN, P. The foreigner in the refrigerator. *In*: MALMKJAER, K. (ed.). **Translation and language teaching. Language teaching and translation**. Manchester: St. Jerome, 1998. p. 53-61.

MALMKJAER, K. (ed.) **Translation and language teaching**. Language teaching and translation. Manchester: St. Jerome, 1998. p. 1-11.

NORD, C. **Text analysis in translation**: theory, methodology, and didactic application of a model for translation-oriented text analysis. Amsterdam: Rodopi, 1991.

NORD, C. **Translating as a purposeful activity**. Manchester: St. Jerome, 1997.

OWN. Full Episode: “Maya Angelou” (Ep. 416) | Super Soul Sunday | Oprah Winfrey Network. YouTube. May 19th, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Irs5tJgokys&t=470s>. Acesso em: 17 jul. 2022.

TRACEF
Tradução, Cognição, Ensino e Funcionalismo

TRADUÇÃO E REESCRITA NA LOCALIZAÇÃO DE JOGOS DIGITAIS NO BRASIL: UM ESTUDO DA TRANSCRIÇÃO EM *CYBERPUNK 2077*

Pedro Henrique de Paiva Gaudencio (PPGLE-UFCG;
pedro.gaudencio@estudante.ufcg.edu.br)
Sinara de Oliveira Branco (UFCG; sinarabranco@gmail.com)

INTRODUÇÃO

A indústria de jogos digitais tem crescido continuamente durante as últimas duas décadas, tornando-se um mercado de entretenimento com um rendimento global maior do que o cinema ou a televisão. Grande parte desse crescimento se deve à popularização dos jogos digitais em mercados emergentes como o Oriente Médio, a África e a América Latina. Na América Latina – região que apresentou, em 2022, um crescimento de 6,9% em relação ao ano de 2021 (NEWZOO, 2022) –, o Brasil se configura como principal mercado, com 74,5% da população nacional declarando consumir jogos eletrônicos costumeiramente (GO GAMERS; SX GROUP, 2022). O crescimento do mercado de jogos eletrônicos global e no território brasileiro tem também impulsionado o interesse acadêmico, com um maior número de pesquisas centradas nessa área do conhecimento sendo desenvolvidas ao longo dos anos (PIMENTEL *et al.*, 2021).

Mesmo assim, ainda existem lacunas no conhecimento acadêmico quanto aos jogos digitais no Brasil, sobretudo no tocante aos Estudos da Tradução. Considerando a formação populacional brasileira majoritariamente monolíngue e a predominância das produções internacionais no mercado brasileiro de jogos digitais, o consumo de tais produtos no Brasil se dá sobretudo sob a forma de produtos traduzidos. Infelizmente, dispomos ainda de poucos estudos voltados para a localização de jogos digitais, principalmente no que se refere a pesquisas desenvolvidas a nível de pós-graduação (BARCELOS; MALTA, 2020). Assim, nos voltarmos para a tradução e localização de jogos digitais no Brasil representa a possibilidade de melhor compreensão e de refinamento teórico de uma atividade tradutória em expansão, bem como a oportunidade de garantir maior acessibilidade aos futuros consumidores de jogos digitais traduzidos.

Nesse sentido, teorizamos a localização de jogos digitais enquanto uma atividade tradutória especializada (O'HAGAN; MANGIRON, 2013), derivando suas peculiaridades de sua transdisciplinaridade latente e de seus objetos multimodais complexos, configurando-se enquanto atividade de Tradução Intersemiótica (JAKOBSON, 2003[1959]; PLAZA, 2003). De maneira similar a atividades de Tradução

Audiovisual, a dublagem e legendagem de jogos digitais implica a constante necessidade de reformulação textual, uma vez que o meio audiovisual impõe restrições ao texto traduzido – que deve se adequar temporal e espacialmente à obra-fonte, mantendo-se legível sem obscurecer a ação na tela e acompanhando sincronicamente os diálogos (DIAZ CINTAS; REMAEL, 2014). Soma-se a tal característica a primazia de abordagens domesticadoras (VENUTI, 2021) na indústria, que prezam não pela transposição do texto-fonte para outra língua, mas pela reconstrução da experiência do jogador da cultura-fonte para os jogadores da cultura-alvo (O’HAGAN; MANGIRON, 2013).

A localização de jogos digitais, portanto, garante ao tradutor certa medida de liberdade criativa em sua reescrita do texto, e pode ser iluminada pela noção de transcrição. Inicialmente proposta por Haroldo de Campos (2011) no âmbito da tradução literária, a transcrição propõe que a tradução deva ser exercida não sobre a materialidade do texto enquanto forma linguística, mas sim sobre o lugar semiótico da intenção profunda do texto, existente previamente à sua materialização enquanto língua. Tratar-se-ia, assim, de uma “redoação da forma”; uma apropriação analógica de signos distintos (PLAZA, 2003) que possibilitem o surgimento de um efeito estético similar àquele apresentado aos jogadores pertencentes à cultura-fonte.

A partir de tal ótica, voltamo-nos para *Cyberpunk 2077* – jogo digital de ação e interpretação de papéis lançado em dezembro de 2020 responsável por quebrar uma série de recordes de popularidade – com o intuito de investigar como se articulam as noções de transcrição, reescrita e adaptação cultural em sua localização para o português brasileiro.

OBJETIVOS

Nosso estudo objetiva investigar a localização de itens culturais-específicos (AIXELÁ, 1999) em jogos digitais no Brasil sob a ótica da transcrição (CAMPOS, 2011). Dispomos, para tanto, dos seguintes objetivos específicos: (a) identificar e selecionar cenas de *Cyberpunk 2077* que contenham itens culturais-específicos em sua dublagem e legendagem; (b) realizar uma análise descritivo-comparativa dos textos-fonte e textos-alvos das cenas selecionadas, destacando as formas de materialização da transcrição na localização do jogo; e (c) identificar tendências de localização na tradução de itens culturais-específicos em jogos digitais no Brasil a partir dos resultados apresentados.

METODOLOGIA

Nosso estudo segue uma abordagem qualitativa, configurando-se como um estudo de caso descritivo-comparativo (WILLIAMS; CHESTERMAN, 2002) segundo os Estudos Descritivos da Tradução (TOURY, 2012; CHESTERMAN, 2016).

Procedemos inicialmente à seleção de cenas de *Cyberpunk 2077* que apresentassem itens culturais-específicos em sua dublagem e legendagem. As cenas selecionadas foram então coletadas mediante *software* de captura de imagens em movimento aplicado a sessões de jogo realizadas pelo pesquisador. A partir dos trechos selecionados, construímos um *corpus* paralelo contendo transcrições dos textos-fonte e textos-alvo, ao qual foram adicionadas imagens estáticas ou em movimento das cenas em questão.

Através do *corpus* paralelo, realizamos uma análise descritivo-comparativa dos textos-fonte e textos-alvo, destacando as mudanças operadas no texto pelos localizadores e seus possíveis efeitos estéticos para os jogadores de *Cyberpunk 2077*. Identificamos, então, as estratégias de tradução e tendências de adaptação cultural (CHESTERMAN, 2016) presentes no jogo enquanto produto traduzido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Identificamos, na localização de *Cyberpunk 2077*, a inserção de diferentes tipos de itens culturais-específicos no texto-alvo referentes à realidade brasileira, constituindo formas de reescrita textual que almejam a adaptação do jogo para o contexto cultural dos jogadores brasileiros. A transcrição de tais itens comumente representa um distanciamento significativo da forma linguística do texto traduzido. Argumentamos, contudo, que os tradutores se apoiam numa interpretação possível do texto-fonte, e que as mudanças operadas na localização representam uma recriação da estratégia de leitor-modelo apresentada pelo texto-fonte, resultando na construção de uma intenção profunda do texto traduzido (ECO, 2015) com efeitos estéticos análogos àqueles apresentados aos jogadores da cultura-fonte norte-americana. A título de ilustração, apresentamos o seguinte quadro contendo o trecho de um diálogo em que Jackie, o deuteragonista da narrativa, explica à protagonista V quem é Dexter DeShawn.

Quadro 1 – Jackie e V conversam sobre Dexter DeShawn

Texto-fonte	Texto-alvo
<i>Only the top fixer in Night-fuckin’-City! Fat-assed Black Jesus of the Afterlife. Three hundred pounds of gold-plated cool.</i>	É só el mejor canal de toda Night City! O Jesus Negão Boladão da Afterlife, edición limitada, en ciento y cuarenta quilos de maneirice banhada a ouro.

Enquanto o espanhol é presente na fala de Jackie em alguns trechos curtos do texto-fonte em inglês, os tradutores optam por incluir trechos bem mais longos no texto-alvo em português brasileiro. Tal escolha se apoia na caracterização de Jackie enquanto personagem latino-americana e representa uma forma viável de exacerbar o caráter multicultural do ambiente urbano fictício do jogo, uma vez que os tradutores optam unicamente por termos hispânicos cognatos ao português, não gerando incompreensão. A presença de termos em língua estrangeira na fala de personagens e a utilização de sotaques caricatos são uma estratégia recorrente na dublagem de filmes e séries animadas (MINUTELLA, 2021), e representam um ponto de interseção entre a localização de jogos digitais e outras instâncias de Tradução Audiovisual.

Outra característica do trecho selecionado diz respeito ao uso da gíria “boladão”, tipicamente pertencente ao contexto urbano das grandes metrópoles do sudeste brasileiro. A inserção da gíria que não encontra respaldo direto no texto-fonte representa uma adaptação do contexto de urbanização exacerbada presente no jogo, traduzindo-o para a realidade brasileira – na qual instâncias de opressão e violência urbana são comumente associadas a São Paulo e ao Rio de Janeiro. O uso da gíria, portanto, representa outra instância de reescrita criativa apoiada nos conceitos de adaptação cultural e transcrição. A presença do termo, entretanto, levanta questões a respeito da viabilidade da marcação geográfica e cultural de personagens no jogo e a possibilidade de envelhecimento da tradução caso o termo caia em desuso.

Identificamos, ainda, outras estratégias recorrentes de adaptação cultural e transcrição do texto-fonte, tais quais a inserção de termos chulos e ofensivos que melhor correspondem à linguagem da juventude brasileira, a reprodução de sotaques estrangeiros por dubladores brasileiros, a utilização de termos e expressões comumente associadas à cultura da internet no Brasil e a fabricação de um sotaque regional e socialmente marcado. De maneira similar aos exemplos citados acima, tais estratégias representam uma aproximação ao contexto linguístico brasileiro, levantando, porém, questões a respeito da representatividade étnica das personagens, do envelhecimento da tradução e da aceitabilidade do texto traduzido por parte do público consumidor brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A localização de *Cyberpunk 2077* para o português brasileiro corresponde aos ideais de adaptação cultural e recriação da experiência do jogador exibidos pela indústria a nível global (O'HAGAN; MANGIRON, 2013), sendo respaldada pelos conceitos de transcrição e apropriação analógica de signos com o intuito de recriar a intenção profunda do texto. Ainda assim, mais estudos na área se fazem necessários com o intuito de estabelecer se tais tipos de transcrição textual se constituem em uma norma tradutória (CHESTERMAN, 2016; TOURY, 2012) no território brasileiro. Estudos voltados para o processo tradutório transcricional a partir da ótica dos localizadores podem também melhor nos informar a respeito da escrita criativa necessária a tais atividades, bem como estudos voltados para a recepção de jogos digitais traduzidos por parte do público brasileiro podem auxiliar na teorização desses objetos com o intuito de garantir maior acessibilidade a esse público.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à CAPES pelo financiamento da pesquisa, sem o qual o presente estudo não seria possível.

REFERÊNCIAS

AIXELÁ, J. F. Culture-Specific Items in Translation. *In*: ÁLVAREZ, R.; VIDAL, M. C. A. **Translation, Power, Subversion**. Clevedon: Multilingual Matters, 1996. p. 52-78.

BARCELOS, L. G. N.; MALTA, G. A tradução/localização de videogames: um mapeamento das pesquisas realizadas em instituições de ensino superior brasileiras entre 1998 e 2018. **Belas Infieis**, Brasília, v. 9, n. 4, p. 127-144, 2020.

CAMPOS, Haroldo de. **Da transcrição**: poética e semiótica da operação tradutora. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011.

CHESTERMAN, A. **Memes of Translation**: The spread of ideas in translation theory. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2016.

DÍAZ CINTAS, J.; REMAEL, A. **Audiovisual Translation**: Subtitling. 2. ed. Abingdon: Routledge, 2014.

ECO, U. **Os Limites da Interpretação**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GO GAMERS; SX GROUP. **Pesquisa Game Brasil 9ª Edição Gratuita**. São Paulo: GO GAMERS, SX GROUP, 2022.

JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2003.

MINUTELLA, V. **(Re)Creating Language Identities in Animated Films**. Cham: Palgrave Macmillan, 2021.

NEWZOO. **Free Version 2022 Global Games Market Report**. Amsterdam: Newzoo, 2022.

O'HAGAN, M.; MANGIRON, C. **Game Localization**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2013.

PIMENTEL, F.; CARDOSO, A.; ROCHA, J.; SANTOS, J.; OLIVEIRA, J. A Produção Acadêmica Brasileira sobre Jogos Digitais. **Internet Latent Corpus Journal**, Aveiro, v. 11, n. 1, p. 95-110, 2021.

PLAZA, J. **Tradução Intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

TOURY, G. **Descriptive Translation Studies – and beyond**. 2. ed. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., 2012.

VENUTI, L. **A invisibilidade do tradutor: uma história da tradução**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

WILLIAMS, J.; CHESTERMAN, A. **The Map: a Beginner's Guide to Doing Research in Translation Studies**. Manchester: St. Jerome, 2002.

TraCEF
Tradução, Cognição, Ensino e Funcionalismo

A ESCRITA ANTROPOFÁGICA DE CAROLINA MARIA DE JESUS E SUA TRADUÇÃO PARA O INGLÊS EM *THE UNEDITED DIARIES*

Aurielle Gomes dos Santos (UFCG; aurielly_@hotmail.com)

Sinara de Oliveira Branco (UFCG; sinarabranco@gmail.com)

INTRODUÇÃO

No contexto da década de 1920, o movimento antropofágico intencionou reafirmar a voz do colonizado sem descartar a influência do estrangeiro. Tratava-se da noção de absorver, metaforicamente através da imagem canibalística, o *input* do outro colonizador, de modo a criar uma cultura própria.

Originalmente, o canibalismo é uma metáfora advinda do ritual de nativos se alimentarem ou beberem o sangue de outros com o objetivo de absorver a força alheia. Nesse sentido, como aponta Vieira (1999), o projeto do grupo antropofágico não nega a influência estrangeira, mas sinaliza a asserção de um espaço pluricultural e polifônico, bem como uma afirmação da identidade nacional através “da apropriação e reciclagem de objetos culturais externos” (1999, p. 99, tradução nossa)¹¹. Em harmonia com tal linha de raciocínio, Haroldo de Campos, em *Da Tradução como Criação e como Crítica*, publicado em 1963, argumenta sobre a importância de relacionar dialeticamente o elemento nacional com o universal. Tal relação não indica uma posição de submissão do nativo, mas, sim, de combate – o nativo que devora quem considera forte o suficiente para renovar suas energias.

No presente trabalho, compreende-se a escrita de Carolina Maria de Jesus como uma escrita antropofágica: a autora apreendeu os artefatos de um sistema letrado, de maneira a produzir um estilo particular e autêntico de escrita. O resultado desse processo de absorção e transformação é uma linguagem marcada por um ritmo fragmentado, que combina elementos marginais e rebuscados. Embora tenha frequentado a escola por pouco tempo, Carolina era tanto letrada como também ávida por consumir e produzir literatura. Ao mesmo tempo, a autora não possuía o domínio do código culto da língua portuguesa, de modo que seus textos são marcados por desvios ortográficos relacionados a pontuação, acentuação, concordância, supressão ou acréscimo de letras etc. Fernandez (2008) desenvolve o conceito de “poética de resíduos” para referir-se a tal hibridismo

¹¹ No original: “appropriation and recycling of the world’s cultural objects.”

característico da obra de Carolina: a “convivência estranha entre [...] a norma culta da língua portuguesa e o desvio linguístico da fala marginal.” (FERNANDEZ, 2008, p. 126). De acordo com a pesquisadora, essa escrita híbrida reflete a condição de marginalidade de Carolina aliada ao seu desejo de “expansão de seu território de vida, para além do espaço-linguagem da favela”, de modo que “a tentativa de escrever ‘literariamente’ lhe serve como uma linha de fuga” (FERNANDEZ, 2008, p. 138). A linguagem caroliniana habita, assim, um entrelugar: está no limiar entre sua condição subalterna e sua aspiração a pertencer ao grupo dominante.

OBJETIVOS

Objetiva-se analisar aqui como essa linguagem antropofágica foi traduzida para o inglês na tradução de *Meu estranho diário – The unedited diaries of Carolina Maria de Jesus*, feita por Nancy P. S. Naro e Cristina Mehrrens e lançada em 1999. Para alcançar esse objetivo, faz-se necessário compreender como tal escrita configura-se no texto em português.

METODOLOGIA

A pesquisa é de natureza qualitativa e, no âmbito dos Estudos da Tradução, se insere no campo de comparação de traduções e seus textos-fonte. De acordo com William e Chesterman (2002), nessa área o pesquisador volta seu olhar para algum aspecto específico do texto de partida, ou textos de partida, como características estilísticas/sintáticas, ou atenta para algum elemento do texto do original que pode ocasionar um problema de tradução, para, então, examinar como o tradutor, ou os tradutores, solucionaram a questão, que estratégias utilizaram. Organizamos os dados a partir de quadros, através dos quais trechos selecionados para a análise dos textos de partida e dos textos de chegada podem ser vistos lado a lado. Num primeiro momento, foi realizada a leitura do texto em português concomitantemente à tradução, de modo a localizar ocorrências da escrita aqui discutida. Depois da coleta de dados, foi realizado o processo de reflexão e análise dos trechos selecionados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da leitura interpretativa, coleta e análise dos dados, verificamos na tradução uma forte tendência para acompanhar os movimentos da escrita antropofágica de Carolina Maria de Jesus, como podemos observar no exemplo a seguir.

Quadro 1

Trecho de <i>Meu estranho diário</i> (p. 97)	Trecho de <i>The unedited diaries</i> (p. 64)
Eu estou tao triste. Estou com tanto nôjo do mundo! porque a vida esta insipida - Da qui uns dias nos não vamos poder comêr mais. [...] Eu fui na Dona Julita. Ela deu-me café comida e carne Fiquei contente. Deus que ajude a Dona Julita. Eu disse-lhe que mandei concertar o radio que o homem cobrou 1.500. Ela achou caro. Não acho caro porque se eu for comprar um novo. Ganhei 50. Comprei 1 quilo de fêijão, um pedaço de melancia e mêio quilo de arroz e o dinheiro zarpou-se.	<i>I am so sad. I am sick of the world! because life is insipid-In a few days we won't be able to eat anymore. [...] I went to Dona Julita. She gave me coffee food and meat I was pleased. May God help Dona Julita. I told her that I sent the radio to be fixed that the man charged 1,500. She found that expensive. I don't find it expensive because if I went to buy a new one [it would be more]. i got 50 cruzeiros. I bought 1 kilo of beans, a piece of watermelon and half a kilo of rice and the money vanished.</i>

Fonte: elaborado pelas autoras (2022).

No Quadro 1, Carolina faz uma reflexão sobre as condições de seu tempo, tecendo uma crítica social ao abusivo aumento dos preços e como isso impacta seu estado mental – produzindo tristeza, “nôjo”, insipidez. Observamos nessa passagem como a autora utiliza elementos cultos da língua portuguesa, como palavras rebuscadas, no intuito de produzir um efeito de literariedade no seu texto. Esse mecanismo encontra-se aliado aos traços da escrita marginal utilizada por Carolina, que é impregnada por elementos de sua oralidade. A autora tenta, portanto, absorver os resíduos (FERNANDEZ, 2008) de uma cultura letrada para enriquecer seu texto. Essa assimilação contribui com a construção da identidade do seu texto – o que compreendemos como um movimento ativo de extrair o que o outro pode oferecer.

É relevante notar nesse trecho os movimentos realizados na tradução para acompanhar a escrita antropofágica da autora. Percebemos, por exemplo, que nas passagens “a vida esta insipida” e “o dinheiro zarpou-se”, as palavras *insipida* e *zarpou-se* foram respectivamente traduzidas como *insipid* (*life is insipid*) e *vanished* (*the money vanished*). Tais escolhas garantem uma aproximação com a escrita canibalística da

escritora, uma vez que a tradução *insipid* explora a transparência do termo em português, ao passo que *vanish* trata-se de um termo com um certo grau de sofisticação. Tais versões produzem um efeito de elegância também no texto de chegada. Já no trecho: “Não acho caro porque, se eu for comprar um novo”, apesar da supressão da conclusão do pensamento, compreendemos o sentido pretendido pela autora. Se ela tivesse que comprar um rádio novo, gastaria bem mais. O desvio de escrita encontrado na versão de partida não é oculto na versão de chegada. Na tradução *I don't find it expensive because if I went to buy a new one [it would be more]*, observamos que, embora haja uma intervenção das tradutoras entre colchetes – no sentido de explicitar a frase – essa interferência é marcada, deixando visíveis a voz de Carolina e a voz do agente tradutor. As tradutoras poderiam simplesmente fazer a correção sem nenhum tipo de marcação, garantindo uma fluidez na versão de chegada. No entanto, a opção por fazer uma explicação extratextual promove uma visibilidade do *status* do texto em inglês como texto traduzido. Compreendemos que tal movimento de correção não anula, mas antes, traz à tona as irregularidades e deslizes do texto de partida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos exemplos aqui apresentados, é possível perceber como a escrita fragmentada de Carolina é uma representação do entrelugar que ela ocupa enquanto mulher negra, favelada e escritora. Além disso, a produção da autora pode ser compreendida como uma tentativa de absorver o elemento culto gerando uma relação dialética com o marginal. Observamos nas ocorrências aqui comentadas que essa escrita antropofágica de Carolina Maria de Jesus pode ser percebida no texto traduzido de *Meu estranho diário*, uma vez que o esforço de Carolina em escrever literariamente é refletido na versão em inglês, ao mesmo tempo que os elementos marginais não são ocultos.

AGRADECIMENTOS

À CAPES, por financiar e tornar esta pesquisa possível.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Haroldo de. Da Tradução como criação e como crítica. **Tempo Brasileiro**, 4-5, p. 31-48, June/Sept 1992.

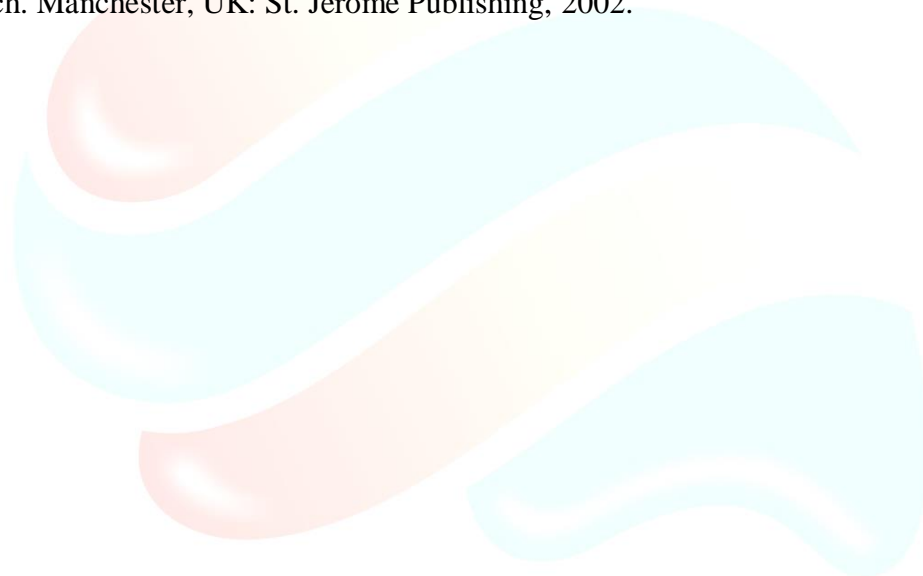
FERNANDEZ, Raffaella Andréa. Percursos de uma poética de resíduos na obra de Carolina Maria de Jesus. **Itinerários**. Araraquara, n. 27, p. 125-146, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/106880>. Acesso em: 28 mai. 2021.

JESUS, Carolina Maria de. **Meu estranho diário**. São Paulo: Xamã, 1996.

JESUS, Carolina Maria de. **The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus**. Trad. Nancy P. S. Naro e Cristina Mehrrens. New Brunswick: Rutgers University Press, 1999.

VIEIRA, Else Ribeiro Pires. **Liberating Calibans**: readings of antropofagia and Haroldo de Campos' poetics of transcreation. *In*: BASSNETT, Susan; TRIVEDI, Harish. (ed.) **Post-Colonial Translation: Theory and Practice**. London: Routledge, 1999. p. 95-113.

WILLIAM, Jenny; CHESTERMAN, Andrew. **The Map**: A Beginner's Guide to Doing Research. Manchester, UK: St. Jerome Publishing, 2002.



TraCEF

Tradução, Cognição, Ensino e Funcionalismo

LA BATALLA DEL TRADUCTOR: UNA VOZ DESDE EL SUR

Antuel D'Adam (FL, UNC; antuel.dadam@mi.unc.edu.ar)

Lorena Baudo (FL, UNC; lorena.baudo@unc.edu.ar)

INTRODUCCIÓN

Si bien a la traducción se la suele caracterizar con la trillada metáfora de “puente entre culturas”, observamos a partir de nuestra labor traductora que el puente no se cruza interculturalmente del inglés al español en sus variantes, con toda la riqueza de la lengua-cultura meta y desde una mirada latinoamericana. Venturi (2017) lleva adelante una descripción general del estado de situación de la enseñanza de la traducción en 350 programas, prácticas de formación, pedagogías y manuales. No se identifican programas latinoamericanos ni de otros espacios de enunciación del Sur con enfoque en la discusión intercultural para la traducción. La presente comunicación tiene por objeto principal exponer una voz y una categoría de análisis alternativas a la hora de interpretar y traducir lenguas en conflicto.

En nuestra investigación se entrecruzan categorías de los estudios de traducción (modulación [MOLINA y ALBIR, 2002]) con nociones de la interculturalidad (traducción, epistemicidio [SANTOS, 2009]). En esta discusión, presentaremos la voz del general Manuel Belgrano, uno de los revolucionarios de la historia latinoamericana y quien destinaba sus momentos fuera del campo de batalla a traducir. Belgrano se nos presenta como referente en sus decisiones traslativas en su versión al español de las Provincias Unidas del discurso final de George Washington. Sobre la base de las técnicas que aplicó, ilustraremos mediante ejemplos de su producción cómo se puede entender la modulación a partir de una mirada desde el Sur.

OBJETIVOS

En primer lugar, se intenta proponer una mirada interdisciplinaria y desde el Sur a la hora de seleccionar la bibliografía de los planes de estudio de la currícula tradicional de la carrera de traducción, que, en su mayoría, pertenece a un lugar de enunciación del Norte o eurocentrado. En segundo lugar, se apunta a llevar adelante una relectura de la categoría de la técnica de traducción “modulación”.

METODOLOGÍA

La traducción, en tanto nexos y mediación entre culturas, es central a la capacidad de todas las partes a dar legitimidad a su versión de los eventos (BAKER, 2006). Es por ello que adoptamos una mirada interdisciplinaria y de interpretación crítica-cualitativa para analizar el corpus seleccionado.

Desde el marco de los estudios interculturales, interpretaremos críticamente si la traducción es un procedimiento con que se puede crear inteligibilidad mutua entre experiencias posibles y disponibles sin destruir su identidad o si supone una dimensión de exclusión, ya que no posibilita una justicia cognitiva¹² de los términos (SANTOS, 2009). Es decir, ¿qué fundamentos de la historia y qué situaciones de diferencia, relaciones de negociación, conflicto y préstamos recíprocos generaron las configuraciones textuales más utilizadas en los textos escritos y orales de la diplomacia respecto de temas que revisten tensión en la mediación o negociación?

A través de la lupa de los estudios descriptivos de la traducción y la interpretación, miraremos con atención el papel del traductor en la producción de las configuraciones bilingües y multilingües y el rol del intérprete en la transmisión del mensaje. Por eso, no aplicamos un modelo comparativo ni contrastivo del objeto de estudio, que sería un modelo estático (CHESTERMAN, 2000), sino que miramos más allá de la equivalencia, enfocándonos en una doble vía de análisis. En la configuración textual desglosamos las técnicas de traducción (NEWMARK, 1988; MOLINA y HURTADO ALBIR, 2002) y de interpretación (BAKER, 2006) que se emplean para el trasvase a la otra lengua y a partir de allí analizamos la participación intelectual, política y humana del traductor y el intérprete: ¿se utilizó calco, préstamo, descripción, equivalente cultural?; ¿la estrategia tuvo una postura de centro o periferia (EVEN-ZOHAR, 1999)?; desde una competencia traductora e intercultural basada en el conocimiento situado, ¿qué alternativas cognitivamente justas y epistemológicamente creativas podrían proponer nuestros traductores e intérpretes en formación con miras a demostrar compromiso ético y político en torno a temas candentes de la agenda nacional e internacional? Una vez ha quedado configurada lingüísticamente y ha circulado también gracias a la interpretación, la traducción asume una posición dentro del sistema de la cultura, proyectándose a otras

¹² DSS define la justicia cognitiva como la recuperación de aquellos conocimientos de grupos y prácticas sociales que quedaron excluidos en procesos de opresión y explotación (epistemicidio), o bien como la construcción de conocimientos de resistencia y de producción nuevos y alternativos (2009, p. 12).

esferas dentro de la cultura de destino. Nuestro análisis apunta a identificar los sentidos que se generan y que afectan a los grupos y las personas: ¿qué instauran como central?, ¿qué efectos retóricos hay?, ¿puede el traductor como agente político de producción advertir estos efectos y proponer cambios para crear otros sentidos?, ¿qué vínculos se establecen respecto de cuestiones de identidad nacional y panhispánica y de un sentido de pertenencia?, ¿qué tensiones y relaciones de poder quedan en evidencia en la comunicación entre comunidades muy diversas en cuanto a creencias políticas, religiosas, económicas?

Discutiremos el posible rol del traductor y el intérprete más allá de su competencia traductora (HURTADO ALBIR, 2013) y funcional (NORD, 2009) a la hora de intervenir desde un tercer espacio, implicándose voluntariamente (TOROP, 2010) sobre la base de su agencia política, y su capacidad de reflexionar sobre el haz de sentidos que afectan las definiciones en torno a grupos, personas y naciones, haciendo hincapié en lo establecido como canónico y sus transformaciones y el margen para la creatividad a la hora de destacar voces invisibilizadas o minoritarias (OSBORNE, 2018).

RESULTADOS Y DISCUSIÓN

- Resultado parcial 1 (Voz):

Se puede sumar interdisciplinariedad a través de voces situadas de otros campos del conocimiento, pero especialmente desde la traducción como activismo cultural.

Manuel Belgrano, además de ser abogado, estadista y militar, se desempeñó como traductor, faceta de su vida por la cual no es muy reconocido. De hecho, entre 1811 y 1813, durante el transcurso de las guerras de independencia libradas para liberar a Argentina y la región del yugo del imperio español, tradujo el discurso de despedida de Washington al pueblo de los Estados Unidos.

En este documento, como así también en el discurso de Gettysburg y en la Constitución de los Estados Unidos, se codifican los valores e ideales fundacionales de dicha nación. Belgrano consideró importante la difusión de estas ideas, así como también la de las ideas de libertad, fraternidad e igualdad impulsadas por la Revolución Francesa, a fin de lograr el progreso de la región. Belgrano admiraba a Washington, y ambos querían terminar con la dominación de la madre patria y buscaban que las únicas relaciones entabladas con Europa fueran comerciales.

Así como Washington buscó transmitir sus ideales a los ciudadanos estadounidenses a través de su “Discurso de despedida”, con la traducción de dicho documento, Belgrano intentó que los habitantes de su América tomaran conocimiento de los valores plasmados allí para lograr la construcción de un estado independiente, libre y unificado.

Consideramos que, para ayudarse a conseguir todo ello, Belgrano se sirvió de la versión preliminar de una técnica de traducción que hemos venido en llamar “posmodulación”. A diferencia de la modulación tradicional de Newmark (1988), esta técnica no solo supone “un cambio de punto de vista, de perspectiva (*éclairage*) o enfoque [o] de categoría de pensamiento en relación con la formulación del texto original” (HURTADO ALBIR, 2013), sino que dicho cambio se ancla en el conocimiento situado y ayuda a crear centros de resistencia donde se generan alternativas epistemológicamente creativas a tendencias homogeneizadoras de la globalización. En el Cuadro 1, hay ejemplos del uso de esta protoposmodulación en la traducción de Belgrano, junto con el análisis respectivo.

Por supuesto, esta técnica tiene aplicaciones en la actualidad, ya que en un mundo donde las tensiones interculturales son cada vez más palmarias e influyentes, los traductores competentes muchas veces podrían optar por posicionarse ideológicamente con firmeza, independientemente de cuál sea dicha posición, para afrontar los desafíos de la traducción planteados por fenómenos contemporáneos como la globalización negativa, las tensiones entre lo local y lo global y la Industria 4.0. A modo de ejemplo, nos gustaría mencionar que, a nuestro juicio, en la traducción al inglés (GAIDO, 2018) del *Manifiesto liminar* de la Reforma Universitaria de Córdoba, Argentina, de 1918 (evento que permitió la democratización de la educación superior en Argentina y que serviría de inspiración al Mayo del 68), los traductores utilizaron la técnica de la posmodulación (Cuadro 2).

- Resultado parcial 2 (Modulación):

La técnica de modulación tal cual se presenta en bibliografía de referencia no es suficiente para resolver problemas de traducción de las lenguas en conflicto con una mirada contrahegemónica.

Cuadro 1

Posmodulación en la traducción de Belgrano del “Discurso de Despedida” de Washington

“ <i>Farewell Address</i> ”	“Discurso de despedida de Wáshington al pueblo de los Estados Unidos”
<p>“The North, in an unrestrained intercourse with the South, protected by the equal laws of a common government, finds in the productions of the latter great additional resources of maritime and commercial enterprise and precious materials of manufacturing industry.”</p>	<p>“Comunicándose los países septentrionales con los meridionales, sin restricción alguna, y bajo la protección de leyes iguales de un gobierno común, hallan aquéllos en las producciones de éstos, recursos para empresas marítimas y mercantiles, y materiales preciosos para su industria”.</p>
<p>Washington y Belgrano remarcaron la importancia de mantener la unidad de gobierno en sus respectivas regiones. Washington deseaba la unidad de los estados del norte y del sur de Estados Unidos, y Belgrano pretendía lo mismo para los países septentrionales y meridionales de lo que es hoy América del Sur (en ese entonces, las Provincias Unidas del Río de la Plata).</p> <p>En este caso, Belgrano se apropia del binomio “<i>North-South</i>” y lo transforma en el binomio “países septentrionales-países meridionales”: Belgrano transforma una unidad administrativa (estado) en otra (país). Así, se fomenta su plan de organización transnacional.</p>	
<p>“The name of American, which belongs to you, in your national capacity, must always exalt the just pride of Patriotism, more than any appellation derived from local discriminations”.</p>	<p>“El nombre de americano, que os pertenece en vuestro estado nacional, siempre debe excitar un justo orgullo patriótico, más que cualquier otro nombre, que derive de los lugares en que habéis nacido”.</p>
<p>Aquí Belgrano se apropia del término “americano” y lo resignifica en lo que, a primera vista, podría parecer una traducción literal y un epistemicidio. En realidad, es muy probable que el “americano” de Belgrano remita al continente del plan de organización transnacional al que aspiraba. Nuevamente, se promueve la “unidad de gobierno” que desea.</p>	

Cuadro 2

Posmodulación en la traducción al inglés del <i>Manifiesto liminar</i>	
“Estamos viviendo una hora americana”	“<i>We are living a historical time for Latin America</i>”
En las versiones al alemán, francés, portugués e italiano del <i>Manifiesto liminar</i> , se optó por una traducción literal. Sin embargo, en la traducción al inglés eso no ocurrió, a saber, no se empleó “ <i>historical time for America</i> ”. A nuestro juicio, los traductores del texto al inglés usaron la técnica de la posmodulación para abogar por el proyecto de “Latinoamérica unida”, tan en boga en la actualidad, y que, en cierta medida, es equivalente al que tenían los autores del <i>Manifiesto liminar</i> y, curiosamente, al de Belgrano.	

CONSIDERACIONES FINALES

El perfil del traductor inmerso en un mundo global, pero en tensión, debe ser más que un mero traductor funcional (NORD, 2009). Debe poner de relieve su competencia traductora unida fuertemente a su dimensión humana, enriqueciéndola con una perspectiva de compromiso ético y político desde la interculturalidad y el conocimiento situado.

En nuestra investigación se entrecruzan categorías de los estudios de traducción (modulación [MOLINA y HURTADO ALBIR, 2002]) con nociones de la interculturalidad (traducción, epistemicidio [SANTOS, 2009]). En esta discusión, presentaremos la voz del general Manuel Belgrano, uno de los revolucionarios de la historia latinoamericana y quien destinaba sus momentos fuera del campo de batalla a traducir. Belgrano se nos presenta como referente en sus decisiones traslativas en su versión al español de las Provincias Unidas del discurso final de George Washington. Sobre la base de las técnicas que aplicó, ilustraremos mediante ejemplos de su producción cómo se puede entender la modulación a partir de una mirada desde el Sur.

AGRADECIMIENTOS

Queremos agradecer al Instituto Nacional Belgraniano por su generosa donación de libros, en especial las traducciones del general Manuel Belgrano, a la Biblioteca de la Facultad de Lenguas. Tal insumo se ha convertido en un corpus valioso y novedoso para la presente investigación.

REFERENCIAS

- BAKER, M. **Translation and Conflict: A Narrative Account**. London: Routledge, 2006. 220 p.
- BAUMAN, Z. **Liquid Fear**. Cambridge: Polity, 2006. 236 p.
- BELGRANO, M. **Despedida de Wáshington al pueblo de los Estados Unidos**. Buenos Aires: Imprenta de Niños Expósitos, 1813. 31 p.
- CHESTERMAN A. A causal model for Translation Studies. In: OLOHAN, M. (ed.) **Intercultural Faultlines**. Manchester: St Jerome Publishing, 2000. p. 15-27.
- EVEN-ZOHAR, I. Factores y dependencias en la cultura: Una revisión de la teoría de los polisistemas. In: SANTOS, M. I. (ed.) **Teoría de los Polisistemas: estudio introductorio, compilación de textos y bibliografía por Montserrat Iglesias Santos**. Madrid: Arco, 1999. p. 23-52.
- GAIDO, A. (ed.). **1918 MANIFIESTO LIMINAR cinco versiones 2018**. Disponible em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/ReCIT/article/view/20623>. Acceso em: 17 abr. 2022.
- HOLMES, J. S. The Name and Nature of Translation Studies. In: HOLMES J. S. (ed.) **Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies**. Rodopi: Amsterdão, 1988. p. 67-80.
- HURTADO ALBIR A. **Traducción y traductología: introducción a la traductología**. 6. ed. Madrid: Cátedra, 2013. 696 p.
- LETTS DE ESPIL, C. Belgrano and Washington. **Their Collaboration in Immortality. Bulletin of the Pan American Union**, Washington D.C., p. 64-69, jan./dez. 1944.
- MOLINA, L.; HURTADO ALBIR, A. **Translation Techniques Revisited: A Dynamic and Functionalist Approach**. Meta, v. 47, n.4, p. 498-512, 2002.
- NEWMARK, P. **More Paragraphs on Translation**. California: Multilingual Matters, 1988. 226 p.
- NORD, C. **El funcionalismo en la enseñanza de la traducción**. Mutatis Mutandis, v.2, n. 2, p. 209-243, 2009.
- OSBORNE, T. Translation, International Relations and Diplomacy. In: HARDING, S.; CARBONELLI CORTÉS, O. (Eds.) **The Routledge Handbook of Translation and Culture**. Abingdon, Oxon: Routledge, 2018. p. 517-532.
- SANTOS, B. de S. **Una epistemología del Sur: la reinención del conocimiento y la emancipación social**. Buenos Aires: CLACSO; Siglo XXI Editores, 2009. 368 p.

SANTOS, B. de S. **Epistemologies of the South. Justice against Epistemicide.** Abingdon: Routledge, 2014. 284 p.

TOROP, P.; OSSIMO, B. **Historical identity of translation:** from describability to translatability of time. *Trames*, v. 14, n. 64/59, 4, p. 383-393, 2010.

VENTURI, L. (ed.). (2017). **Teaching Translation.** Programs, Courses, Pegagogies. Londres y Nueva York: Routledge.

WASHINGTON, G. **Farewell Address.** 1796. Disponível em: <https://www.loc.gov/resource/mgw2.024/?sp=229&st=text>. Acesso em: 6 abr. 2022.



TraCEF

Tradução, Cognição, Ensino e Funcionalismo